



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**SHEILA HEMPKEMEYER**

**PEDALAR: uma experiência educativa sobre duas rodas na  
cidade**

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Hempkemeyer, Sheila  
PEDALAR: uma experiência educativa sobre duas rodas na  
cidade / Sheila Hempkemeyer ; orientador, Leandro  
Belinaso Guimarães - Florianópolis, SC, 2016.  
154 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós  
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Estudos Culturais e Educação. 3.  
Narrativas Ficcionalis. 4. Experiência e Cotidiano. 5.  
Bicicleta e Cidade. I. Guimarães, Leandro Belinaso. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós  
Graduação em Educação. III. Título.



**SHEILA HEMPKEMEYER**

**PEDALAR: uma experiência educativa sobre duas rodas na cidade**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

Florianópolis

2016



Sheila Hempkemeyer

**PEDALAR: uma experiência educativa sobre duas rodas na cidade**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação.

Florianópolis, 11 de Julho de 2016.

Ione Ribeiro Valle

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Coordenadora do PPGE/CED/UFSC

Banca Examinadora

Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães (PPGE/UFSC - Orientador)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Daniela Ripoll (ULBRA - Examinadora)

Prof. Dr. Eduardo Silveira (IFSC - Examinador)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Apoliana Regina Groff (UFSC - Examinadora)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Gilka Elvira Ponzi Girardello (PPGE/UFSC - Suplente)



*Ofereço esta coleção de palavras, escritos, reflexões, trajetos e afetos a todas as pessoas que arriscam pensar outras formas de educação. Bem como a todes pedalantes e bicicletas que cruzaram meu pedalar até aqui.*

*Pela oportunidade de poder aprender, experimentar, sentir e pensar a bicicleta para além de um objeto, enquanto vida atuante e educante na vida da gente.*



Faça chuva, faça sol, lá vem a menina-  
mulher com sua bicicleta fenomenal.  
Transbordando afetos, distribuindo sorrisos e  
agradecimentos a cada **Triti Triti** de sua  
sineta amiga.

O primeiro **Triti Triti** e gratidão especial,  
com direito a um “chero” e muito amor, vai  
para a **hempke\_family**. Muito antes deste pedal  
dissertativo se concretizar sempre a  
acompanharam, apoiando e incentivando suas  
pedaladas. As vezes, inclusive, pedalando  
junto com ela. Hoje também vivem bicicleta,  
respeitando acima de tudo os trajetos malucos  
que ela inventa traçar.

Deliciando-se com o vento que corta e  
atravessa seu rosto e corpo ela continua  
pedalando compondo sua melodia “sinetal”...

**Triti Triti** para as amigas e ídolas da  
menina-mulher: **Poli, Josi e Anowiska**, que  
em certas ocasiões acreditaram mais nela que  
ela mesma. Sendo farol - tantas vezes -

quando ela perambulava no escuro sem saber para onde ir. Foram hospedagem acolhendo-a com enorme aconchego, e também parceria pedalante nas suas travessias e travessuras.

**Tritã Tritã** para quem aceitou ser seu guia sem nem mesmo conhecê-la: **Leandro**. Um dos responsáveis por fazer tudo isso acontecer, desse jeito leve, libertador e abarrotado de experiências sensíveis. **TECENDO**

coletivamente os trajetos culturais artísticos educacionais e afetivos que ela fez questão de colecionar, guardando-os com muito zelo e carinho na garupa de sua bici, possibilitando a costura de outros olhares para a educação.

**Tritã Tritã** para todes seres pedalantes que participaram, direta ou indiretamente, deste enredo. Inspiração para ver, viver e pensar múltiplas formas de experimentar bicicleta, de ser pedalante. Que ampliaram o repertório da menina-mulher-pedalante, desafiando, sem querer querendo, suas práticas cotidianas.



**Trin Trin** para as bicicletas que rodaram  
consigo até aqui e juntas se constituem seres  
pedalantes, rExistindo, reinventando e  
redesenhando suas trajetórias e suas vidas.

**Trin Trin Trin**



*"A estrada é uma espada. A sua lâmina rasga o  
corpo da terra. Não tarda que a nossa Nação  
seja um emaranhado de cicatrizes, um mapa feito  
de tantos golpes que nos orgulhemos mais das  
feridas que do intacto corpo que ainda  
conseguirmos salvar."*

*(Mia Couto - "As Mulheres de Cinza: as  
areias do imperador")*



## RESUMO

A pretensão desta peça dissertativa é contar histórias singulares sobre seres pedalantes para além do concreto urbanístico. Ouvi-las, descobri-las, colecioná-las, tecendo olhares sobre a bicicleta na/e a cidade. A pesquisa discute algumas formas de subjetivação contemporânea, estratégias de reexistência e expressão, vendo a educação enquanto acontecimento dinâmico e permanente. Enxerga na bicicleta um potencial educativo e ambiental, apoiando-se nos Estudos Culturais e contribuições coletivas costuradas pelos referenciais teóricos que escolhemos e pelos múltiplos encontros “pedalísticos”. Tem por objetivo refletir sobre olhares e narrativas que produzem e são produzidas a partir do encontro entre pessoas e bicicletas, enquanto corpo pedalante nesta relação bicicleta-cidade. Como isso as/os afeta? Que experiências são produzidas? Um estudo que atravessa estes corpos híbridos para além do simples ato de pedalar, potencializando narrativas ficcionais e suas inventividades expressas na página do *facebook* “Seres Pedalantes”, criada a partir da imersão etnográfica a fim de coletar e disparar outras histórias e olhares sobre o tema proposto. Uma metodologia tecida no fazer cotidiano da pesquisa. Através do inventário de imagens e narrativas, analisa os efeitos educativos da bicicleta na vida das pessoas. Pensando a cidade enquanto mudança cotidiana acontecendo através do olhar e do sentir pedalante, relacionando o ambiente e a dinâmica destes corpos que pedalam, tecendo múltiplas afetações estéticas, poéticas, políticas, abrindo brechas para refletir os acontecimentos cotidianos. O movimento dos pedais e as engrenagens rodando na bicicleta, no ato de pedalar, pode ser proporcional ao movimento almejado na urbe. Um lugar que permita deslocamentos mais sensíveis, lentos e intensos. Neste encontro, permeados de afetos e aprendizagens modificam ambientes. O trabalho discute ainda os movimentos de pesquisa e seus efeitos em quem pesquisa e é pesquisado(a).

**Palavras chaves:** Estudos Culturais; Educação; Experiência; Narrativas Ficcionais, Cotidiano, Bicicleta; Cidade.



## ABSTRACT

The pretension of this dissertative play is telling singular stories about pedaling beings, for further than the urbanistic concrete. Hear them, discover them, collect them, providing other consideration about the bicycle in the/and the city. The research discusses some ways of contemporary subjectivation, strategies of re-existence and expression, seeing education as a dynamic and permanent event. It sees in the bicycle its educative and environmental potential, supporting itself in the Cultural Studies and in the collective contributions which are connected by theoretical references that have been chosen and by the multiple “pedalistic” meetings. Having as aim reflect about outlooks and narratives that produce and are produced from the meeting among people and bicycles, as pedaling body in this relation bicycle-city. How does it affect them? What experiences are produced in this relation? A study that crosses these hybrid bodies for further of the simple act of pedaling, potentiating fictional narratives and their inventiveness expressed in facebook page "Seres Pedalantes" created from the ethnographic immersion to collect and shoot other stories and perspectives on the theme. Making methodology in the daily tasks of the research. Through the inventory of images and narratives, it analyzes the educative effects of the bicycle in people' lives. Think this city as daily change happening through the outlook and the pedaling feeling, relating the environment and the dynamic of these bodies that pedal, making multiple aesthetic, poetic and political affectations, opening spaces to reflect the daily events. The pedals' movement and the gears rounding in the bicycle, in the act of pedaling, can be proportional to the aimed movement in the city. A place that allows more sensible, slower and more intense displacements. In this meeting, permeated by affections and learnings change environments. The work still discusses research movements and its effects on who researches and who is researched.

**Keywords:** Cultural Studies; Education; Experience, Fictional Narratives, Daily, Bicycle; City.





## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto poça d'água de coração (acervo pessoal – 27/03/2013).	43
Figura 2: Loja de souvenirs no aeroporto de Bogotá (acervo pessoal).	61
Figura 3: Logomarca de loja de vestuário em shopping de Blumenau (acervo pessoal).....	62
Figura 4: Comercial do Fiat Punto sugere uso da bicicleta. Narra que o carro é para quem tem personalidade “até para deixá-lo na garagem”. (Fonte: <a href="http://ciclovivo.com.br/noticia/novo-comercial-da-fiat-sugere-uso-da-bicicleta/">http://ciclovivo.com.br/noticia/novo-comercial-da-fiat-sugere-uso-da-bicicleta/</a> ).....	62
Figura 5: Cartaz da Massa Crítica Global em protesto as mudanças climáticas, evento COP21/Paris.....	63
Figura 6: Cartaz da Massa Crítica Global em protesto as mudanças climáticas, evento COP21/Paris.....	63
Figura 7: Cartaz da Massa Crítica Global em protesto as mudanças climáticas, evento COP21/Paris.....	63
Figura 8: Feira sobre bicicleta que aconteceu em Setembro/2015 em São Paulo - Brasil.....	64
Figura 9: Evento mundial sobre bicicleta ocorrido na França em Junho/2015.....	64
Figura 10: Evento mundial de empoderamento feminino com a bicicleta em Maio/2015.....	64
Figura 11: Praça de Bolso do Ciclista em Curitiba/PR.....	65
Figura 12: Azulejos na Praça de Bolso do Ciclista, Curitiba/PR.....	65
Figura 13: Bicycletas de personagens infantis.....	66
Figura 14: Bicycletas de personagens infantis.....	66
Figura 15: Bicicleta balance sem pedal indicado para crianças até 4 anos.....	66
Figura 16: Bicicleta Da Vinci.....	73
Figura 17: Celerífero.....	74
Figura 18: Draisiana - 1818.....	76
Figura 19: Draisiana com pedal - 1839.....	78
Figura 20: Michalines - 1860.....	80
Figura 21: Bicicleta "Quebra-osso" desenhada.....	81
Figura 22: Bicicleta "Quebra-osso" (conhecida também por Penny	

Farthing) exposta no FMB5 - Chile.....	81
Figura 23: Penny Farthing pelas ruas de Santiago/Chile - Abril 2015..	82
Figura 24: Bicicletas a partir de 1900.....	84
Figura 25: Bicicleta a partir de 1900 ficcionada.....	84
Figura 26: Bicicleta urbana.....	85
Figura 27: Mountain Bikes (Pratinha e Magrelita) adaptada para cidade. .....	86
Figura 28: Mountain Bike Catrina.....	86
Figura 29: Bicicletas Strida.....	87
Figura 30: Bicicleta cargueira pelas ruas de Valparaiso/Chille.....	88
Figura 31: Bicicletas dobráveis FMB5 - Chile (acervo pessoal).....	89
Figura 32: Bicicleta dobrável Florentina.....	89
Figura 33: Bicicletas infantis pelas ruas de San Pedro de Atacama/Chile (acervo pessoal).....	91
Figura 34: Bicicletas BMX e suas manobras.....	92
Figura 35: Bicicleta fixa Frida_Xê.....	93
Figura 36: FoodBike - bicicleta adaptada para fazer coquetéis (acervo pessoal).....	94
Figura 37: Beauty Bike (acervo pessoal).....	95
Figura 38: Encontro Bicultura 2016 - BiblioCici, Ciclosomero pelas ruas de São Paulo. (acervo pessoal).....	95
Figura 39: Bicicleta estilo LowRider - FMB5 Chile (acervo pessoal)..	96
Figura 40: Bicicleta Tandem estilo LowRider - FMB5 Chile (acervo pessoal).....	96
Figura 41: Bicicleta Tandem no Bicultura – Fotografia Silvia Ballan	97
Figura 42: Perfil fanpage Seres Pedalantes.....	111
Figura 43: Primeira postagem na página Seres Pedalantes em 13 de abril de 2015.....	115
Figura 44: Postagem na página Seres Pedalantes em 14 de abril de 2015. .....	116
Figura 45: Postagem na página Seres Pedalantes em 18 de abril de 2015. .....	118
Figura 46: Postagem na página Seres Pedalantes em 25 de abril de 2015. .....	119
Figura 47: Descrição sobre a página Seres Pedalantes.....	120
Figura 48: Foto Alessandra Klug.....	130

Figura 49: Foto Gutemberg Cunha.....	131
Figura 50: Foto Fernando Braga.....	131
Figura 51: Foto Junior Zurdo.....	132
Figura 52: Foto Renato Zerbinato.....	132
Figura 53: Foto Ana Carolina Rodrigues.....	133
Figura 54: Fotos Rachel Schein.....	133
Figura 55: Foto Rachel Schein.....	134
Figura 56: Foto Wilberto Boos.....	135
Figura 57: Foto Adriana Boos.....	136
Figura 58: Foto Neide Maria Rosa.....	136
Figura 59: Foto Claudia Valente.....	137
Figura 60: Foto Zilthai Reis.....	137
Figura 61: Foto Mlorgana Mendonça.....	138
Figura 62: Foto Ricardo Martins Batista.....	138
Figura 63: Foto Bruno Ricardo.....	139
Figura 64: Foto Ariane Storch Portal.....	139
Figura 65: Foto Marcella Marconi.....	140
Figura 66: Abraçando com a bicicleta “Gabi” o Deserto do Atacama/Chile - FMB5 2016.....	147
Figura 67: Artigo publicado - Bicicleta Massa Crítica.....	153
Figura 68: Artigo publicado - Ruas Sustentáveis.....	154



## SUMÁRIO

Capítulo 1 – O narrar de um trajeto: costurando as primeiras pedaladas.....	25
1.2 – Saudações pedalantes: construção de uma pesquisa.....	36
1.3 – Bicultura: o universo “pedalístico” vinculado a bicicleta.....	57
Capítulo 2 – Bicicleta: minha história.....	71
2.1. A criação da “espécie” Bicicletada.....	72
Capítulo 3 – Lubrificando a magrela e calibrando os pneus: como a pesquisa acontece.....	103
Capítulo 4 – Narrativas pedalantes de uma experiência educativa.....	127
4.1 – Últimas pedaladas: o que há depois da curva?.....	144
Referências Bibliográficas.....	149
Anexos.....	153



## Capítulo 1 – O narrar de um trajeto: costurando as primeiras pedaladas.

*“Narrar a si, narrar a nós. Narrar sobre mim, narrar sobre nós. Narrar aqui, narrar ali. Narrar faz nascer/existir um outro ser que habita em mim. Narrar um fato, um ato. Narrar uma história (minha história!), uma experiência. Narrar de dia, ou a noite. Narrar o novo, de novo. Narro a partir do mundo que me habita, e este mundo está atravessado em meu corpo. Ao narrar leva-se em conta a leveza da narrativa, a estética possível do mundo que me habita.*

*O eu exteriorizado podendo pertencer aos outros, a todos nós. Um eu que não é só meu, mas que existe somente no nós, e se faz possível entre nós. Narrar para ti, para mim, para nós!”*

*(Ensaio, Diários de Campo - 09/Novembro/2014)*

Cheiros, aromas, texturas, sons e imagens (físicas ou mentais) ativam memórias, até as mais profundas. Lembro de fragrâncias inebriantes de minha infância. Uma delas me causa suspiros e alegrias: o cheiro dos tecidos na sala de costura de minha avó. Todo aquele colorido vibrante, em diversos pedaços e tamanhos, amontoados e espalhados por todos os cantos e meios. Panos, máquinas de costura, agulhas e linhas desde sempre serviram de molde para cerzir minha história. A sala de costura era local onde as brincadeiras aconteciam, inventando mundos. Virou herança de família. Além de estar em meu corpo se fez presente também em minha morada até hoje. Um espaço criativo onde perco tempos e componho inventos. Foi ali também que ficou “escondida” minha primeira bicicleta sem rodinhas.

Todo este emaranhado têxtil são pequenos fuxicos<sup>1</sup> que juntos formam esta peça dissertativa. Escolhi propositalmente estes recortes afetivos para iniciar a tecida desta história. Acessando as memórias mais

---

1 Técnica artesanal que aproveita restos de tecidos.

ativas que possam mostrar tanto para mim quanto para quem se aventurar a ler (ou pedalar comigo nesta pesquisa) o percurso que me fez chegar até aqui. Pegue sua bicicleta ou suba na minha garupa. Acomode-se e sinta o vento cortando seu corpo. Não se afugente com as ladeiras. Sinta a explosão de seus músculos em atividade e te afirmo que as descidas compensarão qualquer esforço.

Antes de tudo, e desde já, tenho como proposta “brincar” com narrativas, tanto as minhas como dos sujeitos e sujeitas pedalantes desta pesquisa. Conforme Galindo, Martins e Rodrigues (2014) “o ato de contar histórias atualiza e produz dispositivos de inscrição para a memória. [...] As narrativas nos ajudam a redigir a partir de múltiplas fontes, auxiliando-nos a entendê-las e organizá-las de maneira que possam ser compartilhadas com quem as lê” (p. 297).

Todo croqui (a ideia de uma peça) é rascunhado no papel, depois transforma-se em molde, retalhos, remendos e a tão idealizada vestimenta. Meu(s) croqui(s), ou minhas narrativas foram sendo esboçadas no diário de campo, desde o início do mestrado, como forma de praticar o desenho e/ou a escrita. Não deixando escapar experiências do cotidiano acadêmico, e fora dele, que me atravessaram na pesquisa. A arte de escrever a mão foi encorajada desde as primeiras orientações. Assim se fez o encontro entre papel, às vezes caneta, às vezes lápis, e o pedalar dos dedos dançando, freando, curvando-se, subindo e descendo as linhas do caderno, exteriorizando ideias e pensamentos. De acordo com os autores citados anteriormente, este processo é um “re-narrar” o que já foi narrado um dia, e “essa experiência em palavras, nos permite liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo” (LARROSA, 2014, p.5)

Nasci e moro na região do Vale do Itajaí, em Blumenau. Uma cidade construída à beira de um rio, o Itajaí-Açu, de nome tupi que significa “grande rio de pedras”. Rios foram nossas primeiras vias



(hidrovias) de condução, guiando-nos pela exuberante e abundante diversidade ambiental. A água é sinônimo de vida, deste modo é comum estabelecermos território fixo no seu entorno. Apesar de sua imensa importância para manutenção da vida no planeta, rios vem sofrendo os efeitos devastadores da nossa existência. Em Blumenau não seria diferente. Desde a sua fundação tem sua história marcada por grandes enchentes e enxurradas, tornando-se cruciais para contar sua história. Este foi um dos motivos que me impulsionaram a usar a bicicleta e, por isso, minha pesquisa hoje abarca esta temática.

Olhar para o “grande rio de pedras” e enxergar suas cicatrizes e belezas foi algo que aconteceu pedalando. Sua visibilidade tornou-se presença quando subi na magrela e aceitei o convite para escutar a polifonia da cidade, percebendo inclusive o colorido que me rodeava. Entre inundações e encantos o rio foi inspiração, curiosidades, admiração e respeito. Serviu de passagem para imigrantes europeus se instalarem e erguerem suas colônias na região. Antes destes viviam povos indígenas conhecidos como Botocudos, que posteriormente foram exterminados. Com o estabelecimento e expansão das colônias o espalhamento do rio se tornou um problema. Em um encontro pedalante ouvimos (eu e minha bicicleta) seus lamentos:

*Meus transbordamentos foram mal interpretados. Gerei medo e descaso. Por medo ergueram-se barreiras (barragens) para minha contenção. Por descaso, aos poucos, podaram as raízes que me davam sustentação. Com o crescimento cada vez mais acelerado depositaram em mim seus dejetos mais putrefatos. Fui morrendo aos poucos. Vez ou outra eu vos lembrava de que estava aqui bem antes deles, e que não precisavam temer. Respeito é o que eu queria. Infelizmente meu alerta não foi acolhido. Meus transbordamentos não eram mais de alegria. E sim de dor, tristeza, cólera e melancolia. De tempos em tempos, apesar do papel*

*coadjuvante que me colocam, faço questão de mostrar meu protagonismo. Lamentável que tenha que ser assim, ser lembrado em tempos ruins. Minhas águas barrentas, por trechos corrompidos, merecem atenção e zelo. Meu destino é o encontro com as águas salinas. Amiga que recebe, conserva e esconde em suas profundezas os rastros e marcas de tudo que choro. E como choro. Não é a toa que lágrimas são salgadas. Apesar de tudo, me mantenho em movimento, seguindo o encontro na imensidão do mar. Calado para uns/umas, cantando para outros/outas. A vida, mesmo que por trechos sinuosos e barrentos, com fúrias e medos, é um espetáculo. Que possamos, na contemplação, não só em dias impiedosos, aproveitar estes momentos em curso. Transbordar de alegrias e contentamentos. (Desabafo de um rio a uma bicicleta amiga – Ensaio, Diários de Campo. 20/Julho/2015)*

A cidade, bem como a região do Vale do Itajaí, se desenvolveu em torno da indústria têxtil, sendo referência em todo o país. Criou-se na região a cultura têxtil, trazida pelos primeiros imigrantes europeus, e que possibilitou o surgimento de grandes empresas do ramo na cidade (Hering, Dudalina, Teka, Artex, etc). Este fato histórico e cultural, que permanece até hoje, se fez pelos aspectos econômicos na localidade, onde estes imigrantes perceberam a oportunidade para construir esta cultura. Hall (1997) faz esta relação entre cultura e economia, e que juntos ambos aspectos regulam a vida das pessoas. A centralidade na cultura a partir de Hall (1997) nos faz pensar que ela “[...] nos governa — “regula” nossas condutas, ações sociais e práticas e, assim, a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla.” (p. 18).

Crescendo em meio a esse emaranhado, inserida nesta cultura, com avó costureira, mãe costureira, vendo fios se transformando em rolos de tecido, desde pequena guardava e brincava com os pedaços de

malhas que sobravam. Fazia roupas para as bonecas e tudo que a imaginação permitia, naquela fase, criar, com todo aquele amontoado de restos de tecidos. Praticava, sem querer, a reutilização do que era lixo na época. Claro, sem nenhuma pretensão ambiental. Somente pelo simples fato de divertir-se com os retalhos. Atividade esta que carrego comigo até hoje, recortando-os e costurando-os. Não como uma profissão, mas por prazer de usar o que se faz, ou de fazer o que se usa. Um encontro estético com o tecido e a possibilidade de (re)criar entre os achados de algodão.

Questões ambientais me motivavam desde que eu frequentava o ensino fundamental. Na escola que estudava, todo ano era feita uma gincana para arrecadar materiais recicláveis e, como “prêmio” pela ação, quem mais conseguisse trazer estes materiais ganhavam viagens/passeios de lazer (Beto Carreiro World, Parques Aquáticos da região, por exemplo). Lembro que aquela ação mobilizava a escola e a comunidade inteira. Desde então esta prática foi incorporada no cotidiano em minha casa, separando lixo orgânico e reciclável.

No ensino médio o professor de Biologia fez eu repensar as ações de mobilização ambiental que vivi na escola anterior. Ele disse que gincanas de reciclagem nada mais eram que promoção ao consumo, já que motivavam a competição entre os(as) estudantes para alcançar um determinado prêmio. A reciclagem era fundamental, mas sem problematizar o consumo tornava-se paliativa. Estas vivências marcaram minha prática ambiental na infância e adolescência. Comecei a refletir intensamente sobre estas temáticas.

Na década de 1990, quando era adolescente, temas como aquecimento global e sustentabilidade estavam emergindo massivamente, sendo muito debatidos nas aulas de ciências. Mesmo com todos atravessamentos “eco-culturais” que me geravam incômodos sobre o mundo, decidi cursar Psicologia. Não sei ao certo até hoje dizer o porquê desta escolha. Talvez as inquietudes que carregava me levaram

a problematizá-las em um viés mais social e subjetivo. Para o campo do abstrato, da reflexão onde perguntar era a melhor resposta que eu poderia dar e receber.

Durante a graduação tive contato com um mundo completamente outro, diferente de tudo o que eu havia conhecido até então. No primeiro dia de aula um professor lançou a questão para a turma: “por que vocês escolheram estar aqui?”, e lembro que muitos responderam, inclusive eu, “queremos ajudar as pessoas!”. Após esta apresentação veio a primeira desconstrução de ideias para mim: “Se vocês querem 'ajudar' pessoas, este não é o lugar”. E me abri para descobrir qual seria a razão para eu estar ali. As Ciências base da Psicologia (Filosofia, Sociologia, Antropologia, por exemplo) fizeram com que eu ingressasse num universo inteiramente estranho e com isso percebesse que todo meu ser não era só meu, e que minhas vontades, meus desejos, minhas angústias, não brotavam em mim do nada. Não era à toa que a maioria tinha dado a mesma resposta àquela pergunta feita no primeiro dia de aula. Somos seres sociais e sofremos, mais do que pensamos ou percebemos, as interpelações da cultura.

Conforme Hall (1997) “toda a nossa conduta e todas as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais.” (p.19). Somos seres construídos(as), reconstruídos(as), formados(as) e transformados(as) através da cultura, esta que também criamos ao modificarmos a nós mesmos(as). Hoje parece fácil falar disso, mas foi um processo relativamente longo e árduo de desconstrução de toda a “essência” humana que eu acreditava existir.

Faço parte da primeira geração em minha família a concluir o ensino superior. Nem meus pais, tios/tias e avós tiveram esse privilégio antes. Portanto, não era só meu mundo que estava mudando totalmente, mas ao meu redor, com as pessoas que me cercavam. As minhas descobertas já não eram só minhas, estavam cotidianamente

coletivizadas, tornado-se nossa.

Fui bolsista durante toda minha graduação, tendo que lidar com situações adversas durante este processo. Desde a prática das gincanas com material reciclável e com a fala daquele professor no ensino médio, para mim ficou claro que sustentabilidade e consumo são coisas indissociáveis. A participação em congressos e eventos científicos da área permitiram a ampliação para este outro mundo. Conheci lugares e produções de conhecimento sobre a história da humanidade para além do senso comum. Mesmo que o caminho percorrido fosse para uma ciência humana, ainda práticas e questões ambientais permaneciam atravessadas no meu cotidiano.

Durante esta trajetória, resalto dois encontros que contribuem para eu estar hoje no Mestrado em Educação, não só falando de temas ambientais, mas também fazendo parte do coletivo TECENDO. O primeiro, foi o contato que tive com *Michel Foucault*, ao fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a temática do Sistema Prisional Brasileiro e a Psicologia. Autor que, conforme Hall (1997), “[...] nos anos 1970 e 1980 foi de uma influência crucial para a virada cultural” (p. 12), movimento este que “[...] força-nos a repensar radicalmente a centralidade do 'cultural' e a articulação entre os fatores materiais e culturais ou simbólicos na análise social. Este é o ponto de referência intelectual a partir do qual os 'estudos culturais' se lançaram.” (idem). Referências estas que são fonte dos estudos do TECENDO, bem como dos demais autores e autoras trabalhados nesta pesquisa.

Desde o contato com *Foucault* em sua obra *Vigiar e Punir* percebi que além de seres culturais, somos também históricos, e que as instituições (escolas, hospitais, prisões, etc) que criamos servem para normatizar (e também normalizar) nossos comportamentos e corpos, sendo extremamente ativas - e por vezes perversas, de forma sutil - na vida das pessoas, na nossa vida. Ler *Foucault* é repensar nossa ação no mundo, repensar a própria história do mundo humano civilizado.

O segundo, foi que, dentre as possibilidades de estágio que tive na época da graduação, escolhi a área de educação, mais especificamente educação em saúde. Tive a oportunidade de, durante o estágio de um ano num ESF (Estratégia de Saúde da Família) na cidade de Blumenau, trabalhar também questões ambientais, já que a comunidade do ESF era na periferia da cidade, e os recursos eram sempre muito escassos. Realizamos intervenção na equipe do ESF e na escola do bairro, e todo material utilizado para o trabalho fazíamos a partir de material reciclável (ou reaproveitável). E, por ser um estágio em educação, aplicamos conceitos específicos que facilitam meu estar hoje na área. Em paralelo a isso estagiei também no campo jurídico, com foco na mediação familiar no Núcleo de Práticas Jurídicas da universidade, e clinicando, prática obrigatória do curso, me formando no início de 2008.

Enquanto isso tudo acontecia, fui arriscando trabalhos manuais com material reciclável, por simples hobby bem como para dar um destino mais “bonito” a eles. Tudo que via e ouvia sobre destinação de resíduos recicláveis me estimulavam a saber mais. Além do hobby, após me formar, atuei como Conselheira Tutelar em Blumenau, de 2008 a 2013, em períodos alternados. Era suplente e exercia esta função em períodos de férias de conselheiros/conselheiras e/ou por afastamento dos mesmos. Com esta prática iniciei uma formação pessoal mais crítica de ver, perceber e viver o mundo.

Exercia uma função de extrema importância e responsabilidade, trabalhando na defesa e no sistema de garantias de direitos a crianças e adolescentes, e com isso vivenciara situações antes só sabidas pelos noticiários. Atividade esta que cobrava de mim uma postura mais ativa, o que me possibilitou experimentar a exposição enquanto agente que atuava para transformar a vida de diversas pessoas e famílias. Fazia isto no cotidiano da profissão. Também de maneira mais ampla através de entidades atuantes na área da infância e juventude e na elaboração de

relatórios com dados estatísticos que serviam como norteadores para criação de políticas públicas na área. Através disso compreendi que poderia fazer mais pelo mundo e pelas pessoas. Após três anos formada senti que era hora de retornar ao universo acadêmico, com toda a bagagem crítica, questionadora e incômoda que sustentava.

Neste tempo intercalava minha vida profissional entre ser conselheira tutelar e o universo da costura com a minha mãe. Atuava esporadicamente como educadora em uma instituição com cursos livres na área de comunicação, onde ministrava a disciplina de Psicologia da Comunicação, no Curso para Formação de Locutores de rádio e televisão. Amadurecendo a ideia de iniciar um mestrado, procurei orientação com amigas que já estavam cursando. Elas sugeriram que eu devesse “arranjar um problema”, algo que me motivasse a pesquisar, uma questão que me inquietasse no mundo. Bom, até pra mim era óbvio que o que me motivava e me incomodava era a questão do consumo-lixo-sustentabilidade, a relação que havia entre estes três temas no cotidiano das cidades.

Comecei minha procura na internet, livros e vídeos para arranjar o “bendito problema”. O que antes era hobby passou a ser questão fundamental para uma possível pesquisa científica. Por que não casar esses incômodos com a prática de criação e o reaproveitamento de resíduos e estopas de malha? Visto que arriscava fazer “arte no lixo” reciclável, a princípio pensei em um projeto de intervenção artística relacionado com a temática de pesquisa.

Nesta época, em 2011, atuando como conselheira tutelar, houve em Blumenau outra grande enchente. Usava o transporte coletivo para deslocamento até o trabalho. Com a situação pós-enchente a mobilidade na cidade estava precária, e confesso que ficar parada no trânsito me causa grande desconforto. Vi então na bicicleta uma oportunidade alternativa para deslocamento. A partir daí comecei a usá-la como veículo de transporte, pedalando todos os dias para ir ao trabalho.

Esta prática e o cenário após outra enchente na cidade fortaleceu meu interesse em pesquisar algo que envolvesse questões ambientais e as ações humanas no mundo. Afinal, fazendo menção a *Bertold Brecht*<sup>2</sup>, “do rio que tudo arrasta se diz violento, porém ninguém diz violentas as margens que o comprimem”, e eram as margens que tanto me interessavam.

Tentei por dois anos ingressar no mestrado em Psicologia com o projeto “Consumo-Lixo-Sustentabilidade: Implicações éticas e estéticas”, sem sucesso. Neste período também fiz uma disciplina isolada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na UFSC para me inserir no universo acadêmico novamente, além dos estudos individuais que já fazia. Com as negativas na Psicologia, procurei outras possibilidades de inserção no Mestrado, que pudessem acolher meus anseios. Encontrei no Mestrado em Educação esta alternativa. Acompanhei algumas aulas no Programa de Pós-Graduação em Educação na FURB que auxiliaram nos conhecimentos acerca desta área tão potente. Adequei o projeto para educação e cá estou hoje escrevendo/narrando/costurando esta jornada.

Distanciar-se da ciência que tenho formação foi um processo um tanto desafiador e de grandes descobertas. E ao mesmo tempo esta distância também aproxima, principalmente com o olhar que lanço para o fenômeno estudado e todo conteúdo diferente apresentado. A Psicologia está em mim, no meu escutar, no meu olhar, no meu falar, no meu viver estas práticas cotidianas, principalmente com a bicicleta e com os/as seres pedalantes que propus pesquisar.

Na primeira conversa formal que tive com o orientador foi possível perceber estas transformações acontecendo. A bicicleta era cada vez mais assídua no meu cotidiano, mais do que eu pudesse perceber. Mas ainda “oculta” como uma possibilidade de pesquisa, pelo menos para mim. Havia questões nesta relação que me afetavam, só que não

---

2 Disponível em: <http://kdfrases.com/frase/94270> Acesso em: 05/06/2016.



imaginava poder trazer estes incômodos tão logo para uma pesquisa acadêmica, até porque eu estava ainda no processo de retorno a este ambiente universitário.

Pensar e refletir sobre bicicleta na educação nem passava pela minha humilde sapiência. Tão pouco imaginava haver caminhos educativos que permitissem pedagogicamente pedalar. Um orientador atento às práticas culturais atuais permitiu que o que era fundo se tornasse figura. Fazendo com que o invisível se tornasse possibilidade visível de pesquisa. Como se a minha vivência com a bicicleta fosse um amontoado de tecidos no fundinho da sala de costura, que ao ser provocada a procurar a “agulha no palheiro” tenha encontrado todo aquele potencial nos retalhos. Eles foram (re)mexidos, (re)cortados, (re)desenhados, alfinetados e costurados delicadamente a mão. Supondo assim ter mais flexibilidade e aberturas caso precisasse descosturar, se fosse preciso. Permitindo que outras formas de tecidos, outros tecidos ou outros ajustes pudessem surgir nas tessituras que iniciava. Estava deixando que a criação fluísse e que fosse possível uma outra temática de pesquisa emergir.

Minha relação com o projeto inicial sobre lixo, com aquele “problema”, com aquela trajetória que tanto me atormentava, foi metamorfoseada. Como se pegasse aquela roupa que gostasse muito, mas que precisasse ser customizada, reformada, para então se tornar novamente uma peça referência no guarda-roupa. Agora a temática central da pesquisa era outra. Mesmo que a vestimenta seja diferente, há ainda nela a base daquela roupa “velha”, resquícios do corte inicial que deu forma a esse dito “novo”. As inquietudes e dramas sobre as questões planetárias, o aquecimento global e seus efeitos continuam latentes. Dividem protagonismos cotidianos, sendo que, na pesquisa ocupam uma atuação coadjuvante, mas não menos importante, com a bicicleta. As temáticas conversam e convergem no dia a dia pedalante. Assim outra história começa ser costurada, uma prazerosa e dançante trajetória

começamos a tecer e pedalar após a mudança da temática.

## 1.2 – Saudações pedalantes: construção de uma pesquisa

*O diário consegue fundir as palavras e as coisas,  
a medida que as acolhe em suas páginas.  
E cada vez que tais páginas são abertas,  
abrem-se fluxos de possibilidades de comentários; abrem-se para  
o inédito. O diário permite a impressão de notas (como na música)  
já ouvidas ou conhecidas, mas que serão montadas de outra  
forma produzindo certa "composição"  
(como as conclusões de uma pesquisa)  
(MEDRADO; SPINK; MÉLLO, 2014, p.278)*

Neste momento te sugiro vir comigo pedalar e conhecer as bicicletas que cruzaram meu caminho (ou será que fui eu quem cruzou o caminho delas?). De forma contemplativa, sem pressa, como num cicloturismo ou uma ciclovagem. Trajetos que tornaram a bicicleta uma paixão, um refúgio, um consolo, um estilo de vida, uma pesquisa.

Lá estava ela, sussurrando dizeres convidativos para que descobríssemos juntas os prazeres possíveis de um pedalar. Ela queria conhecer a nova morada, a rua. Desbravar o ambiente. Sujar-se. Empoçar-se. Testar suas engrenagens tão bem lubrificadas. Mas havia medo. Ainda não conseguia equilibrar-me nela. Apesar de toda promessa sensitiva de liberdade, hesitei em me entregar. As rodinhas menores nas laterais permaneceram para me passar segurança por um bom tempo. Serviram de apoio, evitando quedas. Aos poucos fomos ousando nos aventurar. Nos conhecendo. Percebendo as potencialidades uma da outra. Estabelecendo uma relação simbiótica de confiança e sensações múltiplas. Costurando uma trajetória afetiva “pedalística”.

Ganhei minha primeira “bicicletinha” quando era criança. Era branca e pneus vermelhos super-resistente. Lembro de não precisar enchê-los, não havendo risco de furar. Não me recordo como era nossa relação, mas devia ser ótima, no álbum de fotos da minha infância ela está muito presente. Cresci e nossos corpos tiveram dificuldades em se entender como antes. Infelizmente não memorizei o destino que ela tomou. Espero que tenha encontrado alguém tão disposto(a) a ser feliz com ela como eu fui.

Passei muito tempo sem ter novamente aquela sensação simbiótica com uma bicicleta. Nosso próximo contato aconteceu quando eu tinha dez anos. Meu irmão havia ganho duas bicicletas dos padrinhos, de tamanhos diferentes. Uma tinha tons de verde, a menor, outra era roxa, a maior. Ele e minha irmã, de cinco e quatro anos respectivamente, cederam as chamadas de bicicletinha mais rapidamente que eu. Com tamanha oferta decidi segui-los nesta peripécia. Pulei na garupa de uma delas e fomos juntos pedalar. Dávamos voltas e voltas na garagem e na rua. Nos apoiávamos nas rodinhas, com toda segurança que elas nos passavam. Eram tantas voltas, todos os dias, que elas começaram a entortar. As duas eram nossos brinquedos preferidos.

A conexão foi aumentando, a confiança se estabelecendo e retiramos uma rodinha. A outra ainda estava lá. Caso nos sentíssemos vulneráveis o peso do corpo era lançado para a rodinha de apoio. Não demorou muito para que percebêssemos sua inutilidade diante da ligação que tínhamos com as bicicletas. No momento que as duas rodinhas foram removidas, nosso movimento se expandiu. A retirada das rodinhas permitiu a entrada de diferentes sensações. Ouço nossas gargalhadas alegres e sinto o contentamento que tivemos ao descobrir o equilíbrio mútuo que é pedalar. Os sussurros convidativos tornaram-se gritos de satisfação experimentado pela liberdade dos corpos pedalantes.

Pedalar era sinônimo de brincadeira constante. Até uma ida ao mercadinho perto de casa era prazerosa pedalando. Em um determinado

dia, numa dessas idas, a bici roxa foi furtada da nossa convivência. Interrompemos um ciclo “pedalístico” intenso e cheio de revelações. Experimentamos a perda de algo que nos dava tamanho divertimento. Meus irmãos ainda tinham a outra bicicleta para consolo, mas eu havia ficado órfã.

Desde este episódio, intensifiquei meus pedidos por uma bicicleta aos meus pais. Os sintomas de abstinência “pedalística” estavam cada vez mais presentes. Invadiam meus sonhos. Como era possível viver sem aquela experiência fascinante, divertida e libertadora?

As vivências e descobertas de uma criança é sentida de maneira muito intensa. A temporalidade também é outra, tanto que não suportava não ter uma bicicleta para rodar pelo bairro. Eis que de tanto insistir e implorar, no dia das crianças de 1995 ganhei a tão desejada! Acordei ansiosa naquele dia. Já suspeitava do que aconteceria. Meus pais me levaram para a sala de costura, que ficava no cômodo separado da casa, e lá estava ela apoiada em meio as máquinas e os retalhos. Em um tom vermelho-escuro, com marchas, era a bicicleta mais linda que eu já tinha visto. Seu brilho era reluzente. Nos apaixonamos e não nos largamos mais. Usava para ir à escola, à catequese, visitar as amigas do colégio, enfim, me deslocar no entorno de onde morava.

Nossas trocas cresciam a cada dia, a cada pedalada, e eu também crescia. Não demorou muito e novamente nossa disparidade de tamanho começou a ser sentida. Desta vez a bicicleta permaneceria convivendo comigo por mais tempo, repassada à minha irmã. Vez ou outra, mesmo que nossos corpos fossem desproporcionais, pedalá-la era sempre um convite tentador.

Conforme a passagem do tempo, os convites tornaram-se cada vez mais raros, ou era a minha audição que havia se tornado seletiva. Meu corpo mudava rapidamente, minhas preferências já não eram mais as mesmas. A bicicleta, apesar de ter me dado tanta felicidade, perdia espaço frente a outras descobertas da adolescência.

Nossa relação permaneceria latente por um tempo. Até um destes encontros casuais que a vida reservaria para nós. Eis que minha próxima bicicleta chegou em um sorteio na rifa da escola, aos quatorze anos. Apesar de que pedalar já não era minha atividade predileta, fiquei radiante ao recebê-la. Era vermelha e seu tamanho perfeito para mim. Parecia tímida e desconfiada, afinal sua entrega foi destinada a sorte de alguém. À minha sorte!

Casualidade ou não foi ela que, muito tempo depois, me traria até aqui. Permanece comigo até hoje. Modificada, ou melhor, customizada, mas na essência é ainda aquela rifada. Sofreu a ação do tempo deixando-a mais encantadora. A mais especial. Pelas marcas que carrega da sua existência, sua história, nossa história. Pedalamos muito pouco antes do nosso reencontro. Teria perdido o feitiço de quando criança. Usava-a raramente para lazer com meu irmão. Ele que havia se tornado um amante da bicicleta muito antes de mim.

Éramos estranhas uma para a outra. Precisei de auxílio para (re)conhecê-la. Pedalar já não simbolizava uma brincadeira. Brincar não fazia mais parte do meu cotidiano. (Por que a brincadeira escapa quando a gente cresce?) A rua se tornou um lugar de perigo, que antes não era. Tive que aprender a explorá-la. Usar as marchas, andar na via. Meu irmão, já adolescente e apesar de ser mais novo, era mais experiente que eu naquela época. Foi através dele que fui incitada a pensar na bicicleta como uma possibilidade de transporte, visto que ele a usava em longas distâncias na cidade, aventurando-se com os amigos. “Era divertido pedalar”, ele dizia. Falava que pedalando os problemas tornavam-se invisíveis, como se a bicicleta o anestesiasse, o libertasse, possibilitando experiências prazerosas. Semelhante quando éramos crianças. Ainda assim o distanciamento continuava.

Deixei a bicicleta de lado por muito tempo. Podia tentar encontrar um motivo que explique esse nosso afastamento por anos, mas talvez eu seja leviana ao justificar isso. Prefiro acreditar que nos reencontramos

no momento certo e que, mesmo afastadas, jamais nos abandonamos. Só estávamos em sentidos opostos por um tempo. Demoramos a perceber o quanto podíamos nos completar nesta parceria. Não só isso, mas descobrir todo um universo de possibilidades juntas. Quando comecei a nomear minhas bicicletas percebi o quão importante elas eram e são pra mim. Não como um objeto material, mas como um valor simbólico por detrás daquela materialidade bruta. Dar um nome é transferir afetos. É simbolicamente dar vida ao objeto. Pedalando cotidianamente a Magrelita (a bici rifada) é que essa história, a minha história, começou a mudar.

Conforme mencionado anteriormente, retornei a conviver com a bicicleta após a enchente de 2011 em Blumenau, quando o rio se mostrou furioso para a cidade, como há tempos não fazia. As barragens construídas até então para contê-lo foram insuficientes. Ele saiu do seu leito para nos alertar sobre nossos modos de vida. Fui perceber seu grito tempo depois, no entanto a Magrelita, mais sensível que eu, escutou seus apelos e tratou de agir.

Eu estava atuando como conselheira tutelar na época e utilizava o transporte coletivo diariamente. Devido aos transtornos pós enchente, passava horas intermináveis dentro do ônibus, o dobro do tempo que antes da enchente. Nunca tive muita paciência com relação ao trânsito, principalmente sem fazer nada a não ser esperar a condução.

Cansada com as horas perdidas no caos que se tornou a cidade ouvi os chamados da bicicleta rifada, há tempos lá parada. Após um longo período em desuso, recorri a Magrelita para estabelecermos nossa primeira grande parceria. No início não entendi muito bem suas intenções. Na verdade eu pensava que era eu quem havia tido a grande ideia de libertação. Hoje arrisco dizer que ela se libertou primeiro. Era a segunda vez que Magrelita me escolhera para sermos parceiras, a primeira foi no sorteio. No início nos estranhamos um pouco. Tanto tempo sem pedalar que nos tornamos desconhecidas uma para outra.

Percebi que deixei-a abandonada por muito tempo e que precisávamos nos conquistar novamente. Havia dores físicas e afetivas que só a insistência e o tempo poderiam amenizar.

Para me redimir levei-a para um “spa”, ou a bicicletaria como é realmente conhecida. Ela precisava de cuidados especializados, os quais estavam fora do meu alcance. Após este tratamento voltou renovada, lubrificada e em perfeitas condições para rodar comigo nas ruas. Decisão acertada. Começamos a nos entender. As dores e os incômodos foram diminuindo a cada dia, a cada pedalada. No início minha satisfação era pelo tempo que eu ganhava utilizando a bicicleta. Depois vieram outros benefícios, por exemplo, as mudanças em meu corpo. Ganhava resistência e confiança.

Para além disso, a experiência proporcionada pela bicicleta me surpreendia a cada dia, a cada encontro. O prazer que eu tinha (e ainda tenho) de pedalar nos longos congestionamentos urbanos, olhar para o trajeto que antes passava rapidamente pela janela do ônibus e agora ganhavam detalhes, texturas, cheiros e sons que jamais havia provado/experimentado. A bicicleta nesta etapa era definitivamente meu transporte favorito. Eu era um carro a menos no trânsito, mesmo que não tivesse um. Ainda bem que não o tinha, talvez demorasse ainda mais para perceber e sentir todo esse universo “pedalístico”.

Foi neste período, pedalando, questionando práticas cotidianas sociais, culturais, ambientais, afetando minha cidade, que reforçou meu retorno à universidade, na tentativa de ingressar no mestrado em Psicologia. Em 2012 no início do percurso, sofro uma grande queda: o adoecimento de meu pai. Este tombo fez eu repensar minhas escolhas, repensar minha vida. Ele estava acamado, necessitando de cuidados especiais em tempo integral. Diante da situação escolhi comprar um carro para melhor transportá-lo no tratamento que ele faria no futuro. No entanto, veio a falecer no dia da entrega do mesmo. Decisões nesta etapa eram quase impossíveis de serem tomadas. E foi aqui que a bicicleta

assumi o primeiro papel de refúgio.

Eu era só transbordamentos e precisava esvaziar-me. Eis que a Magrelita ocuparia o lugar de minha confidente. Pedalava para extravasar toda tensão que acumulava em meu corpo naquele período. Ela não me questionava, aceitava todos os percursos calada. Ela sabia: o que eu mais precisava era anestesiá-la. Não precisava falar nada, ela me compreendia completamente. Eramos uma só.

Diante desta entrega a Magrelita começou a reivindicar e assumir seu protagonismo. Eu estava vazia e aberta. Ela, percebendo esta condição, aproveitou para me conquistar de vez. Acabamos nos casando. Mesmo com a vinda do carro, foi a bici que se tornou crucial para superar as adversidades que enfrentava. Claro que utilizava e utilizo o carro, mas para quem se apaixona pela bicicleta como eu me apaixonei, não haverá comparação possível que supere essa forte ligação, ou relação.

Me encantava com arco-íris no caminho, com a delícia de longos banhos de chuva após um dia quente, com capivaras próximas à bicicleta no paraciclo<sup>3</sup>, mas vislumbres ainda maiores surgiriam. Num dia qualquer, pedalando até o trabalho, após uma noite de chuva, fui presenteadada com um lindo encontro no trajeto: uma poça d'água. Mas não só pela poça me encantei, e sim pela figura geométrica formada por ela: um coração, ou o que simbolicamente atribuímos ser um coração. Decidimos parar um instante e admirar aquele encontro emocionante.

Naquele tempo tudo me emocionava facilmente, detalhes cotidianos me afetavam, me tocavam profundamente. Aquele momento foi surpreendente e decidi fotografar. Queria compartilhar com outras pessoas o que, para mim, só a bicicleta poderia proporcionar. Mal sabia que era a primeira de tantas poças amorosas que encontraria pelo caminho. Grós (2010) fala sobre as caminhadas e o ato de caminhar, e o

---

3 Suporte fixo onde a bicicleta fica presa, também conhecido como Bicicletário.



leio fazendo relação com o ato de pedalar, principalmente quando diz que “[...] é no caminho que as frases lhe chegam aos lábios, como que marcando de leve o compasso do movimento, são as trilhas que estimulam a sua imaginação” (p.69).

Não eram só os pássaros que se tornavam visíveis e ouvíveis, ou os cheiros que se sobressaiam, ou os detalhes perceptíveis que pulsavam, mas também nuances pormenores ganhavam destaque em meio a urbe. Assim como olhar para o céu e ver desenhos em nuvens, poças d'água também poderiam ser fonte de projeções imagéticas. Um amontoado de água que certo dia cruzou nossos caminhos ganhou forma em meus olhos e no meu imaginário. Água que possivelmente, se estivesse em um automóvel, esparramaria no instante que passasse por ela. Compartilho aqui o registro deste encontro.



**Figura 1: Foto poça d'água de coração (acervo pessoal – 27/03/2013)**

Reporto a Larrosa (2014) para descrever este momento, quando diz que “Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece.

No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece.” (p. 32).

Eu não havia abandonado a ideia do mestrado, muito pelo contrário, estava cada vez mais fortalecida. Só precisava encontrar motivos para permanecer em equilíbrio, remendar os rasgos abertos pelo tempo. Dirigindo mais que pedalando, Magrelita me intimava e advertia sobre tudo que já havíamos compartilhado. Sobre nossa coleção de encontros potentes, assumindo o posto de refúgio pela segunda vez. De pedalada em pedalada fomos costurando e redesenhando uma prática excepcional de vida, repleta de presentes e surpresas. Até então pedalar era sinônimo de isolamento: eu e ela somente. Dividíamos vazios e percebemos que precisávamos nos expandir.

Ouvia ecos sobre a existência de grupos de pedal na cidade e os procurei nas redes sociais (*facebook*). Nos preparamos e fomos ao encontro destes. O primeiro e até hoje mais excitante foi justamente em uma Massa Crítica (Bicicletada) em Blumenau. A Bicicletada - Massa Crítica é um movimento anarquista, coletivo, não institucionalizado. Celebra o uso de um transporte alternativo, a bicicleta, e funciona como um grupo de ativistas que atua coletivamente e define a cada encontro (última sexta-feira de cada mês) as estratégias a serem empregadas. Iniciou-se como um movimento mundial em São Francisco (EUA) e na Inglaterra, em 1992, promovendo a mobilidade alternativa e questionando o uso prioritário de automóveis. No Brasil, a primeira Bicicletada ocorreu em São Paulo no ano de 2002. Com o intuito de promover a perturbação criativa e a partilha do espaço público, chama atenção para outra possibilidade de mobilidade, outras experimentações de vida com o uso da bicicleta, bem como o respeito pelos que a adotam como meio de transporte, visto que por décadas houve, e ainda há, um maciço investimento governamental e midiático para compra e uso dos carros (cultura do automóvel).

Não sabia ao certo onde estávamos nos metendo, mas sei que

aquele movimento cicloativista e político nos afetaram de forma inédita e incomum. Sentia-me ativa e com a possibilidade de transformar o mundo novamente. Começamos a participar assiduamente das Bicletadas, mês após mês, conhecendo pessoas, estreitando vínculos. Meu envolvimento foi para além do cicloativismo. Estabeleci vínculos de amizade de amantes da bici. Marcávamos pedais nos finais de semana, conhecendo a existência de grupos de ciclistas que pedalavam diariamente pela cidade. De meninas, iniciantes, grupos da “elite” (pessoas que pedalam com intuito específico de treinamento e competições), enfim, um universo plural em torno da bicicleta. Participar destes pedais permitiu descortinar a cidade, despindo-se a cada encontro pedalante.

A bicicleta não era só um transporte, nem só um refúgio, era um horizonte vislumbrante. Um mundo inundado de encantos, feitiços e magia. Encontrávamos outros terrenos, outros caminhos. Uma cidade que se escancarava e desnudava através da bicicleta. Entre tropeços e lampejos conheci dezenas de cidades a partir desta aproximação. Uma cidade que ao mesmo tempo era muitas, visíveis e invisíveis. Imaginava e criava enredos citadinos por onde pedalava. Eu já era uma ciclista, cicloativista, cicloturista, uma ser pedalante, que não cabia mais em nenhuma nomenclatura/categoria específica de nomeação. Não só vivia na cidade, mas mergulhava, tocava, experimentava ela e principalmente questionava esta cidade.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender

o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2014, p. 25)

Mesmo que o ato de pedalar seja acelerado em comparação ao caminhar, ainda assim é uma pausa em relação às vivências no trânsito hoje nas cidades. Em consequência disso, algo auspicioso despertou em mim, como um combustível vitalício. Minhas leituras se intercalavam com o tema que eu propunha pesquisar no mestrado, com os livros indicados para a seleção do mesmo e sobre bicicleta, mobilidade urbana e cidade. Me mantinha ativa com a bicicleta e por ela. Comecei a escrever sobre o assunto. Enviei dois artigos (em anexos) para publicação no jornal de circulação local de Blumenau (Jornal de Santa Catarina) sobre a temática: Bicicletada – Massa Crítica (publicado em 07/12/13) e Ruas Sustentáveis (publicado em 04/03/14). Este último escrito após a participação, no início de 2014 no 3º Fórum Mundial da Bicicleta (FMB), que aconteceu em Curitiba/PR. Nossa primeira experiência pedalante interestadual.

Segundo o site oficial do FMB<sup>4</sup>, a primeira edição do evento aconteceu em 2012 em Porto Alegre/RS, um ano após o atropelamento coletivo de ciclistas na cidade (25/02/2011) em uma massa crítica. A segunda edição ocorreu em 2013 na mesma cidade e época. O intuito do fórum era discutir a garantia de uma estrutura urbana voltada para os ciclistas e principalmente debater a segurança de todos no trânsito das cidades. A terceira edição, em Curitiba, teve como tema “Cidade em Equilíbrio”. O foco não era somente ciclistas, mas todas as pessoas que movimentam a cidade, que fazem parte da cidade, toda a população.

---

4 Disponível em: [http://forummundialdabici.org/?page\\_id=244](http://forummundialdabici.org/?page_id=244). Acessado em 09/01/2015, as 00:05 horas.

Percebeu-se o amadurecimento do evento a partir do momento que a bicicleta dialoga principalmente com a urbe, levantando aspectos políticos, ambientais, relacionados na construção de outras urbanidades.

O encontro foi marcado por discussões em torno dos espaços urbanos, sobre como pensar e planejar uma cidade onde ciclistas, pedestres e motoristas possam compartilhar os espaços da cidade. Um movimento multicultural, com diversos temas em foco, palestrantes nacionais e internacionais, visto ser um encontro mundial. Vários espaços da cidade de Curitiba foram usados para o evento, o que possibilitou experimentá-la sob um olhar diferenciado pedalando com a Magrelita. Discutimos o advento mundial crescente da vontade de todos e todas presentes em construir uma cidade para as pessoas circularem, e não somente a máquina automobilística. Uma cidade que permita e estimule com que as pessoas vivam-na, experimentem-na, sintam-se acolhidas nela, pertencentes a ela. De acordo com isso Jacques (2005) nos fala que:

A tão sonhada (re)vitalização urbana – o sentido de revitalização aqui não seria mais o econômico, mas sim o de vitalidade, como vida decorrente da presença de um público e atividades diversificadas – só poderia se realizar de forma não espetacular quando ocorrer uma apropriação popular e participativa do espaço público. O que evidentemente não pode ser completamente planejado, predeterminado ou formalizado. A maior questão das intervenções não estaria na requalificação em si do espaço físico, material – pura construção de cenários – mas sim no tipo de uso que se faz do espaço público, ou seja, na própria apropriação pública desses espaços. Somente através de uma participação efetiva o espaço público pode deixar de ser cenário e se transformar em verdadeiro palco urbano: espaço de trocas, conflitos e encontros. (p.19)

A autora ainda apresenta os “errantes modernos” que circulam pela cidade de forma crítica e atenta e “[...] recusam o controle total dos planos modernos. Eles denunciam direta ou indiretamente os métodos de intervenção dos urbanistas, e defendem que as ações na cidade não podem se tornar um monopólio de especialistas.” (JACQUES, 2005, p. 20). A estes especialistas podemos sugerir, além de profissionais específicos, as grandes corporações automobilísticas e tudo que a sustenta, bem como a priorização por décadas do automóvel por parte do Estado. Hoje o planejamento de uma cidade brasileira começa pela mobilidade. Ruas são criadas e recriadas para a fluidez dos carros. Quanto maior o número de carros maior é a necessidade de novas vias para sua circulação, e conseqüentemente aumenta a presença de automóveis nas ruas. As sequelas da construção de mais e mais estradas são incalculáveis, implicando na “[...] destruição ou degradação irreparável de delicados ecossistemas em todo o mundo” (LUDD, 2005, p. 133), desde o material utilizado para se fazê-las até seus efeitos cotidianos, alterando por exemplo o ciclo da água, já que concreto não a absorve. Em contrapartida a esta cultura automobilística surgem estes errantes modernos, que Jacques (2005) também chama de “nômades urbanos”. Podem ser

[...] artistas, escritores ou pensadores que praticaram errâncias urbanas. Através das obras ou escritos desses artistas é possível se apreender o espaço urbano de outra forma, partindo do princípio de que os errantes questionam a construção dos espaços de forma crítica. O simples ato de andar pela cidade pode assim se tornar uma crítica ao urbanismo enquanto disciplina prática de intervenção nas cidades. Essa crítica pode ser vista tantos nos textos quanto nas imagens produzidas por artistas errantes a partir de suas experiências do andar pela cidade. (JACQUES, 2005, p. 20).

Quando nos reunimos para “berrar” que queremos um lugar garantido e seguro na cidade, bem como realizando encontros mundiais para discutir esta relação estamos assumindo não só o papel de cicloativistas, mas destes nômades urbanos. Criamos “gritos de guerra” a cada encontro (Mais amor, menos motor; mais adrenalina, menos gasolina; mais tesão, menos poluição; Bicicleta: um carro a menos, etc), músicas e arte com a bicicleta, somos críticos a partir dela, do encontro com ela na cidade.

O envolvimento com a bicicleta permitiu que eu acessasse um mundo que jamais cogitei existir. Quando considerei utilizar a minha bicicleta, que havia ganho na rifa da escola aos quatorze anos, como um transporte, em hipótese alguma imagineis que estaríamos um dia em um Fórum Mundial discutindo cidade, pedalando por Curitiba, vivenciando um amontoado de situações potentes para mim na vida. Larrosa (2014) fala que “[...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.” (p.25). E era isso que estava acontecendo comigo naquele e nos demais momentos. Formação e transformação de afetos que me marcaram fortemente para que estivesse hoje aqui. De acordo com isso, Larrosa (2014) ainda afirma que “é experiência aquilo que 'nos passa', ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.” (p.28).

Voltei do FMB transbordando energia e disposta a compartilhar com todos (as) colegas pedalantes, ou não, aquele aprendizado de três dias, que de tão intensos se multiplicaram até hoje. Magrelita ficou marcada pela participação no fórum, tatuada para sempre como ativista, assim como eu. Deste envolvimento político, estético, afetivo fui convidada a integrar o grupo Bike Anjo em Blumenau. Bike Anjo<sup>5</sup> é

---

5 Disponível em <http://bikeanjo.org/> Acesso em 09/01/2015 as 23:21 horas.

uma rede de ciclistas voluntários que promovem, mobilizam e ajudam pessoas a aprender a pedalar no ambiente urbano, auxiliando em rotas e trajetos na cidade. Desta forma fortalecemos o uso do modal, havendo assim mais pessoas e bicicletas nas ruas. Promovendo ações de incentivo ao uso diverso da bicicleta, seja para ir ao trabalho, seja para ir à escola, ou simplesmente para lazer e contemplação da cidade.

Em pouco tempo Magrelita e eu estávamos ativamente defendendo o cicloativismo na cidade. Jamais imaginaria que ela me levasse para este lugar. As surpresas promovidas pela bicicleta na minha existência atualmente, eram, na época, impensáveis. Na verdade toda a experiência com a bicicleta até hoje ainda me surpreende, a cada encontro promovido por ela na vida, direta ou indiretamente. Larrosa (2014) ao falar da experiência diz que ela é uma paixão, e

[...] paixão, pode referir-se, [...] a uma experiência do amor [...]. Na paixão, o sujeito apaixonado não possui o objeto amado, mas é possuído por ele. Por isso, o sujeito apaixonado não está em si próprio, na posse de si mesmo, no autodomínio, mas está fora de si, dominado pelo outro, cativado pelo alheio, alienado, alucinado. (p. 29)

E era exatamente assim que eu me encontrava, alucinada pela bicicleta, apaixonada por ela. Mesmo com toda esta vivência, o projeto de mestrado continuava com a temática do Lixo-Consumo-Sustentabilidade, e compreender a relação de jovens com o consumo, produção de lixo e sustentabilidade a partir de oficinas estéticas com lixo/material reciclável. De certa forma esta proposta também dialogava com os espaços urbanos. Mas e como cheguei hoje aqui nesta escrita dissertativa sobre bicicleta?

Após um longo processo seletivo veio a tão aspirada aprovação, e a felicidade de ter finalmente atingido o objetivo neste instante não



cabia em mim. Transbordava. Ainda que pedalar me mantivesse motivada, havia outros tantos sonhos que eu precisava concretizar. Estar na universidade novamente era essa concretização.

Como já salientado, na primeira conversa com o orientador, atento às práticas culturais outras, percebemos que minha relação crítica com a cidade estava sendo muito maior através da bicicleta do que com a temática do lixo. Dialogar educação e cidade, junto com a bicicleta e relações estéticas, era a coerência necessária naquele momento. A bicicleta como atuante na pesquisa. Seus efeitos e usos. Refletir e questionar a vida na cidade, a paralisia e ao mesmo tempo aceleração cotidiana de experimentá-la. Dali por diante meu compromisso com a pesquisa e com o mestrado foi firmado de forma prazerosa. Repito que, a cada encontro com a bicicleta só aumenta a lista de adjetivos que atribuo a ela. A bicicleta é minha pesquisa, é minha prática, minha vivência, e a sensibilidade e o olhar atento do meu orientador, possibilitou que percebêssemos onde habitava meus anseios naquele momento.

Toda minha leitura que antes era por puro lazer foi agregada a partir de agora ao universo da academia. Reciclando o projeto aprovado na seleção do mestrado, iniciei uma nova busca por um problema de pesquisa. Desta vez a partir da minha vivência, do meu cotidiano, da minha prática, e o mais importante, da minha paixão.

Construir um problema de pesquisa é começar a suspeitar de todo e qualquer sentido consensual, de toda e qualquer concepção compartilhada, com os quais estamos habituados a indagar se aquele elemento do mundo – da realidade, das coisas, das práticas, do real – é assim tão natural nas significações que lhe são próprias; duvidar dos sentidos cristalizados, dos significados que são transcendentais e que possuem estatuto de verdade (seja esta verdade científica, mágica, artística, filosófica, psicanalítica, religiosa, biológica,

política, etc), recear a eternidade, o determinismo, a ordem, a estabilidade, a segurança, a solidez, o rigor, o universal, o apaziguado. Em suma, criar um problema de pesquisa é virar a própria mesa, rachando os conceitos e fazendo ranger as articulações das teorias. (CORAZZA, 2002, p. 118)

E desta minha paixão nasce uma pesquisa. Pesquisar é encontrar-se consigo, na construção mútua do conhecimento de si e de uma identidade de pesquisadora. Pesquisar, conforme a autora, pode ser sinônimo de perder-se, incomodar-se, descobrir-se, e por que não se encantar, afinal o que eu faço com as minhas inquietações sobre o mundo? Mesmo a bicicleta sendo meu mundo, ainda assim pesquisar sobre ela foi um encontro inesperado (bem-vindo seja o inesperado!), e por isso há a possibilidade de avançar neste estranhamento. Desta forma a vida decorre, num fluxo contínuo do estranhamento com o inexistente e inesperado, sendo no encontro, possível de existir. Pesquisar é aventurar-se por caminhos frescos, onde as escolhas puderam me levar a lugares “virgens”, desconhecidos, jamais pisados ou pedalados por mim, ou pelos outros. Lugares que me possibilitarão repensar a minha própria existência.

Neste momento a busca pelo problema de pesquisa fez com que eu alimentasse constantemente meu diário de pesquisa, com inquietações, memórias explicativas (revelando, principalmente para mim, qual caminho percorrido até aqui), poesias, e toda a minha experiência com a bicicleta. Escrever e pedalar se tornaram rotina. Inclusive quando pedalava quase sempre a criação aflorava, inflava como se enchesse os pneus com toda pressão. Quisera eu conseguir registrar estes devaneios pedalando. Rodinhas me foram sugeridas, mas como poderia colocá-las se eram asas que eu desejava?!. Asas que possibilitassem libertar todo aquele frenesi dentro de mim. Pedalar era (e ainda é) momento de criação, onde os pensamentos se ordenam, se

escancaram a cada movimento no pedal.

Para não escapar as ideias dos voos pedalantes, carregava o diário sempre comigo. Um quarteto quase inseparável: eu, bicicleta, caderninho e caneta. Entre pausas e pedaladas instigantes anotava as provocações que decorriam do encontro. Conforme Medrado, Spink e Mélo (2014, p.275-276) “os diários se configuram como anotações para sistematizações futuras. [...] são práticas discursivas [...] são linguagem em ação”. Minhas anotações e narrativas estavam (e ainda estão) ativando este mundo que antes eu só experimentava e sentia. Nesta prática começo a questionar estas sensações, nomeá-las, renomeá-las, escrevê-las e re-escreve-las.

Quanto mais aprofundava minha busca, mais questões surgiam. Questões que nem ao certo conseguia formular, eram pontos e mais pontos que apareciam em forma de reticências, com vírgulas, interrogações e exclamações. Um outro olhar sobre a vivência, sobre o tema, sobre a pesquisa. Todo este processo além de incômodo, também foi potência e possibilitou o autoconhecimento. Pesquisar é conhecer-se. Como eu vejo e experimento o mundo? Com que olhos, ouvidos, boca eu escrevo este mundo em mim? Há uma teoria que fala através do meu corpo, dança nas minhas escritas, nas minhas práticas, no meu olhar, no meu sentir, no meu pedalar. Que teoria é esta? Ela pode ser como o vento, que me afeta, me faz sentir, me escabela, me conduz e por vezes me faz voar. As vezes não sendo possível enxergar, somente sentir sua presença. Um invisível sensitivo que precisava nomear, sendo vital para guiar-me, tecer caminhos a partir deste meu olhar sobre o mundo que eu habito e que habita em mim. Um longo silêncio ensurdecedor se instalava nos meus pensamentos, mesmo praticando a escrita. Rompido apenas pela “bicisonoridade” que ocorria quando me entregava aos movimentos pedalantes.

Nesta jornada, estava cada vez mais sensível aos detalhes. Encontrava-me gravitando no universo da pesquisa, sem controle (e por

que tê-lo?) de onde esta gravidade poderia me levar e do quão imenso é este universo. A relação com a pesquisa e o tema possibilitou ver o que antes era invisível, detalhes imperceptíveis viravam figura entre o concreto ao fundo. O encontro da bicicleta com a pesquisa em mim propiciou outros afetos. A cidade passou a ter ainda mais sons, cheiros, cores, texturas. Tanto o belo quanto as problemáticas gritavam, tornavam-se mais evidentes. Não só pedalava, mas comecei a indagar estes lugares, por isso a relação entre eu, o ser, e a cidade tiveram outra esfera, um outro olhar para este contexto. Há criação brotando nas esquinas como sinal desta relação. Muitas vezes demonstrando resistência, ou insistência, ou seja, experiências tomando outras formas. Já que eu era só sensação, optei pedalar pela pesquisa explorando essas novidades com calma e intensidade. Afinal, se não encontrava a questão norteadora da minha pesquisa, talvez fosse o momento de deixar que ela me encontre. E foi o que fiz!

Pesquisar é ler e reler o mundo. É escrever e reescrever caminhos, envolvendo processos éticos, estéticos e políticos, de escritas simbólicas e materializadas, implicando escolhas que jamais serão neutras. Esta prática na perspectiva dos Estudos Culturais permite que haja uma abertura dos estudos em educação, historicamente voltados para o espaço escolar. A instituição escola é uma formação cultural, social e histórica, assim como os sujeitos que habitam aquele lugar e todos os significados que a sustentam. A bicicleta e a cidade também fazem parte deste enredo sociocultural. Pesquisar cultura(s) envolve diretamente processos educativos e de formação de determinados sujeitos. Deste modo, fiz uma pesquisa em educação sobre cultura, em especial a da bicicleta e a relação dos seres pedalantes com a cidade, refleti sobre como esta relação afeta estes sujeitos.

Cada prática de pesquisa é uma linguagem, um discurso, uma prática discursiva, que sempre está assinalada pela formação histórica em que foi

constituído. [...] Uma prática de pesquisa é um modo de pensar, sentir, desejar, amar, odiar [...] é implicada em nossa prática de vida. [...] Não escolhemos, de um arsenal de método aquele que melhor nos atende, mas somos 'escolhidos/escolhidas' pelo que foi historicamente possível de ser anunciado, que para nós adquiriu sentidos, e que também nos significou, nos (as)sujeitou. (CORAZZA, 2002, p.124)

Com a nova escolha em relação ao rumo da pesquisa, decidi que participaria do FMB4 inscrevendo uma proposta de intervenção, a princípio que pudesse contribuir com a própria pesquisa. O FMB4 aconteceu entre os dias 25 de Fevereiro e 1º de Março de 2015, em Medellín, na Colômbia. Um envolvimento que só aumentava, transformando-se em vício a ponto de não me manter fiel a somente uma bicicleta. Não fui sozinha. No meio do percurso encontrei Florentina, uma bicicleta dobrável, cativante e cheia de experiência para compartilhar. Não resisti a tentação. Respeitando sua identidade e trajetória com o antigo dono, a adotei com o mesmo nome e fomos juntas nos conhecer no estrangeiro.

O tema do fórum foi “Cidade para todos”. Um convite para dialogar sobre a cidade e todas as pessoas que circulam, usufruem e vivem nela. Para isso precisava, nem que fosse de modo provisório, de uma questão norteadora do trabalho. Inspirada na leitura de *Frédéric Gros*, que discursa sobre o ato de caminhar, não sendo só um esporte, e todas as teorias criadas por diversos autores a partir de suas constantes caminhadas e deslocamentos pelas cidades, refleti que pedalar também poderia ser uma filosofia. Desta forma a proposta de trabalho no Fórum foi a seguinte:

**“Pedalar, uma filosofia”: construindo narrativas poéticas e reflexões a partir de experiências com**

**a bicicleta. Pedalar não é só um esporte, pode ser vivência, troca, pode ser qualquer coisa que vá além do simples ato de se exercitar. Esta atividade tem como objetivo possibilitar narrativas de si que reflitam nossas práticas cotidianas/vivências da bicicleta com a cidade. Como nos enxergamos nesta relação bici-cidade? Que identificações produzimos/estabelecemos? Quais discursos habitam nossos corpos pedalantes?**

Esta intervenção avivou o que eu tanto procurava, tornando-se visível a problemática investigativa. O objetivo era refletir sobre olhares e narrativas que se produzem e são produzidos(as) a partir do encontro das pessoas com a bicicleta, enquanto corpo pedalante nesta relação bicicleta-cidade. Que experiências são estabelecidas nesta relação, a partir deste encontro?

Com isso, neste pedal em busca da “problemática perfeita”, construí cotidianamente esta pesquisa, exteriorizando tudo que antes era sensação e vivências passageiras. Conforme Meyer e Paraíso (2014) “o mais potente desses modos de pesquisar é a alegria do ziguezaguear. Movimentamo-nos ziguezagueando *no espaço entre* nossos objetos de investigação e aquilo que já foi produzido sobre ele, para aí estranhar, questionar, desconfiar” (p. 19).

Todas estas vivências e questionamentos foram compartilhadas e registradas no diário de campo, narrando os silêncios profundos e pulsantes que me habitam, me atravessam. Escritos inscritos em mim. Cotidianos, experiências, vivências, encontros. Escrever a partir de agora é a arte de dizer ao mundo os silêncios insanos que me habitam. Um estudo que pretende atravessar os corpos dos seres pedalantes para além do simples ato de pedalar. Se para mim hoje a bicicleta é minha paixão, uma filosofia de vida, o que mais ela pode ser para outras

pessoas? Ou quais as relações que esta instiga?

Neste sentido, meu prazer não está na chegada, até porque não sei aonde chegarei, mas em todo o percurso que rabisquei com a minha grande paixão nesta pesquisa. E não estive sozinha nesta pedalada “pesquisatória”. Estiveram comigo, principalmente, Magrelita, Florentina, Catrina, Frida\_Xê e outras passageiras marcantes. Cada uma com sua particularidade, mostrando-me as partes sensíveis do mundo. Juntas com o orientador, colegas do TECENDO e seres pedalantes que contribuíram cotidianamente me auxiliando no traçado. Requerendo cuidados e presenças. Flexibilizando e acalmando os deslocamentos. Trilhando possíveis caminhos. Dando leveza e sensibilizando diante do contato afetivo com o mundo.

### **1.3 – Bicultura<sup>6</sup>: o universo “pedalístico” vinculado a bicicleta**

*“O mundo começa, talvez, ali onde não o vemos: em suas  
entranhas,  
em seus gases retorcidos, em seus átomos lúcidos,  
nos minerais que nos sustentam.  
O mundo está boquiaberto. Em sua duração,  
houve os que já escreveram estas palavras.  
Em sua expansão, houve aqueles que ao viver, morreram.  
O mundo está composto de tudo o que agora vemos e  
escutamos e tocamos sim. E o que vemos, escutamos e tocamos  
nasceu antes, antes de nós, muito antes  
do instante em que poderíamos saber de tudo.”  
(SKLIAR, 2014b, p. 80)*

Algumas pessoas dizem que não a possuem ou que lhes falta.

---

6 Encontro anual brasileiro promovido pela União de Ciclistas do Brasil (UCB) inspirado no Centro de Bicultura do Chile - <http://www.bicultura.cl/>.

Outras a reduzem a um simples “ah, mas é cultural”, naturalizando-a. Há quem defenda que existem culturas soberanas as outras, ou ainda desmerecem a interligação/interdependência entre as diversas culturas, nas micro e macro relações. O fato é que a cultura media todos estes acontecimentos e pensamentos, constrói e é construída pelo social. Algo maior que cada um/uma de nós e que está subordinada a presença histórica humana.

Há palavras que fazem parte do nosso cotidiano e que não conseguimos explicar com exatidão, visto sua complexidade e abrangência. Cultura é uma dessas palavras, havendo várias definições, tanto popularmente quanto etimologicamente. Hall (1997) afirma que a cultura tem papel constitutivo em todos os aspectos da vida social. É um elemento dinâmico que, através dos discursos sociais, nos constitui cotidianamente. Está em cada canto da vida social, nos moldando e governando. Hall (1997) diz ainda que “toda a nossa conduta e todas as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais.” (p. 19).

Falar de e sobre cultura é amplamente complexo devido a sua relevância e dimensão social, e por isso tão difícil definir conceitualmente. A cultura passou a ser vista como “[...] uma condição constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente, provocando, assim, nos últimos anos, uma mudança de paradigma nas ciências sociais e nas humanidades que passou a ser conhecida como a 'virada cultural'.” (HALL,1997, p. 9).

Cultura têxtil, germânica, ciclística, carrocrática, local ou global. Ideias, comportamentos, costumes que nos aproximam e nos afastam, nos normalizam e nos diferenciam. Que nos marcam e que são demarcadas em nossa postura frente a eventos/acontecimentos. Um gesto, um sotaque, uma roupa, um traço, um símbolo. Com a globalização foi possível perceber a presença de uma “cultura mundial”. Aspectos comuns vigentes ao redor do mundo que são compartilhados



em ambientes/territórios opostos geograficamente. Inalamos, degustamos, ouvimos, bebemos, vestimos, pedalamos, usamos, consumimos cultura. Isso faz com que sejamos atravessados(as) por ideias, costumes, sentimentos, comportamentos, desejos vindos de todas as partes do globo terrestre. Ocorrendo graças à facilidade e rapidez com que as informações e pessoas se movem/movimentam no planeta. A comunicação atual é instantânea, em tempo real, entre pessoas que se situam em localidades distintas no mundo. Da mesma forma os deslocamentos, que acontecem de maneira ampla e veloz hoje em dia. Em quantos lugares você já esteve hoje? Quantas cidades conseguiu “estar<sup>7</sup>” em um mesmo dia?

Cada vez mais esse acesso ao mundo se torna democrático. No entanto, ainda existe uma enorme disparidade no que diz respeito a locomoção humana, principalmente com o advento dos motorizados. Conforme Gorz (2005) “até a virada do século, a elite não viajava a uma velocidade diferente do povo. O automóvel iria mudar tudo isso: pela primeira vez as diferenças de classe seriam estendidas à velocidade e aos meios de transporte” (p. 75). A velocidade e a forma como nos deslocamos diz do lugar no qual estamos pertencendo, da nossa “posição social”. Transferimos para uma máquina, mais ou menos potente, o poder do movimento que antes eram dos nossos pés. Perdemos a sensação de ler o trajeto a pé, senti-lo na presença e na extensão do corpo o ambiente no qual estamos. Como resgatar as potencialidades do corpo diante da oferta da mobilidade rápida? Como tornar potência o retorno dos movimentos/deslocamentos dos corpos?

A oportunidade de nos movermos pelo mundo, seja presencialmente ou virtualmente, permite trocas culturais diversas e distintas, que interferem nos modos de vida atual, individuais e/ou coletivos. Afeta a maneira como lidamos com a relação espaço, tempo e

---

7 O verbo encontra-se entre aspas pois, o estar em questão não indica necessariamente presença, mas passagem, ou estadia.

presença. A falta de tempo, que tanto nos acomete e que decorre dos modos acelerados de viver, nos afasta da convivência na rua e entre si. O lar tornou-se um lugar de refúgio e isolamento. E a rua um lugar de passagem, inabitável, não mais de convivência. A cultura do automóvel ocupou os espaços que antes eram das pessoas, fortalecendo a temível cultura do medo. Nos tornamos amedrontados(as), zumbis cotidianos na selva de concreto e fumaça. Inimigos(as) uns/umas dos outros(as).

Enclausurados(as) e acelerados(as) não experimentamos o caminho, não temos a experiência. Nos tornamos passageiros, e histórias são tecidas de permanência não só de passagens. Aceleração. Desatenção. Palavras que nos remetem a pensar no estar aqui e agora. Ações que também estão relacionadas à temporalidade. Fragmentos de vida, de sensações, de presença, dificultam perceber a existência da epiderme do mundo, tão vulnerável e sedutora, quanto vigorosa e pungente, bem como o sabor dos encontros. O contato perde espaço para o tropeço, ou é dificultado pelas couraças que nos moldam. Couraças que por vezes prejudicam o acesso aos diversos odores e texturas que nos cercam.

Relações estas que perpassam pela forma como lidamos com o tempo, espaço e presença. Prolongar o tempo e despir-se das amarras habituais torna-se um desafio ainda maior quando há prazer envolvido. Descobertas sensíveis e apreciações são as pausas que acontecem cotidianamente, que incitam e permitem esse tocar na membrana urbana e sentir o sabor potencial dos encontros. Nem tudo na modernidade é cinza e inerte, medo e clausura. Do concreto brotam ervas daninhas, nos lembrando que há terra por debaixo daquela camada solidificada e rígida, e que é latente a reinvenção da vida. Para a cultura do automóvel apresentamos a bicicultura. Para a cultura do medo o convite à convivência, algo que mais acontece no uso da bicicleta. A disseminação dela no mundo é também consequência deste processo “globalizatório”, assim como outros tantos objetos no qual compartilhamos. Conhecer seu

potencial transformador de cidades e vidas só foi possível pela conectividade cultural.

Este processo de troca mútua permite com que identidades também permaneçam em deslocamento, sendo múltiplas entre as pessoas, e por que não com a bicicleta?! A sua própria história mostra dos diversos papéis sociais que vem ocupando ao longo de sua existência. Os desafios e avanços que foram necessários para que mantivesse tão viva e ativa nos dias de hoje. Há pessoas acreditando que ela é um modismo passageiro, desqualificando o uso e as ações públicas e coletivas em defesa do modal. O fato é que a bicicleta se expandiu no mundo assumindo historicamente múltiplas identidades continuamente. Transformando-se nos dias de hoje em uma agente de mudanças globais de possibilidades múltiplas.

Ela está presente em músicas, poemas, vitrines de lojas, em logomarcas, editoriais de moda, propagandas publicitárias, inclusive de carros. O objetivo nem sempre é sua comercialização, mas sua presença, indicando um estilo, um conceito, uma tendência em ascensão.



**Figura 2: Loja de souvenirs no aeroporto de Bogotá (acervo pessoal)**



**Figura 3: Logomarca de loja de vestuário em shopping de Blumenau (acervo pessoal)**



**Figura 4: Comercial do Fiat Punto sugere uso da bicicleta. Narra que o carro é para quem tem personalidade “até para deixá-lo na garagem”. (Fonte: <http://ciclovivo.com.br/noticia/novo-comercial-da-fiat-sugere-uso-da-bicicleta/>)**

É pauta de política pública e diversas frentes ativistas (ambiental, de mobilidade, feministas, veganismo, de classe). Ocorrem feiras e eventos mundiais acerca do universo da bicicleta, cada vez mais plural. Seu uso, direto e indiretamente, tem a função de aproveitar todas suas potencialidades e dos corpos pedalantes.



Figura 5: Cartaz da Massa Crítica Global em protesto as mudanças climáticas, evento COP21/Paris.



Figura 6: Cartaz da Massa Crítica Global em protesto as mudanças climáticas, evento COP21/Paris.



Figura 7: Cartaz da Massa Crítica Global em protesto as mudanças climáticas, evento COP21/Paris.

Fonte: <https://www.facebook.com/events/490417721118815>



*CycloFemme is a Global Women's Cycling Day created to Honor the Past, Celebrate the Present, Empower the Future of Women in Cycling. Encourage women to ride and they will change the world.*

**WE RIDE TOGETHER SUNDAY, MAY 10TH 10AM**

**Figura 10: Evento mundial de empoderamento feminino com a bicicleta em Maio/2015**

Produtos e serviços que a envolvem estão em amplo crescimento. Roupas, sapatos, bijuterias/jóias, acessórios, utensílios, aplicativos *online* de rendimento e distância, souvenirs, peças, diferentes materiais, formas e tamanhos. O universo bici acompanha a aceleração dos modos de vida, sendo possível pensar a criação de uma cultura da bicicleta, ou

bicicultura, em plena expansão. Existem em algumas cidades praças do ciclista (São Paulo, Curitiba e Fortaleza são exemplos). Espaços que antes eram mecânicas de bicicletas transformaram-se em Bicicletarias Culturais, tornando-se lugares de convivência, encontros e trocas sobre a magrela e temas afins.



**Figura 11: Praça de Bolso do Ciclista em Curitiba/PR.**



**Figura 12: Azulejos na Praça de Bolso do Ciclista, Curitiba/PR**

Fonte: acervo pessoal (Fevereiro/2016)



Ela foi e ainda é um dos brinquedos mais desejados pelas crianças, assumindo seu papel brincante na infância. Há modelos atuais inclusive com roupa de personagens infantis<sup>8</sup> estabelecendo um possível padrão de gênero para as bicicletinhas (bici de menina e de menino conforme os personagens). Há também os que estimulam a motricidade, promovendo o aprendizado desde cedo da bicicleta sem apoio lateral das rodinhas. Uma espécie de andador “radical”.



---

8 Fonte das imagens:  
<http://www.americanas.com.br/linha/279670/brinquedos/bicicleta-infantil>  
acesso em 15/06/2016.



Para adolescentes pode servir como um meio de transporte, ou como um objeto que une grupos específicos (“turma do guidão”). Ou ainda para prática de manobras radicais desafiando a própria bicicleta, o ambiente urbano e seus corpos, arriscando na ousadia (usuários de bmx). Exemplos encontrados na trajetória “pedalística” pessoal e de amigos e amigas em épocas anteriores.

Influenciados(as) pela crise do petróleo no século passado, ou pelo caos da mobilidade urbana presenciado nas grandes cidades atualmente, o fato é que a bicicleta ocupa um lugar de destaque em algum momento da vida das pessoas, seja pela presença ou pela ausência. Recentemente vem crescendo a procura de pessoas adultas querendo experimentar o uso da bicicleta, nem que seja uma única vez. Principalmente mulheres<sup>9</sup>, que não puderam aprender a pedalar na infância.

Para jovens e adultos(as) a bicicleta pode ocupar inúmeros papéis sociais: transporte, esporte, aventura, desafio, lazer, profissão, paixão, trabalho, tratamento (de saúde), inclusão, treinamento, etc. Seu significado não está em si, mas na maneira com a qual nos relacionamos com ela, adquirindo sentido, ganhando contornos, conforme os encontros “pedalísticos” acontecem. Uma espécie de convergência acontecendo, estando presente em todos os lugares, podendo assumir diversas identidades. Encontros e aproximações que acontecem pela ação de pedalar e/ou pela própria bicicleta, sem que ela esteja presente.

A cultura da bicicleta, ou bicicultura, propõe aproximar e acalmar o que o automóvel afastou e acelerou. Ao nos tornar passantes descuidados(as) dos outros(as) e de nós mesmos(as), compartilhando de uma apatia social, nos esquecemos que histórias se fazem de prolongamentos e experiências e não só de passagens. Perdemos a beleza do caminho e a possibilidade de apalpar e construir rotas afetivas no trajeto justamente por ocorrências efêmeras, pela fragmentação

---

9 Dados empíricos da rede Bike Anjo ([www.bikeanjo.org](http://www.bikeanjo.org)).

superficial de nossas vivências.

Exerga-se na bicicleta a possibilidade de assumir tanto um lugar de equilíbrio num sistema saturado, falido e insuportável, quanto de desequilíbrio da comodidade cotidiana. Ela ocupa um *entreugar* na cidade, simbolizando resistência e reXistências (ZANELLA, et. al., 2012) (outras formas de existir). Contrapondo-se ao imperialismo automotivo, buscando garantir e legitimar outras formas de deslocamentos e vivências urbanas. É uma abertura de sentidos, justamente por não haver armaduras que nos afastam do contato com o ambiente. Convida a reinventar a experiência urbe, aflorando a possibilidade de acesso a uma “natureza” urbana esquecida, invisível, imperceptível, ensurdecida ou abafada pela aceleração dos motores.

A bicicultura não é só um contraponto, mas um viés autônomo que se fortalece no caos compartilhado nas grandes (e até pequenas) cidades. Frente a previsões de colapso planetário ela não é a solução. Até porque está inserida neste mesmo sistema/modelo em crise que partilhamos. Mas trazendo para discussão e fortalecendo outras frentes ativistas, dialogando com diversas temáticas transversais, mostra-se uma possibilidade de reinventar a vida e nossas relações, não só nos deslocamentos. Questiona a “naturalidade” dos movimentos e provoca rupturas comportamentais frente a cultura automobilística.

Denuncia a pandemia generalizada e profere um outro cenário possível de experienciar o mundo e a nós mesmos. Foi caminhando que descobrimos horizontes, que iniciamos nossa leitura do mundo. Um pé na frente do outro. A invenção da roda e posteriormente da bicicleta fez com que estas descobertas fossem mais aceleradas, mas não menos intensas. Outras sensações foram aguçadas, nos aproximando cada vez mais de nós mesmos(as) e de ambientes. Uma cultura que ganha cada vez mais adeptos e adeptas no mundo, seja para competir, para se aventurar, para se locomover ou passear.

As duas mãos no guidão, um pé no chão outro no pedal. Perna

levemente inclinada e pronta para impulsionar a primeira pedalada. Um comportamento compartilhado entre todos e todas que iniciam suas rodadas. Corpos sincronizados em um mesmo movimento. Uns mais debruçados que outros. Outros mais ousados que uns. Com uma só mão ou sem nenhuma descobrem-se pedalando, desafiam-se, aventuram-se. Registram em seus corpos as marcas que os unem. A bicicleta ganha a identidade de quem a pedala. Quem a pedala por vezes tatua em seu corpo a sua bicicleta, identificando-se. Em meio a tanto simbolismo a bicicultura acontece, se fortalece. Surge a necessidade de criar palavras para dizer/falar sobre esse universo em torno da magrela, experienciado inclusive na escrita deste texto. Uma “ciclocunidade” ascendente construindo a bicicultura em meio a multiplicidade de “ciclocosias” compartilhadas.



## Capítulo 2 – Bicicleta: minha história.

*“Escrever para justificar ou provar uma afirmação que pleiteia o status de verdadeiro é radicalmente diferente de escrever para emocionar e produzir sonhos”  
(MOSCHETA, 2014, p.45)*

*“Escrevo para repetir, uma e outra vez, essa encruzilhada de palavras com a qual não consigo decifrar o tempo.  
Escrevo para recordar sons que, de outro modo, se perderiam no lado vertical da memória.  
Para invocar e provocar gestos de amor dos quais não seria capaz se não escrevesse.  
Escrevo porque, ao me despertar, quisera agradecer pelos olhos abertos.  
Para olhar de pé o que está demasiado longe.  
Para escutar o que ficou na ponta da língua.  
Escrevo para renunciar ao abandono e para tocar com as mãos sigilosas as costas mornas de alguém que ainda não morreu. Escrevo. E ainda não sou capaz de dizer nada.”  
(SKLIAR, 2014b, p. 89)*

Contar uma história é expor as partes marcantes, recortes de uma vivência, para as pessoas. É compartilhar seu estar no mundo, uma forma de permanecer e existir enquanto sujeito/sujeita no mundo. Experimentei contar a história da bicicleta de forma cronológica, traçando dados históricos da sua inventividade e transformações sofridas até hoje. Eventos cotidianos trazidos para dizer de sua “biciografia”. Mas, se esta é uma pesquisa que propõe narrativas outras, inclusive ficcionais, por que não tornar a bicicleta protagonista na pesquisa? Dar voz e autonomia para que ela possa nos dizer suas impressões pedalantes.

De acordo com Galindo, Martins e Rodrigues (2014)

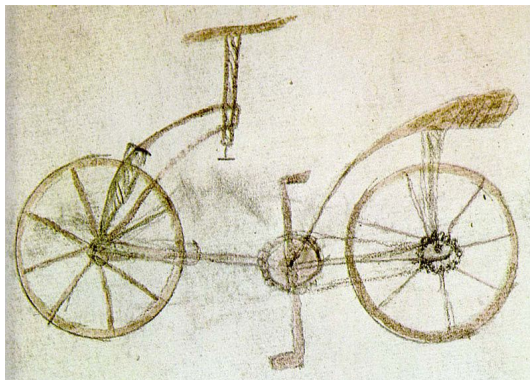
Ficcionalizar por meio de produção de narrativas é um recurso interessante para lidar com a inevitável heterogeneidade de fontes no curso das pesquisas que partem do pressuposto de que o cotidiano é heterogêneo e múltiplo. Sem dúvida, o primeiro contato com a expressão 'narrativas ficcionais', ao conjugar o ato de narrar e a ficção, poderia nos levar a uma errônea dicotomia entre realidade e imaginação, quando a potência dessas narrativas é justamente extrapolar essa oposição. [...] Não se quer escrever um romance, uma crônica, uma novela, cujos atributos venham a ser objeto de crítica literária, mas se valer da ficcionalização como maneira de deixar que a escrita seja perpassada por pessoas, lugares, acontecimentos. (p. 303)

A Bicicleta adentra na pesquisa para narrar sua própria trajetória no mundo, suas experiências com os seres que a pedalarão, e pedalam até hoje. Assim como as pessoas são múltiplas, ela também pode ser, e será sujeito atuante contando sua história. Uma trama tecida a partir de conjunturas culturais de uma época, elaborando arranjos imagéticos em torno da sua construção histórica. Não tenho pretensão de (re)produzir e dizer “verdades”, mas de experimentar e provocar sensações.

## 2.1. A criação da “espécie” Bicicletada

*“Dizer sobre uma vida é colocá-la em outra travessia.  
Travessia não quer dizer sair [apenas], mas sair de si.  
A vida é a ficção ou é a ficção o relato de sua travessia?  
(SKLIAR, 2014b, p. 120)*

Meu nascimento é rodeado de mistérios. Alguns contam que rodo pelo mundo desde a era pré-cristã por civilizações e povoados distintos, outros dizem que fui projetada em papel seda por ninguém menos que Leonardo Da Vinci, em 1490<sup>10</sup>. Acharam um desenho parecido comigo feito pelo “Leo”, junto com uma de suas obras mais clássicas, o Homem Vitruviano. Não tenho certeza, mas acho que fui pensada a partir dela. Alegam que sou a “máquina de propulsão humana” que melhor explora o corpo dos seres pedalantes, e a obra mostra um corpo masculino e sua simetria. Penso que os desenhos conversam, já que foram feitos na mesma época. Independente de onde eu exatamente vim, circulo no imaginário dos humanos. Sugiro viver uma experiência diaspórica, a partir da minha origem, cheia de deslocamentos, conhecendo as diferentes épocas e ao mesmo tempo não pertencendo a nenhuma delas, assim como descreveu Stuart Hall, alguém que muito admiro, em *A Diáspora* (2013).



**Figura 16: Bicicleta Da Vinci**

Imersa neste estranhamento com relação às minhas origens, superado após algumas sessões de terapia, tive meu registro oficializado em 1790 pelo francês Conde Monsieuer de Civrac. Eu era de madeira, pesada e parecia um cavalo com rodas. Na minha certidão há somente o nome do meu pai. Me questiono até hoje por que não contam sobre as mulheres que pensaram pela minha criação. Com tantas curvas, detalhes,

---

10 Fonte: <http://blog.gobybike.eu/historia-da-bicicleta> acessado em 12/06/2016.

e transformações inscritas em meu corpo, impossível que não tenham elas participado deste processo histórico da minha invenção. Por isso, durante muito tempo dediquei-me a descortinar estas histórias em torno do meu passado, e encontrei lindas mulheres que fizeram parte de tudo que sou hoje. Vou contar alguns fatos ainda inéditos sobre mim, e que algumas pessoas na época fizeram questão de esconder. Eu os descobri pelas pedaladas que tive ao redor do mundo, colecionando histórias e experiências sobre a minha própria biografia.

Monalisa, inspiração do “Leo”, antes mesmo de ser retratada em tela, foi quem deu as dicas sobre o desenho lá no papel de seda. Ela contribuiu principalmente com relação à minha ergonomia, baseando-se na postura em que as pessoas deveriam ter ao me usarem. Naquela época muitas mulheres usavam espartilhos, que as deixavam invejavelmente eretas, infelizmente isso dificultava meu uso por parte delas. O sonho da Monalisa era pedalar pelas parreiras, sentindo o aroma das uvas e apreciando a beleza das videiras, mas eu ainda era só um rabisco.

Na época do meu registro de nascimento outra mulher teve suma importância na minha história, Madame Lapierre, *affair* do Conde de Civrac. Uma mulher incrivelmente linda, sincera, independente, criativa, porém um tanto difícil de lidar, dizia o Conde. Ouvia meu pai dizer que tinha que usar suas técnicas de domador de



**Figura 17: Celerífero**



cavalos para “amansar a fera”. Madame Lapierre foi inspiração para minha concepção. Me chamavam de “celerífero”<sup>11</sup>, e eu tinha aspecto de um cavalo, sem freios, pedais ou barra de direção. Minha vontade prevalecia a do meu condutor, impossível de guiar-me. Eu era tão independente quanto a Madame Lapierre, e tão ousada quanto a vaidosa Monalisa. Um objeto a ser domado por quem se atrevesse a montar-me.

Assim que completei a maioridade, em 1818, restringiram, em partes, minha independência. Pensei que assim que me tornasse adulta, poderia decidir o que faria da vida, por onde rodaria, sem dar satisfações. Mal sabia o que o futuro me reservava. Na primavera daquele ano recebemos um visitante em nossa casa. O engenheiro alemão, bem bonitinho, barão Karl Von Drais. Ele era filho de um amigo de meu pai. Foi amor à primeira vista. Eu muito jovem, muito impulsiva e um tanto imatura, não entendia muito bem como a vida funcionava, mas retribuí o flerte do atraente barão. Ele não tinha papas na língua e foi logo dizendo sem medo, na frente de todos e todas da família: “Ela passou 18 anos decidindo onde e em que velocidade levaria quem a conduzisse. Quero a partir de hoje poder com ela optar por quais caminhos descobriremos juntos”. Gamei!

Ficou me paqueirando a noite inteira, nem apreciava a lua cheia linda que estava sobre nós, só me olhava. No dia seguinte a mesma coisa, eu lá apoiada no jardim cheio de flores, por vezes me chamava de “Florzinha”. Ele sussurrava: “Oh Florzinha, o que eu posso fazer para nos entendermos?”. Resisti um pouco, pensava: “Este alemão aventureiro quer me colocar rédeas, eu hein?!”, mas percebi que na verdade ele só queria estabelecer uma relação de equilíbrio entre nós. Fui permitindo pequenos avanços por parte do barão, e logo amoleci na direção, deixando ele curvar-se diante de mim e das ruas por onde passávamos. Eu ainda decidia qual a velocidade destes avanços. Ele

---

11 Fonte: <http://blog.gobybike.eu/historia-da-bicicleta/> acessada em 12/06/3016.

cedia um pouco, eu também. Estávamos completamente apaixonados, impulsionados pela emoção. Ele chegou me apelidar carinhosamente de “Draisiana”<sup>12</sup>, patenteando o nome para ninguém mais chamar-se assim, um fofo.



**Figura 18: Draisiana - 1818**

Nossa relação era tão intensa, sempre grudados, que decidimos nos casar e mudar para a Alemanha. Por onde passávamos eram como se coraçõezinhos apaixonados flutuassem sob nós. Todos e todas que nos viam nos invejavam. Kakal, apelido carinhoso que dei ao barão, decidiu fazer réplicas minhas para que outras pessoas pudessem me conhecer e experimentar um pouco como era essa troca mútua entre nós. Fui adaptada para crianças, mulheres, as poucas que ousavam se assentar em mim, e inventaram as primeiras competições comigo. Me tornei muito popular na Europa. Construímos uma linda história juntos.

Porém, com seus maus investimentos nos negócios, somados à sua péssima habilidade de barganha, passamos por uma crise financeira terrível, e nossa relação foi se desgastando aos poucos. Kakal não era mais o mesmo, eu não era mais a mesma. Vez ou outra ele chegava bêbado em casa. No início do relacionamento rodávamos pelo centro da cidade para aliviar as tensões, agora ele preferia afogar suas mágoas na bebida. Sentíamos que algo começara a faltar entre nós, e fomos nos afastando. Eu tinha uma grande amiga no período em que morei por lá,

---

12 Imagens de acervo pessoal, ou desenhado a mão livre.

Germana. Ela era muito prestativa e parceira, a chamava carinhosamente de bike anjo. Éramos muito confidentes e nos últimos tempos só me queixava sobre meu casamento. Germana era prudente quando o assunto era meu relacionamento, porém ela sabia tanto quanto eu que precisava me renovar. Me aconselhou a viajar, conhecer outros lugares para além dos muros germânicos. E foi o que fiz. Com o coração partido, mas transbordando gratidão, após 20 anos de união com Kakal, decidi rodar por outros lugares. Montei meu alforje<sup>13</sup> e parti. Germana, minha bike anjo, foi comigo. Nunca mais tive notícias do barão.

Eu e Germana descobrimos culturas outras, comidas, bebidas, músicas, arte, ambientes diferentes daqueles que estávamos acostumadas. Cada vez mais sentia a diáspora de viver neste mundo. Em meio a esta aventura, Germana conheceu um hippie pernambucano chamado Noronha. Simpaticíssimo, tinha um sotaque charmoso, e dançava frevo e forró como ninguém. Minha bike anjo se entregou a esta dançante paixão, e foi com Noronha embora para o Brasil. Tenho saudades dela, uma grande amiga, prometi que um dia a visitaria. Mas por ora segui sozinha pela Europa, rumo ao desconhecido.

Após grandes aventuras senti pela primeira vez que precisava de ajuda para harmonizar meus desatinos. Sempre fui dona do meu guidão, impulsiva e independente. Mesmo que Kakal tenha ampliado a possibilidade de outros me guiarem, tornando-me mais flexível, ainda assim era um tanto restrita, dura demais. Eu decidia com que velocidade experimentava a vida, e na maioria das vezes sempre muito rápida, impaciente. Não estava mais satisfeita agindo assim. Continuei a viagem procurando respostas a esta crise que vivera.

Um dos países que muito me encantou foi a Escócia. Adorava ficar ouvindo o som das gaitas de fole, e os homens usando *Kilt*<sup>14</sup>. Um

---

13 Uma espécie de bolsa presa na bicicleta, mais especificamente no bagageiro, que serve para o transporte de objetos.

14 Saia masculina, tipicamente escocesa.

barato, me diverti muito por lá. Nesta época, em meados de 1839, conheci o escocês Kirkpatrick McMillan, um velho ferreiro, muito sabido. Estabelecemos uma linda amizade, quase um pai para mim. Ele foi crucial na minha existência. Com ele que aprendi que poderia aliar intensidade e tranquilidade, retomando meu equilíbrio. Ele foi uma espécie de guia em minha vida. O apelidei de “Estrela Dalva”. Todas as manhãs compartilhávamos o desjejum e ele tinha sempre um ensinamento diferente que iluminava meus trajetos.

Foi numa dessas manhãs que ele pediu gentilmente meu consentimento para pôr pedais em mim, pretendendo com isso acalantar-me. Eu gostei da novidade e o convidei para um passeio. Como tinha



**Figura 19: Draisiana com pedal - 1839**

certa idade, o “Sr. Méc” pedalava cauteloso comigo, e foi muito interessante esta lenta experiência. Descobrimos juntos que os impulsos constantes não eram mais necessários, e decidíamos em conformidade a velocidade com que descobriríamos o mundo. Eu e ele iniciamos uma bela jornada pela Europa. Estrela Dalva foi o primeiro ser a pedalar-me. Muitos quilômetros acumulados nesta relação.

Mesmo com quase 50 anos, sentia-me muito jovem. Havia crescido em meu corpo muitas bagagens, e muitos atravessamentos históricos e culturais por onde passei. Sofri algumas modificações corporais. As rugas não me afetavam, mas sempre achei que estava um tanto fora de forma, acima do peso, precisava emagrecer. Talvez

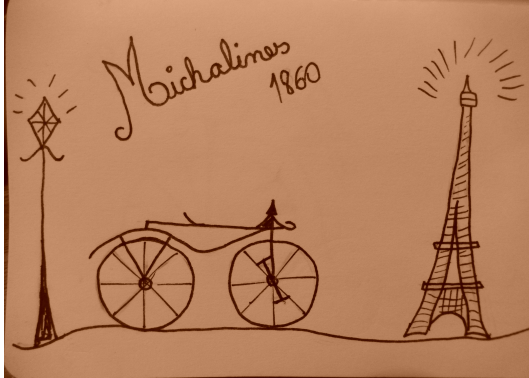
estivesse passando pela crise da meia idade, ou um pouco insegura, talvez eu tivesse que retornar à terapia, não sei. Só sei que sentia certos desconfortos, principalmente na troca que tinha com os seres pedalantes. Entretanto, a vida é feita de belos encontros e eu sempre tive muita sorte em tropeçar em seres incríveis por aí. Decidi retornar à França para quem sabe lá encontrar algumas respostas a esta repetida e insistente crise que eu vivia.

Era 1860, as pessoas começavam a acelerar seus modos de viver. Desde que os humanos deixaram de usar o próprio corpo para se locomover, utilizando-se de outros meios, sua relação com o mundo e todo seu entorno mudou. Seus corpos não são mais os mesmos, nem suas posturas. Eles repousam no trajeto que percorrem ao usar de outros meios para mover-se, e o próprio trajeto muitas vezes é deixado de lado, dando lugar à pressa em chegar. Sua relação com o mundo e suas preocupações são outras. Ah e como gostam de inovação e emoção estes humanos. Numa noite fria de outono, estava eu contemplando a Catedral de Notre-Dame de Reims, em Paris, toda iluminada em tons pastéis. De repente *une belle femme* sentou ao meu lado. Ela era tão linda e sedutora, que ofuscava a beleza da catedral, senti-me atraída por ela. Se apresentou como Capitu, uma cigana muito à frente de seu tempo. Foi um encontro incrível, ficamos a madrugada inteira conversando sobre seus romances e amantes.

Achei bárbara tamanha ousadia a dela em abrir sua intimidade para mim, sem ao menos me conhecer direito. Sei que eu já era um tanto famosinha pela Europa, e que causava isso nas pessoas, uma reação de confiança e simpatia pelos que ousavam aproximar-se de mim. Quase um convite irrecusável para outras experiências de vida. Ela me fez algumas previsões futuras, disse que eu teria muitas histórias amorosas na vida, que estas fortaleceriam minha existência, mas que até lá passaria por muitas provações para ser feliz. Arrepiei-me do guidão à roda traseira. Amanheceu e ela me convidou para tomar um café com

seus amigos, Pierre e Ernest Michaux, pai e filho respectivamente, numa confeitaria da periferia da cidade que servia deliciosos *croissants*.

Desconfio que ambos eram apaixonados por Capitu, pela forma penetrante com que a olhavam, e ela retribuía com carinho fraternal, para desalento dos dois. Disse que iria me apresentar a eles, pois eram inventores de triciclos velozes e poderiam me ajudar a dar um *up* no



**Figura 20: Michalines - 1860**

visual. Foi difícil fazer com que eles prestassem atenção em mim, mas Capitu insistia que estava ali naquele dia por minha causa, e que se eles me dessem a devida atenção, para transformar-me numa velocípede, nossas vidas mudariam. Acho que fazia parte da previsão que ela havia me dito, estava ela dando uma ajuda ao destino. E foi o que aconteceu. Ernest experimentou-me. Sentiu quais eram minhas angústias e, juntos, os dois me renovaram. Transformei-me no velocípede de duas rodas mais sofisticado que já existiu e começaram a me comercializar na primeira fábrica oficial de bicis. Me chamavam de “Michalines”<sup>15</sup>, acho que podiam ter escolhido um nome melhorzinho, mas as adaptações foram tão atraentes que preferi no momento me abster quanto a isso.

Desde que fui casada com Kakál, meu uso só aumentava pelo continente europeu. Apesar do fim trágico, devo muito isso a ele. Os franceses, uns queridos, foram os primeiros a criarem espaços urbanos delimitados para meu uso. Isso me preocupou no início. Eu não queria segregar os espaços públicos, minha pretensão sempre foi compartilhar:

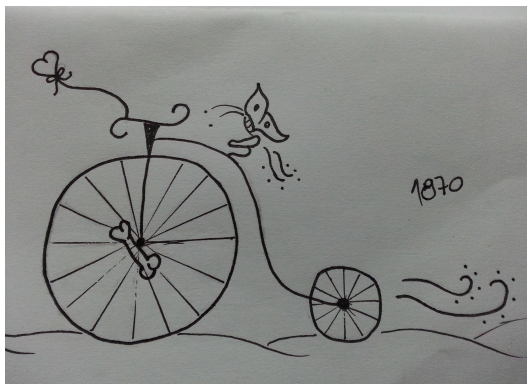
---

15 Imagens de acervo pessoal, ou desenhado a mão livre.

ruas, sensações, experiências e tudo mais de positividade. Mas entendia que isso foi uma forma que os seres humanos encontraram de organizar a vida na cidade. Refletirei sobre esses efeitos mais adiante. Por enquanto, estava conquistando mais e mais pessoas e elas me adoravam.

Com a fabricação das Michalines a todo vapor, tiveram a brilhante (e estúpida) ideia de mexer nas minhas formas, argumentando

que eu seria mais veloz. Era 1870, decidiram aumentar minha roda da frente. E eu que queria ser mais magra, fiquei parecendo uma *Free Willy* com pedais. Medonha! Não curti nem um pouco. Deixei claro desde o início que isso não daria certo. Me tornei sim o biciclo mais ágil até então, já que a cada giro daquela roda gigante percorria espaços maiores no trajeto. Mas sabe como são os humanos, se empolgam com a novidade. Pedalando mais rápido logo vieram seus efeitos:



**Figura 21: Bicicleta "Quebra-osso" desenhada.**



**Figura 22: Bicicleta "Quebra-osso" (conhecida também por Penny Farthing) exposta no FMB5 - Chile**

graves acidentes comigo e com eles. Chegaram a me apelidar de “quebravossos”<sup>16</sup>, acreditam? Sempre recebi apelidos amorosos, lindos, e agora eu quebrava ossos? Choquei!



**Figura 23: Penny Farthing pelas ruas de Santiago/Chile - Abril 2015**

A minha trajetória até o

momento me ensinou a ver o lado positivo dos acontecimentos, mesmo em meio a tanta quebradura. Com todos os avanços e transformações feitos em mim, começamos a montar grupos de cicloturismos para excursionar pela Europa. Eu não viajaria mais sozinha. Não que isso fosse ruim, até por que estar só, às vezes, pode ser tão interessante! Nossos olhares atêm para detalhes outros. Possíveis encontros acontecem. Os comentários sobre nossas descobertas podem ser tecidos com desconhecidos(as), projetando outros relacionamentos e trocas. Aprendi isso naquela primeira viagem que fiz após meu divórcio.

Fiz mais e mais amigos e amigas com aquelas excursões. Em uma delas conheci um grupo de bicicletas brasileiras, superanimadas, “mas bah que povo arretado”. Eram elas: Leiloca, Gaby, Joelma, Gita, Zuzu, Carol, Fabiana, Iara, Kátia Preta, Eva e Eva Green. Juntas formavam um grupo musical intitulado “Vitoriosas”. Estavam fazendo um *tour* pela Europa disseminando a cultura brasileira. Tocavam de tudo, de música tecno-brega a mpb, funk a rock nacional e internacional. Elas vinham de todas as partes do Brasil, musicalidade puramente eclética. A-ME-I conhecê-las. Todas cantavam e tocavam algum instrumento. Eva e Eva

---

16 Imagens de acervo pessoal, ou desenhado a mão livre.



Green faziam um dueto ótimo. Quando cantaram “Ciclobeat (Mais amor, menos motor)” do rapper colombiano Zatélite, a plateia foi a loucura. E Kátia Preta então? Apresentou um solo de trombone como ninguém, arrepiante ouvi-la tocar. Gita fez uma exibição hilariante, cantava músicas de um artista de rua de Curitiba, o Plá<sup>17</sup>, um ser pedalante que se diz o Raul Seixas das Bicicletas. A música mais conhecida e cantada foi: “Para andar de bicicleta tem que ter moral, tem que ter moral”, virou hino no show das Vitoriosas. Senti que não podia mais adiar minha ida a outros continentes e incluir o Brasil na lista era uma prioridade.

Numa dessas feiras de inovação da época fui me expor para o mundo. Uma das escolhas mais bem acertadas que fiz na vida. Capitu tinha razão na sua previsão. Havia seres de vários lugares do planeta. Pude conhecer também outras descobertas que mais tarde seriam agregadas ao meu corpo. Na minha existência. Estava cada vez mais madura e segura. Sentia que estava preparada para qualquer mudança que viria a ter. Com todas as práticas de cicloturismo, bem como a ampliação de fábricas que me produziam em larga escala, não consegui mais guardar na memória quem fez um ajuste aqui, outro ali em meu “corpitxo”.

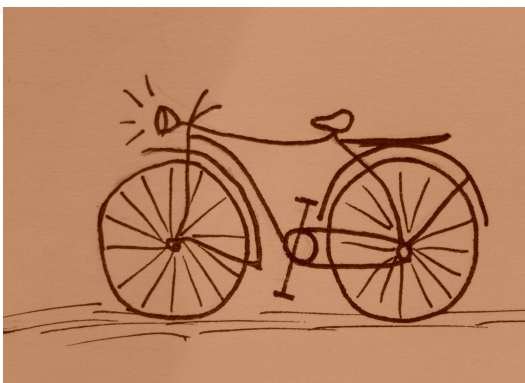
Lembro de algumas datas que marcaram fortemente a minha estética e leveza. Fiquei 10 anos com aquele design desproporcional. No final das contas, aquela forma virou peça de museu. Na atualidade poderão achar que era bonita, mas jamais saberão como era ser uma “orca” pedalante. Em 1880 voltei a ter simetria e me chamaram de *Safety Bike*, pelo retorno à segurança. Graças a santinha das bicicletas que iluminou este ser humano.

Entre 1870 e 1900 sofri as maiores transformações possíveis em pouco tempo. Vivendo a Revolução Industrial, deixei de lado o medo

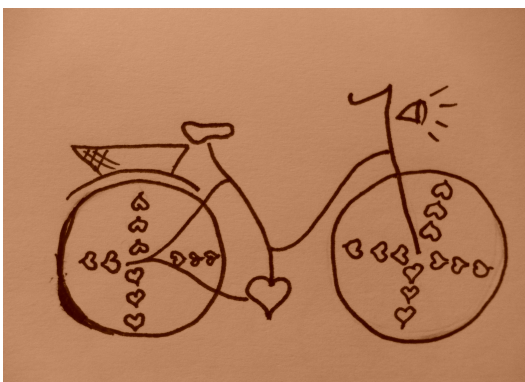
---

17 Artista de rua que vive em Curitiba/PR. O conheci no 3º Fórum Mundial da Bicicleta.

dos cupins, me tornei de aço, com pneus de borracha, rodas com raios, freios, eu era uma máquina aerodinâmica completa e segura. Ficando cada vez mais magérrima, estilosa, dinâmica e com medidas proporcionais. Era praticamente uma Gisele Bündchen entre as bicicletas. Até farol eu tinha, podendo ser pedalada nas lindas noites ao luar. Meu maior desafio era ter um custo menor, ser acessível



**Figura 24: Bicletas a partir de 1900.**



**Figura 25: Bicicleta a partir de 1900 ficcionada.**

comercialmente a todas as classes sociais, pois por muito tempo só estive entre os mais ricos. Entre os pobres eu chegava quando me rifavam em alguma festa de igreja, ou nas comemorações de fim de ano das empresas ou, ainda, de segunda mão em algum hospital de bici, e que os humanos chamam de bicicletaria – oficina de bicicleta.

Eu praticamente circulava só em espaços urbanos. Havia alguns modelitos diferentes, mas essencialmente eu era feita para a cidade. Mesmo em cicloturismos pela Europa, sempre pedalei em centros

urbanos. Eu tinha uma vontade imensa de trilhar por terrenos mais densos e instáveis, adorava a ideia de poder rodar na lama, no cascalho, estradão sabe?! Nesta época eu já estava dando rolês pelo mundo todo e, por isso, ouvia o desejo dos humanos de aventurar-se nas montanhas entre outros desafios mais radicais. Foi então que além das parentes urbanas eu conheci minhas primas de outras estradas da vida, as *Mountain Bikes*, totalmente adaptadas a qualquer tipo de terreno. Algumas cidades quando são pensadas pelos humanos, não me incluem neste planejamento, mal eles dão condições para si próprios se deslocarem por ela. Por isso que a versão para a montanha também é superaceitável em ambientes urbanos.

Minhas primas de segundo grau a Shiva, Pink Princes (irmãs gêmeas univitelinas) e Cora Coralina (irmã mais velha) são exemplos. A primeira faz de tudo no centro. Ela adora ir na floricultura enfeitar a



**Figura 26: Bicicleta urbana**

cestinha com flores, e fazer pose na beira do mar. Sempre brinco com ela chamando-a de exibida, ela ri que se acaba. Já a Pink Princes adora fazer compras no supermercado e ir na feira. As duas são muito charmosas. Adoro o movimento *cycle chic* delas, inclusive pensam em investir neste ramo da moda para bicicletas urbanas.

A Cora Coralina também circula muito pela cidade, mas suas preferências são outras. Ela curte mais andar nos becos e ruas sinuosas, explora e muito o lado *mountain bike* na cidade, é vista como uma “maloqueira”, “vida louca”. Ela e as amigas Pratinha e Magrelita adoram caçar artes urbanas (grafites e pichações) nas periferias e ruelas. E elas também fazem algumas intervenções artísticas com *stencils*<sup>18</sup>, provocando o olhar estético para e com a bicicleta. Adoram participar das Bicicletadas – Massa Crítica, cantando os hinos que o Plá inventa. Todas estas *mountain bikes* estão superadaptadas à vida nas cidades, aos diversos terrenos existentes.

Mas eu ainda tinha curiosidade em ver como era a vida das primas aventureiras. Fui experimentar minha primeira trilha. Foi surpreendente, uma peripécia fantástica.



**Figura 27: Mountain Bikes (Pratinha e Magrelita) adaptada para cidade.**



**Figura 28: Mountain Bike Catrina**

---

18 Feito em uma placa (folha de estêncil ou papelão, por exemplo) como molde para uma figura ou frase, uma “categoria” de grafite mais rápido e simples, arte urbana.

Conheci a trilhaeira alemã, muito fera e superdestemida, a Catrina. Ela acumulava histórias pelas estradas estreitas das florestas tropicais, costa verde-mar, vale europeu e litoral sul brasileiro. Catrina costumava trilhar sempre com sua amiga que era albina, a Cocaína. Mas naquele período ela estava sozinha, pois a amiga havia sido internada numa clínica de reabilitação para viciadas em trilhas. Fiquei assustada com o relato, e decidi ter mais cautela em adentrar neste mundo das trilheiras.

Minhas primas *mountain bikes* além de se divertir também passaram por grandes apuros. Na época das grandes guerras entre os seres humanos elas foram convocadas para batalhar com soldados pedalantes. Muitas delas nunca mais voltaram, se tornaram ferrugem nos campos de batalha. Conheci algumas ex combatentes, Saci e Bambuth, que hoje foram transformadas completamente em bici-outras, renovadas para rodarem na cidade. Os engenheiros realizaram incontáveis plásticas a fim de aliviar as dores, cicatrizes e sequelas



**Figura 29: Bicicletas Strida**

da guerra. A tenente Saci, hoje uma dobrável *strida*<sup>19</sup>, foi uma grande guerreira, fazia parte do pelotão de elite, sempre na frente.

Sobreviveu a três guerras e hoje quando a veem rodando por ai acham ser estilosa, com um visual descolado e muito atraente. É uma bicicleta muito resistente e prática para interligar com demais modais na cidade, visto suas marcas invisíveis das batalhas graxentas que carrega na memória. Bambuth foi soldada, e soma duas guerras no currículo. Fazia parte das cargueiras de armamento e demais objetos bélicos. Visto a patente menor, seus recursos para transformá-la em uma bici tão atraente quanto a Saci foram insuficientes. Ela recebe uma indenização mixuruca do estado, mas como é de bambu sofre menos as ações do tempo em seu corpo e seus gastos com manutenção são baixíssimos. Por isso continua servindo de cargueira na cidade, distribuindo jornal e ganhando um extra para agregar na renda familiar.



**Figura 30: Bicicleta cargueira pelas ruas de Valparaíso/Chille**

Durante as guerras no início do século passado também foram feitas modificações no meu corpo para facilitar meu deslocamento por parte dos soldados pedalantes. Me tornei muito maleável e flexível, podendo ser dobrada em várias partes. Acho que um ser pedalante japonês ou japonesa é que teve essa ideia, quando fazia um de seus mil tsurus. A única bicicleta dobrável que conheci e que presenciou uma guerra estava muito idosa, ela havia sobrevivido à Bomba Atômica, chamava-se Xiaolin. Após o

---

19 Imagens da bicicleta *strida* fornecida pelo amigo Fábio Nazareth



episódio traumático para a humanidade, Xiaolin veio morar no Brasil. Fui conhecê-la tempos atrás. Ela quase não falava nem rodava mais, e quem me recebeu foi sua neta Estelita, também dobrável. Ela nos contou como foi a trajetória e vida de Xiaolin, de todos ensinamentos que a avó transmitiu a ela, significados que interferem diretamente na vida e na prática cotidiana de Estelita. Hoje ela é símbolo de uma luta contra a especulação imobiliária e manutenção do patrimônio histórico e cultural de sua cidade. Ocupar e resistir é o lema de Estelita. Uma linda história de envolvimento estético e político com as cidades.

As outras bicicletas dobráveis que conheci levam uma vida circense muito animada, explorando ao máximo sua elasticidade e flexibilidade.

Naranja, Juju, Origami e Florentina fazem parte do *Cirque du Soleil* das bicicletas. Rodam o mundo fazendo grandes espetáculos “pedalísticos” por onde passam. Fazem juntas o show mais esperado e aplaudido pelos humanos, são excelentes acrobatas



**Figura 31: Bicicletas dobráveis FMB5 - Chile (acervo pessoal)**



**Figura 32: Bicicleta dobrável Florentina**

e malabaristas. Em questão de segundos dobram e desdobram-se a olho nú para o público. Repousam em lugares compactos e são muito adaptáveis e associadas aos demais modais.

Atualmente nem eu sei ao certo quantos modelos existem de mim. Me tornei acessível a todas as pessoas, inclusive financeiramente. Sou multicultural, diversificada, mesclando entre clássica, moderna, de aventura, lazer, cargueira, atuo inclusive no ramo de alimentos. Sirvo para todos os gostos e principalmente: resisto em meio aos automotores. Os seres pedalantes me veem como possibilidades infinitas de relação, intervenção e ação. Por exemplo, Anais Nin, a bicicleta feminista, pedala no fortalecimento para emancipação da mulher através da bicicleta e atua na consolidação da presença feminina no cenário da ciclomobilidade urbana. Ela diz que as mulheres se livraram dos espartilhos principalmente para poderem pedalar. Ideia que Monalisa já tinha quando deu as primeiras dicas para Da Vinci me desenhar, mas que não conseguiu dar continuidade justamente por eu não existir materializada. As experiências em potencial acontecem na relação dos encontros, talvez Monalisa fosse referência na questão feminista se pudéssemos ter dado aquele rolê nas videiras.

Nin é uma bici francesa que veio ainda muito pequena morar no interior de Minas Gerais. Hoje em dia mora em São Paulo e atua pedalando como cicloativista, focando seu olhar para questões de gênero. Ela é casada com a bicicleta também ativista Impostocleta, que milita pelo amplo direito a cidade, democratizando os espaços urbanos. Seu posicionamento é muito claro: quanto maior o número de seres pedalantes na rua maior será a nossa segurança, independente das parafernalias que possamos vir a usar. A segurança para ela está relacionada à conscientização de que motorizados+velocidade é que devem ser responsabilizados(as), e que nas ruas onde compartilhamos os espaços há hierarquias de cuidado: veículos maiores sempre cuidam dos menores. O casal, Anais Nin e Impostocleta são referências no ativismo



pedalante, defendendo meu uso livre e prazeroso por quem quer que seja, incentivam e atuam efetivamente na mobilidade urbana e humana, em busca de um lugar seguro para que possamos juntas e juntos rodar na cidade.

Mafalda é fruto desta união “pedalística”, ativa e afetiva. Desde muito bicicletinha foi incitada a pedalar livremente, explorando o ambiente. Suas primeiras rodadas eram encorajadas desde cedo, quando



**Figura 33: Bicicletas infantis pelas ruas de San Pedro de Atacama/Chile (acervo pessoal)**

nem pedal e freio tinha. Balanceando-se para lá e para cá Mafalda ficou conhecida como a “bike balance” mais arrojada do bairro. Em encontros na rua de lazer, abertas nos finais de semana, lá estava ela com seu balançar pitoresco, em meio a triciclos, patinetes, skates e patins. Em estatura crescia pouco, mas sua coragem e energia prosperavam a cada rolê. Na adolescência tornou-se uma BMX aventureira e questionadora. Adorava se divertir realizando manobras radicais nas escadarias e monumentos da cidade. Nin e Impostocleta eram muito liberais com a filha, incentivando sua independência e autonomia. Porém, ficavam com os freios apertados toda vez que a filha saía para fazer *parkour*<sup>20</sup> noturno com a galera.

Os locais de encontro da turma dependem da tribo e da animação do rolê. Em algumas cidades tenho meu lugar consolidado em praças de

---

20 Atividade de movimento e deslocamento urbano a fim de explorar as habilidades do corpo superando os obstáculos do caminho.

ciclistas, onde a diversidade bicicletista acontece. Mafalda sempre passa na praça para ver e rever as amigas pedalantes. Ela adora ser uma BMX<sup>21</sup> e vez ou outra arrisca-se em competições nas pistas de bicicross do interior da cidade. Seu objetivo maior sempre foi deleitar-se no mundo pedalante. Conhecer e expandir as possibilidades e artimanhas de seu corpo.

Sendo alta ou baixa, magra ou rechonchuda, pouco importa. Minhas possibilidades de adaptação e uso são incomensuráveis. Celinha, por exemplo, uma bicicleta *speed*, de corrida, que se adequou muito bem ao ambiente urbano. Ela é amicíssima da Mafalda, apesar de serem anatomicamente e de grupos completamente diferentes. De dia Celinha faz serviços de bike courier. Entrega rápida e eficiente, sem poluir o ambiente, de mercadorias e mensagens nos centros urbanos. Uma prática crescente, de grande



**Figura 34: Bicicletas BMX e suas manobras**

---

21 Fonte das imagens: [https://www.facebook.com/Inst.CicloBr/photos/?tab=album&album\\_id=1255853147765975](https://www.facebook.com/Inst.CicloBr/photos/?tab=album&album_id=1255853147765975) Fotografia: Silvia Ballan. Acessado em 15/06/2016.

serventia diante do colapso no trânsito em horários comerciais. Super recomendo. A noite, nos finais de semana, ela aventura-se velozmente pelas ruas da cidade, aproveitando que estão mais desertas de motorizados. É minha versão mais rápida até o momento. Por vezes marca de fazer um “alleycat”<sup>22</sup> com a galera. Uma espécie de competição de ciclismo na cidade. Reúnem-se em grupos e montam estratégias para o rolê. O chamado é feito meio na surdina, de sineta em sineta, sem anúncios públicos. Acontece principalmente no horário de rush, quando as ruas estão entupidas de motorizados, elevando a adrenalina de participantes. O principal objetivo desta prática é a quebra de recordes individuais. Tudo para “causar” movimentos outros na cidade.

Celinha tem uma prima, a Frida\_Xê, minha versão fixa, incompreendida por muitas pessoas e pedalantes de minha espécie. Seu pedalar é visto como manifestação de transgressão e



**Figura 35: Bicicleta fixa Frida\_Xê**

rebeldia. Puro preconceito. Na verdade as fixas são arrojadas e audaciosas. Só com muito atrevimento e força para ser uma fixa cotidianamente nas nossas cidades. Frida\_Xê é uma bicicleta com funções bem diferentes de todas as demais. À primeira vista as primas se parecem muito, contudo, basta dissecar sua anatomia para perceber detalhes cruciais que a distinguem.

---

22 Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-136383/alley-cat-provas-de-ciclismo-em-meio-a-cidade> Acesso em 26/03/2016.

Celinha tem câmbio/marchas e freios. Frida\_Xê despiu-se destas amarras: sem marchas e sem freios. É considerada atualmente uma das bicicletas mais bipolares e esquizofrênicas que existe: complexa na sua simplicidade de existir. As fixas são excêntricas e desafiadoras. Rodam para frente e para trás, aliás rodam sempre, sem parar. Descanso é para os fracos, elas dizem. Controlá-la dependerá das forças de quem ousa pedalar. A conectividade pedalante com esse tipo de bicicleta é tão grande que merece respeito e admiração. Os sentidos de Frida\_Xê são muito mais aguçados que outras bicicletas. Sua sensibilidade é continuamente transmitida para o/a pedalante. Dominar a velocidade e a parada dependerá exclusivamente das pernas de quem a pedala. Frente a tanta potência criaram uma olimpíada desta categoria, a Fixolimpíada. Um evento que promove o encontro da irmandade fixeira. Trocas de experiências e manobras, unindo amantes, simpatizantes e adeptos(as) de fixas.

Minha ascensão não tem limites, assim como meu uso e formatos. Minha anatomia de base é a mesma nas diferentes espécies, todavia, são nos detalhes que minha subjetividade “pedalística” vai sendo tecida, delineada. Na forma como sou usada e montada. Nos contornos que ganhamos na construção mutua de seres pedalantes.

Outro casal de bicicletas que amplia minha presença na cidade é Céu e Trovão Azul. As duas desempenham atividades alimentícias, um movimento urbano emergente e crescente. São



**Figura 36: FoodBike - bicicleta adaptada para fazer coquetéis (acervo pessoal)**

conhecidas como *FoodBikes*, semelhantes aos *Foodtrucks*, ou seja, comidas pedalantes. Céu é uma *foodbike* que comercializa comidas vegetarianas de todos os tipos, doces e salgados. Mantém anexo a ela o *bikebijoux hippie*, só com bijuterias de produtos naturais e filtros dos sonhos, dos mais diversos.

Além disso ela faz maquiagem com a *beauty bike*<sup>23</sup>, *biciyôga* e adora dançar salsa com Trovão Azul, com quem é casada. Trovão Azul, também uma *foodbike*, é *sushibike* e vende a melhor comida japonesa que já degustei na vida. O casal expõe suas iguarias diariamente nas ruas da cidade de São Paulo, junto a tantas outras *foodbikes*. Anais Nin e Impostocleta são clientes assíduos, e geralmente fazem seu *happy hour*, ora comendo sushi, ora no vegetariano da Céu.

Uma vez por ano acontece um



**Figura 37: Beauty Bike (acervo pessoal)**



**Figura 38: Encontro Bicultura 2016 - BiblioCici, Ciclosomero pelas ruas de São Paulo. (acervo pessoal)**

---

23 Imagem de acervo pessoal registrada em 27/05/2016.



festival de música e arte, que reúne a comunidade “pedalística”, chamado Bicicultura Psidodálica. O casal de foodbikers, entre tantas outras, comparecem para garantir a comilança de todos e todas, criando a cada edição uma especiaria diferente e única.

As bicicletas mais estilosas aparecem por lá. A galera *LowRiderBike* vai em peso para o festival. Extremamente

personalizadas, são bicicletas nada convencionais e ainda pouco vistas nas ruas. Mas quando aparecem roubam a cena pelo semblante

incomum. Magra tem o sonho de se tornar uma lowrider, aos poucos está se transformando. Ela faz parte do movimento de hiphobikers da periferia da cidade e é tatuadora. Foi ao festival fortalecer a comunidade lowrider e apresentar sua rima pedalística empoderada no palco aberto para artistas amadores.



**Figura 39: Bicicleta estilo LowRider - FMB5 Chile (acervo pessoal).**



**Figura 40: Bicicleta Tandem estilo LowRider - FMB5 Chile (acervo pessoal).**

A turma de gêmeas siamesas, as tandens, do projeto Novo Olhar de Blumenau, não perdem nenhuma edição do festival. Vão todo ano com os/as seres pedalantes deficientes visuais promovendo a



**Figura 41: Bicicleta Tandem no Bicicultura – Fotografia Silvia Ballan**

inclusão e para curtir o evento. Além é claro de proporcionar explorar os demais sentidos pedalísticos. Uma experiência inenarrável de emoções e trocas intensas. Muita alegria, respeito, amor e amizade. Ativando toda a potencialidade possível em torno de mim, celebrando a minha história e a minha vivência.

Contei de maneira sintetizada um pouco da minha história no mundo, fazendo um traçado não linear por caminhos onde rodei e continuo rodando. As transformações que eu sofri foram necessariamente relacionais e equivaleram às mudanças culturais ocorridas em determinadas épocas. Tenho mais de 200 anos de existência, me sinto cada vez mais jovem, mais madura, e percebo que os seres pedalantes vêm em mim uma possibilidade de repensar suas relações com a cidade. Circulei pelas mais diversas formas de civilizações. Vivi em várias dimensões sociais: cristianismo, monarquias, repúblicas, comunidades anarquistas, hippies, no nazismo, em regimes ditos socialistas, vivo até hoje em áreas de conflito entre os humanos, áreas de guerra constante. Mas a maior batalha que enfrento atualmente é da Carrocracia. A força imponente dos carros me torna um símbolo de resistência na cidade.

Eu confesso que as vezes tenho vontade de desistir, principalmente porque as grandes fábricas de carros nasceram fazendo bicicletas, existiram a partir de mim. Eu fui inspiração primeira, rodava pelas cidades livremente, e com muita simpatia aproximei as pessoas umas das outras, mesmo com a possibilidade de deslocamento rápido. Quando o carro surgiu, muitos me deixaram de lado, primeiro no canto da garagem, mas ainda lá. Aliás, a ideia de garagem não surgiu para mim, foram para guardar carros, espaços que poderiam servir para fazer um belo jardim ou uma horta orgânica nos quintais. Depois colocaram o cobertor velho em cima de mim, tanto que ambos fomos nos enchendo de bolor e pó. O próximo movimento foi me levar para lojas de produtos “velhos e usados”, e tentar um dinheirinho com a minha venda.

Viver na Carrocracia é sofrido e doloroso. Várias governanças mundo afora renderam-se ao capitalismo e com ele o fascínio dos motorizados com promessas de conforto, segurança e facilidade de modos de viver, mas seus efeitos concretos geram controvérsias. Deixam de lado sistemas ferroviários, hidroviários e focam, geralmente, nas rodovias, apostando que isso melhoraria a vida das pessoas. Governar se tornou sinônimo de abrir estradas. Nesta lógica, configuraram estruturalmente as cidades para os carros. Seu planejamento é pensado por onde melhorar o deslocamento deles e sua fluidez continua, cada vez mais rara atualmente.

Seres pedalantes que defendem meu uso, como Anais Nin e Impostocleta por exemplo, criticam carrocratas, pois priorizar somente um segmento na sociedade é necessariamente excluir o resto que é muito maior somado ao todo. Esta prática destina publicamente um espaço que é de todos os seres humanos para uma determinada parcela vista como “nobre” da sociedade. Preciso unir mais ou menos dez de mim para ocupar o espaço de um SUV<sup>24</sup>, por exemplo. Por mais lenta

---

24 Veículo utilitário esportivo, com características de carro de passeio e off-road (todos os terrenos), aliando conforto, espaço e versatilidade.



que eu seja em relação a um carro, minha fluidez é proporcionalmente maior quando comparada ao enfileiramento deles durante o dia a dia nas cidades. A emissão de poluentes da minha parte é zero. Minha manutenção é insignificante, de novo se comparada a um carro. Os investimentos para que eu circule em segurança são extremamente baixos. Enfim, deixei minha modéstia de lado para tentar refletir o quão supimpa posso ser.

Além de todas estas qualidades físicas, tenho outras tantas que tocam na sensibilidade relacional enquanto ser pedalante. Estabelecemos uma troca estético-política. Pessoas vêm em mim um potencial criativo para arte, poesia, música, união, uma multiplicidade inventiva sem limites. Estou envolvida junto com eles/elas numa batalha, não só contra os carros, até porque acredito que podemos ser amigos, mas contra uma lógica que esmaga as relações humanas, e que está transformando as pessoas em consumidores automatizados. Nosso objetivo é mostrar que há outras maneiras de experimentar um lugar, qualquer que seja, e que há pessoas que escolheram comigo se tornar seres pedalantes e querem estar na rua dando seus rolês com segurança.

Não quero que carros deixem de existir. Eles podem ser legais e eventualmente me carregar por lugares nas vezes em que estarei cansada demais para prosseguir. Historicamente nascemos nos mesmos espaços, pensadas em melhorar o deslocamento das pessoas. Na verdade eu gostaria que pudéssemos conviver em paz, compartilhando a rua. Que pudéssemos nos cumprimentar, sermos gentis. Se fosse assim será que haveria necessidade de segregarmos as ruas e avenidas? Poderíamos conviver em harmonia?

Enquanto ser pedalante me veem como possibilidade de protesto, em vários eventos. Os mais consolidados e conhecidos são as Bicletadas – Massa Crítica acontecem há aproximadamente 22 anos, e também a Pedalada Pelada (*World Naked Bike Ride*) pedalando nus ou seminus sobre mim há 11 anos. Acho muito engraçado quando “nus”

despimos e pedalamos. Esta foi a forma que encontramos de dizer que a obscenidade não está em nossos corpos, mas na relação com os motorizados na cidade.

Não quero obrigar a todos e todas que gostem de mim, apesar de achar que sou irresistível. É só ver a minha história com os seres pedalantes, não é incrível? Mas que respeitem a minha existência, minha persistência em querer viver neste planeta lindo e cheio de seres pedalantes querendo experimentá-lo comigo. O discurso deles alerta para minha permanência segura e garantida na cidade, sendo uma forma de escapar do caos e da barbárie que as pessoas estão compartilhando atualmente. Tenho uma proposta para as pessoas que ainda não conseguem me enxergar positivamente: que me experimentem! Eu fui presente para muitas crianças humanas, se não fui presente fui sonho de um dia ser.

Apesar de alguns tombos compartilhamos sensações quase indescritíveis, e só quem se entrega a mim consegue entender do que estou falando. Poucos são os seres que tenham sentado em mim, rodado meus pedais, que não tenham gostado. Quando há essa troca eu e a pessoa que me experimenta nos tornamos um/uma só, seres pedalantes, no plural para tentar transmitir nestas palavras essa relação de união. Tanto que mesmo sendo homem, mulher, trans, criança, idoso, ainda assim somos seres pedalantes, sem distinção de gênero, demonstrando que qualquer ser pode estabelecer esta relação comigo. Eu acolho tudo que estiver disponível a entregar-se a mim. Neste sentido estou tentando permitir repensar o lugar da cidade no cotidiano das pessoas, com ou sem traçados simbólicos na rua, chamadas de ciclovias/ciclofaixas. Te convido para ir à rua e experimentá-la, podemos no trajeto conversar sobre as sensações que teremos naquele lugar. Me despeço com este convite, e que possamos continuar contando e vivenciando minha história pelo/no mundo, seres pedalando pelo/no mundo.



\* \* \* \* \*

Costurando e trilhando caminhos que percorriam em torno da história contada sobre a bicicleta, recheada de elementos da cultura de uma determinada época com os de hoje, é que a narrativa neste capítulo foi construída. A todo instante recorria a internet em busca de imagens desses elementos que pudessem contribuir para (re)contar e tecer essa mirabolante história da bicicleta, e que entrelaçavam com a própria história das pessoas envolvidas nela. Foi extremamente interessante e estimulante esta outra forma de escrita, misturando “realidade” e imaginação. Como salienta Moscheta (2014)

o que tomamos habitualmente como o modelo tradicional de escrita científica pôde ser evitado, e o texto ganhou por vezes tonalidades mais artísticas. Ele se beneficiou, portanto, da mestiçagem de estilos e da diluição da fronteira entre a escrita científica e a literária, possibilitadas pela inteligibilidade pós-moderna” (p. 47).

Inclusive as personagens fictícias são nomes de bicicletas de colegas, amigos e amigas, seres pedalantes que, assim como eu, estabelecem uma relação afetiva e íntima com a bicicleta. Estes nomes, bem como a história de porque elas se chamam assim, serviram de base criativa para esta outra história contada sobre a bicicleta. Há um pouco de cada ser pedalante com quem convivo neste enredo. Por isso que esta pesquisa se faz com cotidianos e com sujeitos cotidianos, que não são somente objetos de pesquisa, mas protagonistas dela.

Pesquisar desta forma é embrenhar “em movimentos de

invenções e partilhas desses *saberesfazeres*, com destaque para artes de inventar o cotidiano” (FERRAÇO, 2007, p. 83). Um mergulho no que se pretende pesquisar, sentir e pedalar esta pesquisa, não só olhando-a do alto, de longe. Uma vivência ativa, de perto, corpo a corpo, que fomentou energias insabidas e, que a partir destas aspirações, insistiram em manter-se sagazmente nas linhas traçadas mais a diante.

### **Capítulo 3 – Lubrificando a magrela e calibrando os pneus: como a pesquisa acontece**

*“Somos feitos dos lugares que carregamos em nós”  
(Cássio Hissa – Arte para uma cidade sensível)*

Como se aprende a pedalar? Existe algum manual ensinando passo a passo os procedimentos desta ação? O que sabemos, inclusive na prática enquanto bike anjo, é que a bicicleta tem que ser sentida como parte integrante de nossos corpos. Aprende-se experimentando-a prazerosa e insistentemente. O pedal e as rodas tornam-se nossas pernas e pés, deslocando-se por aí. Quedas poderão ser inevitáveis. Terrenos diversos por desbravar e conhecer. Uma relação costurada de ponto a ponto, alinhando-se na construção de uma pedalada única e sensível que modifica e amplia a experiência.

Pedalar e pesquisar, em determinados momentos, tornaram-se sinônimos para mim. Além da renovação provocada pelo ato de pesquisar, tanto de quem pesquisa e é pesquisado(a), quanto do próprio tema, cada etapa, cada pedalada foi um convite desafiador. Múltiplos caminhos, diversas bicicletas para experimentá-los, ladeiras íngremes para subir. Por vezes faltou fôlego, mas as descidas compensaram pelo vento que nos corta e alivia. E aquele frio na barriga de ter atingido tal propósito?! Sem se ater a velocidades ou cronometrar tempos. Mesmo que este esteja a todo instante nos fazendo lembrar dos prazos a cumprir, dos compromissos que nos propusemos a assumir.

Entre as trocas do coletivo TECENDO, orientações e pedaladas propriamente ditas há tranquilidades e inquietudes, criações e inspirações. Experimentar no corpo este processo, sentir os arrepios/tremores do que foi aprendido e do que ainda é devir. Nestes encontros construímos nossos modos de pesquisar. Um constante reconhecer-se, perder-se no processo de descobertas encobertas de

desconhecimentos. Quanto mais pedalo mais questionamentos e inseguranças me atravessam, somando-se aos prazeres e gozos que incitam a continuar.

Um lugar que antes era conforto, cômodo, tornava-se estranho e incômodo. Muitas vezes questionava inclusive minha ação enquanto ser pedalante e pesquisadora. Estou para a pesquisa da mesma forma que ela para mim, reformulando e deslocando-se constantemente. Encantar-se (e as vezes desencantar-se) nos encontros que surgem neste pedalar pela pesquisa, com a pesquisa.

Neste processo de renovação reconstruo a mim mesma a cada etapa. Remendando-me. Aperfeiçoando e readaptando peças para deixar o pedalar mais confortável e divertido. Perceptível nos traços escritos no diário de campo, nos rastros deixados deste meu pedalar. Narrando os silêncios profundos e pulsantes que habitavam e atravessavam durante a pesquisa. Escritos inscritos em nós. Cotidianos, experiências, vivências, encontros. Um estudo que atravessa os corpos híbridos dos seres pedalantes para além do simples ato de pedalar. Contando histórias singulares sobre eles e elas e suas bicicletas, para além do concreto urbanístico. Ouvi-las, descobri-las, tecendo um outro olhar. Ninguém passa em vão quando se envolve e propõe investigar paixões, a sua paixão.

Assim, por um longo período, encontrei-me em transe, embevecida, tecendo trajetos, percursos, experimentando todo este processo de redescobrir-se, indagando a construção da pesquisa em si. Vivi minha pesquisa neste cotidiano, enquanto prática de estudo, lazer e trânsito. Conforme Ferraço (2007) “Pesquisar cotidiano é buscar nós mesmos, nossas histórias, lugares, *entrelugares*, não lugares” (p. 80), sermos pesquisadores de nós mesmos, ser tema de investigação, e nesta busca por explicar os outros, no fundo explicamos a nós mesmos, “somos sujeitos explicados em nossa explicação [...] me conheço ao conhecer os outros” (FERRAÇO, 2007, p.81).

O desafio era transformar essas experiências e trocas em objetivos investigativos, e conseguir o distanciamento necessário para falar deste fenômeno como pesquisadora, não mais como uma amante incondicional da magrela. A partir do momento que a bicicleta se tornou tema de análise, a intensidade e a atenção para as trocas “pedalísticas” foram renovadas. Trocas estas que aconteceram em eventos/encontros locais, regionais e mundiais sobre o tema. Em pedaladas por caminhos desconhecidos e pelas descobertas urbanas que permitiram reinventar ambientes e relações cotidianas. A bicicleta é o ponto de convergência que uniu as duas vivências: cotidiana e acadêmica. Os ruídos, anteriores à escolha da temática e posteriores, tornaram-se escritos afetivos no diário de campo. Deste processo surgiu o interesse em analisar os efeitos educativos da bicicleta na vida das pessoas, em relação à cidade. Pensar esta cidade enquanto mudança cotidiana acontecendo através do olhar e do sentir pedalante. Mas como fazer isso? Colecionando histórias, narrativas e vivências.

Esta é uma pesquisa construída com cotidianos e sujeitos que estão experienciando a bicicleta. Como (e se) esta relação constituinte de seres pedalantes na cidade os/as afetam, que experiências são vivenciadas, que efeitos são sentidos. Modos acelerados, desatentos de vida não permitem que experimentamos a doçura que escorre nos/dos encontros. Nem que percebamos ou apalpamos a pele sensível do mundo, sentidos que só fazem sentido no desaceleramento cotidiano.

A proposta foi adentrar nas narrativas de seres pedalantes. Quem são? Como defini-los (as)? Ir ao encontro deles/delas e capturar essas experiências através de suas falas (escritas ou sonorizadas) e imagens que possam complementar-se entre si. Construindo narrativas ficcionais, poéticas e reflexões sobre a experiências destes seres e seus cotidianos, problematizar os modos de vida na cidade e as outras ecologias que esses sujeitos híbridos proliferam. Dialogar com a cidade através da bicicleta. Usar a bicicleta para contar uma história fazendo disso parte

da história destes sujeitos. Com ela e com as pessoas que a utilizam e vêm nesta relação bici-cidade uma outra forma de estar no mundo, provocando fissuras nos modos de viver/estar/experimentar o cotidiano na cidade. Contar uma história é expor suas partes marcantes e sensíveis, recortes de uma vivência para os outros, é compartilhar seu estar no mundo, uma forma de permanecer e existir enquanto sujeito no mundo. Encontrar nestas narrativas similaridades e conexões que permitam compreender os efeitos desta prática cotidiana na vida das pessoas.

Então, trabalhar com narrativas coloca-se para nós como uma possibilidade de fazer valer as dimensões de autoria, autonomia, legitimidade, beleza e pluralidade de estéticas dos discursos dos sujeitos cotidianos. Trabalhar com histórias narradas mostra-se como uma tentativa de dar visibilidade a esses sujeitos, afirmando-os como *autores autoras*, também protagonistas dos nossos estudos. (FERRAÇO, 2007, p. 86)

A pesquisa com narrativas é uma proposta de aproximar cotidianos do(a) pesquisador(a) e pesquisado(a), principalmente quando projeta o olhar para as experiências dos sujeitos da pesquisa. Neste sentido não se coloca em questão a produção de verdades, mas os sentidos e seus efeitos. Lima, Geraldi e Geraldi (2015) contribuem afirmando que “é da experiência vivida que emergem temas e perguntas a partir dos quais se elegem os referenciais teóricos com os quais se irá dialogar e que, por sua vez, fazem emergir as lições a serem tiradas.” (p. 27). Neste sentido, toda pesquisa tem um fim, mas que não se finaliza. Está em constante movimento enquanto acontece e posteriormente sendo potência para futuras pesquisas, que podem vir a ser contestadoras ou aberturas de outros caminhos.

Sem as narrativas a pesquisa não teria sentido. Há estudos que



propõem debater os espaços públicos de maneira estrutural, arquitetônica, abordando a temática da mobilidade urbana de forma coletiva, mexendo nas engrenagens mecânicas das cidades, sem levar em conta as subjetividades. Fiz a busca nas bases de dados no intuito de investigar pesquisas que envolvam educação e bicicleta, mas nada foi encontrado.

As produções defendidas no TECENDO serviram de lampejo e rota para pensar esta relação bici-educação. Os trabalhos de Gabriele Salgado (*Educação ambiental e foto-dispositivo: outras imagens do sertão do Peri*, 2011); Gabriela Falcão Klein (*Aprendendo a (vi)ver com a Capricho*, 2012); Heloísa da Silva Karam (*Histórias de infância e o que nos ensinam sobre modos de (re)viver e de sentir um ambiente*, 2013) e Jane Petry da Rosa (*Corridas de Rua: aprendizagens no tempo presente*, 2013), dissertações defendidas no grupo, contribuíram para ampliar o olhar pedagógico, da escrita e da pesquisa na área. A partir destas leituras pude visualizar a multiplicidade educativa presente em diversos espaços. Enxergar a pesquisa enquanto acontecimento pedagógico, na formação contínua do(a) pesquisador(a), colaborando para pensar a construção da minha pesquisa

A pretensão desta peça dissertativa é contar histórias singulares sobre pessoas e suas bicicletas, para além do concreto urbanístico. Ouvilas, descobri-las, tecendo olhares múltiplos sobre a bicicleta na/e cidade. Uma pesquisa que leve em conta as subjetividades e, principalmente, a mobilidade humana. Ver na bicicleta seu potencial educativo e ambiental. Contribuições coletivas sendo costuradas pelos referenciais teóricos que escolhemos, pelos encontros em aulas, nos grupos de estudos, orientações, bem como pelos sujeitos que encontrarei (e que me encontraram) pelo universo dos pedais. Com o objetivo de refletir sobre olhares e narrativas que produzem e são produzidos(as) a partir do encontro das pessoas com a bicicleta, enquanto corpo pedalante nesta relação bicicleta-cidade. Que experiências são produzidas nesta relação,

a partir deste encontro?

Durante o mestrado participei de eventos específicos sobre bicicleta, na pretensão de agir etnograficamente. Entre eles dois Fóruns Mundiais da Bicicleta (FMB), em Medellín (Colômbia- 2015) e Santiago (Chile – 2016), e um encontro nacional promovido pela União de Ciclistas do Brasil (UCB), o Bicultura em São Paulo – 2016. Nestes dois últimos, além da coleta vivencial permanente, pude expor previamente as tessituras da pesquisa, compartilhando com colegas viventes da bicicleta este olhar educativo/pedagógico que trago sobre ela.

Em Medellín ministrei uma oficina<sup>25</sup> colocada pela organização como um *workshop*, havendo procura espontânea dos participantes, sem inscrição prévia. Compareceram seis pessoas, sendo um mexicano e os outros colombianos, entre estes uma mulher. A língua estrangeira não foi um empecilho para a comunicação, muito pelo contrário, nos entendemos muito bem. Primeiro quis saber deles/dela a razão que motivou a participar do *workshop*. Foi consenso que a proposta de filosofar sobre a bicicleta era o que havia de mais interessante, seguido pelo intercâmbio cultural, em trocar informações para além de seus países. Conversamos acerca dos desafios que é pedalar em grandes metrópoles como Bogotá, Medellín, em cidades do México, e da minha experiência no Brasil. De como foi seu encontro inicial com a bicicleta e como cada um encontrou nela outra forma de viver e questionar a cidade. Percebi nesta troca latino-americana que há tantas semelhanças quanto diferenças entre nossas experiências. Tivemos 90 minutos para a atividade e, após vários apontamentos em torno do uso da bicicleta, nos perguntamos “por que ainda pedalamos mesmo que haja tantos indicadores (insegurança, falta de infraestrutura, relevo, clima) para não usarmos a bicicleta?”.

---

25 Intitulada: “Pedalar uma filosofia: construindo narrativas poéticas e reflexões a partir de experiências com a bicicleta”

Esta questão não foi respondida, e nem precisava, visto que nossa conversa até ali refletia justamente sobre isso. A própria existência do FMB poderia ser esta pergunta. Com a proposta de construir uma “Cidade para todos” as conversas e conferências dialogavam em um sentindo único: precisamos repensar nossas cidades e nosso lugar nela (e por que não no mundo?) para além da barbárie e do caos que estamos vivendo. Por isso, o olhar da Educação para esta temática se torna tão importante, já que contribui com este movimento de mudança e modificação das pessoas e suas práticas cotidianas na cidade.

Concordando com Corrêa (2012) “A educação é qualquer movimento que produz uma modificação: um movimento de pensamento, um movimento do corpo, um movimento no espaço, qualquer coisa que produz modificações em termos de compreensão ou de perspectiva ou de visão” (p.228). O movimento dos pedais e as engrenagens rodando na bicicleta, no ato de pedalar, pode ser proporcional ao movimento almejado na cidade. Um lugar que permita deslocamentos mais sensíveis, lentos e intensos. Uma ação que provoque mudanças nas pessoas, e ao mesmo tempo que mudem seu olhar e seu entorno.

Dessa forma, tudo aquilo que lemos para construir nossa problemática de pesquisa parece funcionar como um impulsor da nossa “vontade de potência”, que nos tira da paralisia do que foi significado e nos enche de desejo de mover, encontrar uma saída e estabelecer um outro modo de pensar, pesquisar, escrever, significar e divulgar a educação. (PARAÍSO, 2014. p. 30)

Dialogar com a cidade através da bicicleta. Com ela e com as pessoas que a utilizam e vêm nesta relação bici-cidade uma outra forma de estar no mundo, provocando fissuras nos modos de viver/estar/experimentar o cotidiano na urbe. A troca de saberes e

experiências no FMB, com latino-americanos(as) e brasileiros(as) que tive contato, agregou outras experiências para minha vivência na cidade, bem como para a própria pesquisa. Discussões sobre posicionamentos políticos, gênero, ativismo, arte, uma cidade inclusiva e pensada para as pessoas fez com que eu estabelecesse várias conexões para além do Fórum. Um evento deste porte deixa marcas por onde passa e nas pessoas que passam por ele. Ele permanece acontecendo entre os que participaram, nas demandas diárias que dividimos e nos desafios que enfrentamos cotidianamente.

A construção de uma pesquisa não se faz sozinha. Compartilhar as vivências e o que nos afeta no processo se faz necessário. Contar para o outro (ou outros) pode fazer com que outras cenas (re)surjam neste ato. Cenas que pareciam estar ocultas e, revivendo-as em forma de narrativa, conseguimos enxergar situações e possibilidades que merecem nossa atenção. Desta forma, dividi esta experiência no coletivo TECENDO, apresentando a construção da pesquisa e a experiência no *workshop*. Esta prática faz parte da dinâmica do grupo, havendo assim uma cooperação entre todos e todas nas pesquisas.

Diante disto discutimos no coletivo ideias que poderiam auxiliar nas oficinas que faria e de como conduziria a pesquisa a partir da experiência no *workshop* e no FMB. Conversamos sobre as potencialidades da bicicleta atualmente, articulando-a na educação ambiental e pensando como atuante na pesquisa. A professora Shaula Sampaio<sup>26</sup> estava presente no encontro e sugeriu que a pesquisa ocupasse a internet, acontecesse também na rede mundial de computadores. Cogitamos criar uma página no *facebook* para coleta, interação, colaboração de histórias com a bicicleta. Sugeri que o nome

---

26 **Shaula Maira Vicentini de Sampaio.** Graduada em Ciências Biológicas pela UNICAMP, Doutora em Educação pela UFRGS, professora adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF), atuando no curso de licenciatura em Ciências Biológicas e no Programa de Pós-Graduação em Educação.

da página fosse “Seres Pedalantes”, sendo esta a forma que encontrei para denominar quem pedala de maneira ampla, que fuja de estereótipos e não tenha distinção de gênero ou categorias já estabelecidas culturalmente. Assim nasceu de forma coletiva e colaborativa a *fanpage* como uma possibilidade de capturar relatos sobre a temática sugerida, propositalmente e surpreendentemente. As oficinas foram deixadas de lado e a metodologia reformulada.

Para além da página na web, precisaria pensar em uma pergunta convidativa que potencializasse as narrativas. Questionamentos e imagens atraentes para interação online. Ambas unindo-se no discurso dos/das seres pedalantes, imagem e narrativa que se complementam e se fundem. Similar ligação que acontece entre a bicicleta e quem a pedala, sendo ser pedalante. Uma criação autoral, podendo ser ficcional, poética, afetiva, livre e que fale das experiências que tiveram pedalando. Em parceria com orientador formulamos nossa pergunta provocativa: **“Por onde pedalam seus desejos?”**. Colocamos a página nas nuvens cibernéticas e a pesquisa começou a ganhar o mundo.



Figura 42: Perfil fanpage Seres Pedalantes

A curadoria das narrativas foi feita com o seguinte critério: contar a relação que sujeitas e sujeitos tem com a bicicleta, narrando como se veem enquanto seres pedalantes. A página é aberta para qualquer postagem, um espaço público de coleta de pesquisa. Questões provocam e convidam para que as pessoas escrevam sobre seu encontro com a bicicleta. Uma troca espontânea e livre. Em contrapartida, o estar pesquisadora é também ativo e atuante. Isso quer dizer que não fiquei somente esperando o que poderia surgir, mas que estive atentamente capturando e colecionando histórias para publicar. E como qualquer colecionadora busquei diversas tramas e enredos que pudessem estimular outras narrativas, contribuindo também para a ampla utilização e visão da bicicleta no mundo.

O olhar aqui é o da perspectiva pós-estruturalista dos Estudos Culturais, onde “[...] tanto 'o que' quanto 'o como' pesquisar são construídos nos fazeres da investigação, em um trabalho que envolve muito rigor e um extenuante ir e vir entre o referencial teórico-metodológico e o corpus de análise que adquire forma no decorrer do estudo.” (SAMPAIO, 2009, p.132). Uma metodologia sendo construída vivenciando-a, ancorada na defesa de

[...] que existe pedagogia, modos de ensinar e possibilidades de aprender nos mais diferentes artefatos culturais, que se multiplicaram na nossa sociedade, ampliamos nossos objetos curriculares, para investigar todo e qualquer artefato cultural que ensina, buscando mostrar o currículo que eles apresentam. (PARAÍSO, 2014, p.26).

Pesquisar nesta premissa permite com que haja uma abertura dos estudos em educação, historicamente voltados para o espaço escolar. A instituição escola é uma formação cultural, social e histórica, assim como os sujeitos que habitam aquele lugar e todos os significados que a sustentam. Pesquisar sobre cultura envolve diretamente processos

educativos e de formação de determinados sujeitos. Deste modo, apresentamos uma pesquisa em educação sobre cultura, em especial a da bicicleta e a relação de seres pedalantes com a cidade, refletir sobre como esta relação afeta estes sujeitos.

Trabalhar com metodologias de pesquisa pós-crítica é movimentarmo-nos constantemente para olharmos qualquer currículo, qualquer discurso como uma invenção. Isso instiga-nos a fazer invenções e a 'pensar o impensado' neste território. A pesquisa pós-crítica em educação é aberta, aceita diferentes traçados e é movida pelo desejo de pensar coisas diferentes na educação. (PARAÍSO, 2014, p.44)

Este estudo só foi possível a partir desta teoria com o olhar amplo sobre educação, que acolhe práticas pedagógicas diversas da vida social, interferindo direta e indiretamente nos espaços formais de educação. Tem-se a pretensão de desconstruir representações “para promover outros modos de ver um lugar preenchido com as existências de diferentes sujeitos [...] mostrando [seu] caráter social, cultural e histórico” (GUIMARÃES et al, 2010, p.79). Se constituiu em um estudo qualitativo, no qual se “vai tecendo e destecendo os caminhos da pesquisa a partir das diferentes perguntas e situações que surgem ao longo das experiências de campo e de leituras teóricas do campo dos estudos culturais e dos entornos pós-modernos da educação ambiental” (GUIMARÃES; SANTOS, 2009, p. 95).

Recorri às redes sociais, visto sua ampla conectividade, para alcançar qualquer pessoa, bem como compartilhar histórias e seus efeitos, incitando esta co-participação pelo uso diverso da bicicleta. Estive cotidianamente atenta para qualquer bicicleta, ou pessoa que fizesse uso dela, que pudesse contribuir nesta construção. Encontrei-me em movimento de ziguezaguear, experimentando e construindo esta

proposta como estratégia investigativa. Pesquisando no aqui e agora. Remexendo retalhos ao mesmo tempo que trilhando caminhos possíveis que pudessem conectar com os objetivos do estudo.

Neste sentido os co-autores/autoras foram incitados(as) a narrar sobre si, ecoando suas práticas cotidianas com a bicicleta na cidade. Como se enxergam nesta relação? Que identificações são estabelecidas? Quais discursos habitam seus corpos pedalantes? Que experiências emergem a partir do encontro com a bicicleta? Estas questões foram sendo tecidas durante a pesquisa e tiveram o objetivo de refletir sobre os olhares e narrativas que produzem e são produzidas no encontro das pessoas com a bicicleta, enquanto corpo pedalante nesta relação bicicleta-cidade.

O trabalho foi um mergulho etnográfico *in loco* e virtualmente, uma “bikenografia virtual”, conforme salientou a professora Daniela Ripoll<sup>27</sup> no parecer da qualificação. A imersão “pedalística” acerca do tema ampliou este mergulho para além da presença física. Com a conectividade *online* as possibilidades destas amarrações se estenderam. A etnografia virtual foi fundamental para estreitar essa ligação. Com a *fanpage* no ar comecei a pensar na primeira postagem. Ela deveria ser um convite para as pessoas conhecerem a proposta, “curtirem” e publicarem suas histórias.

Visto que a experiência e trocas com a bicicleta estavam acontecendo há mais tempo que a própria pesquisa, o primeiro relato foi especialmente escolhido como disparador dos demais. Minha escolha inicial foi homenagear um ser pedalante incrível que tive o prazer de conhecer neste processo de encantamento com a bicicleta, falecido em dezembro de 2014. Uma história de vida tecida sobre duas rodas com a força de suas pernas e músculos, marcas de um corpo pedalante que

---

27 Graduada em Ciências Biológicas pela UFRGS, Doutora em Educação pela UFRGS, professora permanente e membro da Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil.



carregou consigo prazeres e superações com a bicicleta. Ouvir a narrativa de Wilberto Boos<sup>28</sup>, contada por ele mesmo antes de seu falecimento, do quanto a bicicleta foi protagonista na sua vida fez com que essa narrativa marcasse o início das postagens.

Boos era tido como o guru das bicicletas em Blumenau. Sinônimo de mobilidade humana para todos e todas que o conheceram. Foi co-fundador da Associação Blumenauense Pró-ciclovia, cicloativista e mecânico de bicicletas. Sua história é umas das mais lindas que já ouvi. Ele foi um grande entusiasta da bicicleta. Em sua casa não havia garagem, só um portão que convidava as pessoas e suas bicicletas adentrarem na casa-oficina. Ele mantinha um jardim conhecido carinhosamente como "*jungle* Boos", uma "floresta" em meio a um bairro central da cidade. Sua vida foi sendo traçada e tecida sobre duas rodas, superando dores físicas decorrentes de quatro atropelamentos que sofreu. Um deles causando a morte de seu irmão e deixando-o com sequelas irreversíveis, ainda muito jovem.



**Figura 43: Primeira postagem na página Seres Pedalantes em 13 de abril de 2015.**

28 Os nomes próprios são os das pessoas que contribuíram para a pesquisa e não foram ficcionados.

Apesar disso transbordava simpatia pedalando e incansavelmente incentivava o uso da bicicleta. Dizia que “a cidade é a continuação do nosso quintal” e desta forma viveu para transformar sua cidade a extensão do seu quintal, valorizando-a em cada detalhe, explorando-a ao máximo com a bicicleta. Poderia escrever um livro sobre a admiração que tenho por ele. Sentimento compartilhado por todos e todas que o conheceram.

Como o Boos havia falecido e não tinha filhos, conversei com a sobrinha dele, Adriana, para conhecer mais a fundo sua história. Falei da vontade de lançar a *fanpage* com a narrativa do seu tio, deixando sua família ciente da proposta. A proposta foi bem recebida e ficamos por horas revisitando o álbum de fotos das aventuras pedalísticas de sua família. O convite foi estendido a ela, para que também contasse sua história com a bici. O tio sempre a incentivou inserir a bicicleta no seu cotidiano. Adriana adora pedalar levando sua cachorra, uma poodle, na cestinha da bicicleta e contou na *fanpage*, logo após a publicação do tio, como foi seu encontro com a bici.



**Figura 44: Postagem na página Seres Pedalantes em 14 de abril de 2015.**

Houve encontros casuais que surgiam virtualmente. Imagens e histórias cruzavam meu olhar nas redes sociais e faziam emergir o interesse pelas “ciclobiografias” de pessoas desconhecidas/anônimas no ambiente etnográfico em que estava inserida. A capacidade de união da bicicleta é incomensurável. Qualquer distanciamento geográfico torna-se um mero detalhe. A aproximação é imediata e as afinidades transcendem. As postagens seguintes foram escolhidas assim. Renato Zerbino e Junior Zurdo são seres pedalantes que conheci pela internet, de Brasília e Recife respectivamente. Estabeleci contato com ambos após encontrar, em um tropeço no *facebook*, fotos deles que remetem suas paixões com/pela bicicleta.

No dia em que morreu Eduardo Galeano (13/04/2015) Renato postou sua foto com a bicicleta em um muro de Brasília, com seguinte frase: “Para que serve a utopia? Para que não se deixe de pedalar”, homenageando o escritor. Visualizando essa imagem postada na *timeline* (linha do tempo) de uma colega procurei estabelecer contato com Renato. Enviei uma mensagem virtual para ele (no *messenger*) falando sobre meu encanto e interesse em saber mais sobre a foto e da sua história com a bicicleta. Expliquei que estava realizando uma pesquisa acadêmica sobre esta temática e que a foto dele provocou minha curiosidade e vontade de conhecê-lo. Convidei-o para contar publicamente sua história na *fanpage*.

Nesta troca descobri que ele também nomeava-se como “pedalante”, similar a nomenclatura que foi criada neste trabalho para dizer das pessoas que pedalam. Trocamos mensagens escritas e de áudio para que eu pudesse conhecê-lo e escrever um texto para publicar na página. Ele preferiu assim, me contar sua história e eu a transformasse em publicação com a imagem. A trajetória de Renato é tão intensa e ativa quanto a do Boos. Por isso além de divulgar sua narrativa com a bicicleta, publiquei nos comentários sua prática cotidiana no BiciCentro Comunitário em Brasília, atuando principalmente na periferia do distrito

federal.



**Figura 45: Postagem na página Seres Pedalantes em 18 de abril de 2015.**

O encontro com Junior Zurdo se deu a partir de um trabalho artístico feito por ele nas ruas de Recife. A imagem me chegou compartilhada também pelas redes sociais. Quando a vi me fascinei. Ela foi criada em uma intervenção urbana chamada *Recife Fusion*. Fiz a busca do perfil de Junior na rede social. Convidei-o para me contar sobre sua relação com a bicicleta e da criação artística que resultou na imagem fotográfica. Ambas histórias chegaram partir da conexão com pessoas que vivenciaram comigo o FMB.



**Figura 46: Postagem na página Seres Pedalantes em 25 de abril de 2015.**

Assim a metodologia foi sendo construída, na qual a primeira história aguça as demais e assim sucessivamente. Esta possibilidade permitiu que o mergulho etnográfico se tornasse on-line, expandido a relação com a pesquisa. Permanecia atenta, disposta e aberta aos encontros que surgiam. Com o tempo algumas pessoas foram se interessaram pela apresentação estética da página e o convite foi estendido a elas para contribuírem narrando sua relação com a bicicleta. A coleta das narrativas aconteceu desde a abertura da página em abril de 2015 até dezembro do mesmo ano, oito meses. A proposta da pesquisa foi apresentada desde o primeiro contato para as dezessete pessoas que trilharam comigo esta aventura “pedalística pesquisatória”. Todas elas estavam cientes de seu uso de imagem e texto para fins acadêmicos, conforme explicitado na apresentação da *fanpage* e nos contatos individuais.

Importante:

Esta página detém caráter puramente acadêmico. Nem todas as imagens aqui divulgadas, assim como as respectivas citações e histórias de pessoas anônimas, que encontrarei no Projeto são formalmente autorizadas, o que decorre do próprio ato de fotografar e ser fotografado, que é imediato e espontâneo. Além disso, as pessoas retratadas por vezes abrem mão de autorizar ou não possuem discernimento para tanto. Se alguma foto sua, ou de sua bicicleta, estiver aqui e você desejar que seja removida, ou a considerar de conteúdo impróprio ou ofensivo, por favor, entre em contato, e prontamente será atendido(a).

Todos os direitos reservados®.

**Figura 47: Descrição sobre a página Seres Pedalantes.**

Na qualificação do projeto a banca presente (Apoliana Regina Groff<sup>29</sup> e Eduardo Silveira<sup>30</sup>) apontou caminhos inicialmente opacos para mim. “Seres pedalantes eram todas as pessoas que pedalam? Ou um modo específico de se relacionar com a bicicleta na cidade?”, questionou Apoliana. “Há tempos que venho almejando tornar-me um ser pedalante”, refletiu Eduardo. Seres pedalantes, quem são? Questiono ainda: ser pedalante, eu sou? Pensando e (re)formulando o conceito após estas questões percebo que ser pedalante não é qualquer pessoa que utiliza a bicicleta. Minha tarefa era descobrir qual a particularidade envolvida neste arranjo.

Sentiram a ausência da textualidade imagética no relato histórico da bicicleta, apontando para a relevância deste recurso. Sugeriram

29 Graduada em Psicologia pela Universidade Regional de Blumenau – FURB, Mestre e Doutora em Psicologia pela UFSC.

30 Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Paraná, Mestre em Educação pela mesma instituição e Doutor pela UFSC, professor efetivo de Biologia no IFSC.

também uma presença ficcional mais operante no texto, não somente na história da bici. Que esta pudesse pedalar fluidamente no decorrer da escrita. Aconselharam olhar atentamente para a cidade e trazer os diversos ativismos da bicicleta para a cena do texto. Permitir sua fala atuante dialogando com a urbe.

Daniela Ripoll, em seu parecer escrito, vasculhou sua relação pedalante histórica com fotos de quando criança. Isso atiçou minha vontade de revisitar as minhas memórias e reescrever os trajetos no texto. Apontou caminhos investigativos provocativos: “estaria fazendo uma bikenografia virtual?”. E propôs que a cultura *biker* recebesse atenção na pesquisa destacando as decorrências em torno desta.

A qualificação expandiu rotas e apontou alguns atalhos. A opacidade inicialmente me fizera recuar e afastar-se da pesquisa. Tive, inclusive, que me distanciar da bicicleta para compreendê-la mais amplamente. Afastamentos necessários e pertinentes para estender trajetos e abandonar outros. Escolhas que implicam riscos, ganhos e perdas. Estamos renunciando a todo instante, tendo que abdicar constantemente de algo. Não pedalar me atormentava, em contrapartida, me entregar em um pedalar de braços abertos e olhos fechados seria perigoso. Teria que dosar ousadia e prudência. Pedalar sem as mãos no guidão poderia ser arrojado, (de olhos abertos, é claro!) ainda mais porque demanda maior velocidade para estabelecer equilíbrio. Uma experiência que seria gratificante. Porém, devido ao aceleração detalhes expressivos e fundamentais do caminho poderiam ser perdidos. Não viveria só de adrenalina. A pausa e a distância, por mais atordoantes que fossem, possibilitaram a clareza necessária para reinventar e renovar a trajetória “pedalística pesquisatória”.

Leituras e releituras dos textos sugeridos e da produção textual dissertativa. Renunciamos trazer a cidade como foco de tema de análise, deixando uma lacuna para futuras pesquisas. Ela ativará modos de ser e pensar, mas a tessitura em foco foi a multiplicidade relacionada ao uso

da bicicleta. Seu potencial educativo, afetivo e transformador na vida de quem pedala e contribuiu com a pesquisa. Tantos foram os atravessamentos destas histórias difusas e vastas que me fizeram arriscar rabiscar traços de bicicletas em forma de gravuras, e foram trazidas para o texto. Não queria mera reprodutibilidade de imagens, queria produzi-las. A qualificação é um espaço importante que propicia rupturas e aberturas imprescindíveis para expansão do saber que se propõe construir. Um respiro. Refazer trajetos e visitar o texto foi recompensante para perceber a maturidade adquirida com esta aprendizagem. Tecer linhas oblíquas e perpendiculares entre si.

As próximas capturas continuaram acontecendo a distância. Entre navegadas *online*, em momentos comuns do dia a dia, me deparava com relatos afetivos de pessoas com suas bicicletas. Eu procurava histórias que demonstrassem o quão crucial a bicicleta foi em suas vidas a ponto de juntos e juntas quererem transformar seu entorno e a si próprios/próprias. Independente se essas pessoas estivessem perto de mim ou longe, em qualquer lugar do país e do mundo. Muitos “dados” foram coletadas nos passeios de bicicleta que tive ou de encontros “pedalísticos” virtuais que me saltavam aos olhos em meio ao emaranhado cibernético. Cenas registradas em mesa de bar, confraternizações, rolê *night-ride*, banhos em chafariz públicos, reuniões, encontros inusitados e recorrentes entre pessoas e bicicletas.

Conheci as histórias de Ricardo, Cláudia e Marcella, residentes no Rio de Janeiro, Manaus e Salvador, respectivamente, a partir da *fanpage* “Pessoas e Bicicletas”<sup>31</sup>. Fiz contato virtualmente, apresentei a proposta da pesquisa e convidei para contribuir com a mesma. Ele e elas aceitaram, construíram suas narrativas e enviaram suas imagens que foram postadas na íntegra na página Seres Pedalantes. Cláudia ficou muito entusiasmada com a oportunidade e convidou sua amiga Zilthai, também manauara, para colaborar narrando sua relação com a bicicleta.

---

31 Disponível em: <https://www.facebook.com/pessoasebicicletas>



A partir de ambas histórias conheci Morgana, após um comentário cativante sobre a história da Cláudia e solicitei sua participação na pesquisa.

Ariane e Ana Carolina conheci pedalando pessoalmente em Blumenau e nos tornamos amigas antes da pesquisa começar. Eu quis trazer para a pesquisa suas vivências, já que faziam também parte da minha. Solicitei para ambas participarem visto sua defesa e encantamento com a bicicleta nas vezes que nos encontramos. Elas pediram para narrar suas histórias de forma poética e estética, reinventando suas experiências. Afirmar que a proposta era livre para criar.

A bicicleta também proporcionou o encontro com Rachel, de São Paulo, e Fernando, de Vitória. A primeira, conheci em Medellín no FMB, o segundo, pela internet tendo amigos em comum. Suas práticas cotidianas me fizeram querer sua participação na pesquisa. Rachel solicitou que eu produzisse seu texto a partir de uma entrevista que ela havia dado e de suas escritas cotidianas sobre bicicleta em sua página pessoal na rede social. Fernando preferiu me contar sobre sua trajetória em uma conversa online no *chat* do *facebook*, e a partir disso construí seu texto. Ambos me incumbiram a tarefa de produzir suas narrativas e escolher suas imagens para a publicação.

A história de Gutemberg, morador da Paraíba, chegou até mim a partir de uma reportagem no site do bike anjo sobre inclusão e bicicleta. Segui os mesmos passos dos demais e solicitei sua participação. Construímos juntos sua narrativa em conversa pela internet e a imagem foi escolha dele. Os demais relatos chegaram de forma espontânea, potencializados pelas trocas que aconteciam na *fanpage*: Neide, Alessandra e Bruno. As duas primeiras colegas pedalantes em Blumenau, e Bruno morador de Manaus.

Todas as narrativas que a construção me foram delegadas passaram previamente pela avaliação das pessoas. Após a postagem,

quem contribuiu com os relatos foram avisadas e marcadas na mesma, estando cientes de todo processo, podendo acompanhar seus desdobramentos. Essas histórias permitiram ampliar a compreensão do uso e efeitos da bicicleta na vida das pessoas, e conseqüentemente no ambiente em que elas circulam. Os encontros com as diversas formas de se relacionar com a bici despertaram a criatividade, tornando-se potência para a escrita.

As narrativas ficcionadas, tanto na coleta com seres pedalantes quanto na construção da história da bicicleta, é uma possibilidade de reinventar o cotidiano dando voz para argumentar o que queremos pôr em cena. Reigota (1999) relata que “as narrativas (escrita, oral, visual, corporal) não são nem verdades, nem mentiras, mas uma forma criativa [...] de organizar e comunicar situações vividas e imaginadas.” (p.80). Para ele elas tem sempre

um componente verdadeiro, histórico, coletivo ou particular. A partir do momento em que ela passa a ser relatada, a ficção vai se tornando presente. Por mais próxima que seja da verdade dos fatos, cada pessoa conta a história de sua maneira, enfatizando ou eliminando elementos, deixando implícitas ou explícitas as suas representações sobre o fato concreto, suas conseqüências e desdobramentos. (p.84)

Permitir a fala/escrita da experiência sensível possibilita saber e perceber a complexidade das relações estabelecidas com a bicicleta na cidade. Conforme Costa (2014) na ficção há multiplicidades em vez de simplificação, virtualidades em vez de neutralização, pluralizando as relações com a bicicleta. Ficcionar a realidade é produzir afetos e sensibilidades em relação as vivências cotidianas. Descrever mundos até então inacessíveis, inimagináveis, usufruindo da “poética como ferramenta na produção do saber” (COSTA, 2014, p. 564). Pesquisar

desta maneira permite traçar um “trajeto nômade [...] que lhe dê novo corpo, cor, cheiro, etc. Produzir variações, anomalias, mutações, deformações nas formas do objeto até produzirmos outros campos de experiência para além das que ele nos possibilitava, produzindo outros objetos possíveis” (idem, p. 566). Deixando a inventividade ocupar o protagonismo nos relatos sobre a experiência pedalante.

Há publicações na *fanpage* que não foram usadas e expostas em nome da página, visto que não continham conteúdo para o propósito da pesquisa. Mesmo assim interagi em nome da página provocando a narrativa que pudesse tornar-se uma publicação futura. Elas permanecem lá, até porque a pesquisa foi sendo construída a cada etapa, por percursos sinuosos e deslizantes. Lançar esta proposta investigativa interagindo com as redes sociais foi um desafio. Como lidar com os diversos desejos que pedalam por aí? Escolher as histórias nos encontros diários com a bicicleta pode ser o foco, mas não há controle sobre o que surgirá a partir das postagens e divulgação destas histórias. São possibilidades que ainda conhecerei e descobrirei, para além deste trabalho.

A pesquisa se fez em processo contínuo de descobertas, não de certezas. A bicicleta está cada vez mais ampliando meu olhar sobre meu ser, sobre a cidade, sobre o mundo. Desta forma ampliou também a abordagem dela na pesquisa. É possível pensá-la em todos os lugares, das mais diversas formas e as publicações “pedalaram” neste caminho. Estará ela se tornando um modo de viver? Sua ação e ascensão será efêmera ou permanecerá? Como transformá-la em um ser estético capaz de sensibilizar ainda mais urbe e as pessoas? Como aproximar essa experiência sensível na construção e intervenções das cidades?

Pesquisar desta forma intensificaram as trocas educativas, desvendando e avivando relações. Há criação rastejando em vários lugares e tempos. Há produções estéticas e criativas se proliferando na cidade e em diversos setores da vida, extrapolando inclusive os limites

da subjetividade. Recriar urbanidades, vivências e experiências afetivas que possam sensualizar a cidade e nossas vidas. Refazendo o uso dos espaços e ambientes, rearranjando existências e modos de viver. Pesquisar assim é reinventar as práticas pedagógicas atuais, tornando-as uma praxe de re-existência, possibilitando outros meios de viver a educação ambiental e a própria academia.

## Capítulo 4 – Narrativas pedalantes de uma experiência educativa

*“Aprender como jeito de sair: sair ao mundo, ao indeciso,  
deixar-se levar pelo movimento das coisas,  
acariciar as periferias.  
Aprender com aquilo que escapa e escapar com aquilo  
que está excessivamente quieto.  
Aprender durante a queda da folha, durante a queda da chuva,  
durante o descenso das costas.  
Aprender com as oscilações, com os naufrágios,  
com o que nunca nos observa.  
Aprender como uma fragilidade: expor-se ao vento.”*  
(SKLIAR, 2014b, p. 155)

*Quando pedalo, pedalo, e entro no embalo começo a sonhar.  
Fico tão leve e veloz como se fosse voar.  
Mesmo sem ter bicicleta ninguém é pateta é só caminhar.  
Mas tendo uma bicicleta, posso também flutuar  
(Palavra Cantada – Bicicleta)*

Duas rodas, um quadro e um garfo. Pedais, coroa, corrente, selim e guidão. Peças que remetem a uma bicicleta. Palavra híbrida formada por línguas diferentes: *bi* (latim), *cicle* (grego). Substantivo feminino, que ultrapassa qualquer significado etimológico que conhecemos. Um corpo. Pernas, braços, tronco, cabelos, pés, mãos, sentidos, libido, vontades. Fragmentos que lembram um ser humano. Um corpo. Bicicletas e pessoas. Encontros. Um convite. Conexões. Corpos que se fundem, que se unem, que interagem, que dialogam, que (re)criam, (re)existem (re)inventam, constituindo um só corpo. Seres pedalantes. Vidas.

O que há de comum? O que há de singular? O que se complementa? O que se diferencia? Onde há conectividade? Como ocorre? Onde e como se convergem? Quais suas particularidades? Seres pedalantes, o que são? Quem são?

Colecionar histórias, brincar com narrativas ficcionais é uma proposta “delirante” que autoriza (re)inventar sentidos, inclusive cidades, impensadas até o momento do encontro. Permitindo aberturas, distanciando-se de conceitos fechados, totalizantes e homogêneos, “uma pesquisa narrativa é sempre desveladora de si, caso contrário pesquisa e formação estariam dissociadas” (LIMA, GERALDI, GERALDI, 2015, p.35), não havendo “nada a ser comprovado e muito a ser compreendido.” (LIMA, GERALDI, GERALDI, 2015, p. 36).

Nesta premissa, entre delirar e desvelar bicicleta e a forma de se relacionar com ela, para articulação dos relatos foi levado em conta principalmente as diferenças. Há situações, sensações e usos que os unem, mas as discrepâncias oportunizam refletir sobre as mais diversas formas de identidades pedalantes, mutantes e virais. Segundo Costa (2014) “tomar o delírio como estratégia metodológica, abre ao pesquisador a potência poética da poética em sua ação própria de permitir-nos pensar com rigor, mas sem totalidade, sobre o impossível” (p. 567).

Usar da ficção para transformar a palavra em poesia é possibilidade de assumir a potencialidade da escrita, não crendo em um absolutismo “e sim enquanto ação movente de afectos que dêem corpo e realidade para esta em sua relação com o leitor-escritor.” (COSTA, 2014, p.560). Nela há multiplicidades nas relações estabelecidas com o tema de pesquisa ao invés de simplificações, virtualidades ao invés de neutralizações (COSTA, 2014). Um espaço de criação, evidenciado nas histórias reunidas neste espaço.

Possibilitar a escrita e a fala da experiência sensível oportuniza perceber a complexidade das relações estabelecidas com a bicicleta. Um

traçado ensaístico “que libera o pensamento da ideia tradicional de verdade; não existe verdade no ensaio, mas sim veracidade” (SKLIAR, 2014a, p.104). Ficcionalizar a “realidade” não é inventar, mas produzir afetos/sensibilidades das vivências e trocas cotidianas. Uma experimentação potente, criativa e libertadora. Descrevendo mundos até então inacessíveis, inimagináveis, inatingíveis, versar “sobre um campo de possibilidades singulares e não de certezas gerais” (COSTA, 2014, p.560).

Consigo assim ativar outras escutas, outras leituras, outras escritas sobre as histórias encontradas e recebidas. Produzir, principalmente, incômodos e estranhamento. Entregar-me a essas belas produções textuais e imagéticas da experimentação vibrante de seres pedalantes. Oportunizar desde o início a expressão artística, que “não deve ser isolada da leitura e escritura científica, acadêmica” (FISCHER, 2005, p. 137). Viver a pesquisa enquanto acontecimento, “explosão de vida, arte e pensamento” (FISCHER, 2005, p. 140). Um envolvimento atrativo: da pesquisadora, de sujeitos da pesquisa, de leitores e leitoras, e que acima de tudo afete e promova a experiência a quem topa pedalar pelo enredo aqui produzido.

Vidas e corpos que se incorporam e falam, agem, respiram, sentem por si só. Um corpo, ser pedalante. Que não se restringe a um único significado. São múltiplos, diversos, plurais, incompletos. Estão sendo, se construindo, se descobrindo, se constituindo. Podem ser urbanos, aventureiros e aventureiras. Podem estar separados(as) fisicamente, mas continuam conectados(as). Falam na ausência de um pedal. Pedalam na ausência da fala. Pedalam em busca de respostas. Pedalam quando as encontram. Pedalam para celebrar. Pedalam para protestar. Para aliviar dores. Para elaborar perdas e amores. Pedalam simbolicamente. Pedalam. Com toda energia, com toda euforia.

No mar, no rio, no ar. No chão, na rua. Dias de sol ou de chuva. De noite, de dia. Crepúsculos matutinos e/ou vespertinos. Na cidade ou

no campo, explorando mundos. Entre pontes, planícies, ladeiras, no asfalto ou estrada de barro. Na periferia, no interior das cidades, nos centros urbanos. Competindo e/ou passeando. Saboreando o caminho. De repente flores, riachos, grafites, pixos, chuva, arco-íris, poças, capivaras ou cachoeiras. Entre automóveis ou árvores. No barulho ou no silêncio, no caos ou calma. Ventos que cortam, refrescam, invadem os corpos.

Perto ou longe. Acessível ou distante. Presente, ausente, juntas ou separadas. Em grupo, isoladas, na frente ou afastadas. Abraçados, servindo de apoio, flutuando ou em repouso. Entre reflexos, meros detalhes ou sendo personagem principal. Contemplando. Celebrando. Protestando. Libertando-se e divertindo-se. Amando e seduzindo. Almejando. Criando. Fazendo arte. Poetizando. Interligando-se. Desafiando-se. Brincando. Feitiços e trocas no cotidiano pedalante.

Desde muito cedo, ainda na infância, unem-se para apreciar e **"farejar jardins, explorando a cidade"** (sic Alessandra).

Pedalando pelas memórias afetivas que teceram, e ainda



**Figura 48: Foto Alessandra Klug**

tecem, por entre trajetos acelerados quando o medo as atravessa, ou demoradamente quando o fascínio as acompanha. A velocidade decidida conforme seus sentidos e suas entregas, proporcionando a percepção sensível e genuína do urbano. Conquistando autonomia, independência e arquitetando afetuosamente uma cartografia particular da e com a



cidade.

A hora do dia mais esperada para desfrutar do encontro pedalante brincante (sic Gutemberg). Desafios e peripécias, sensações e emoções que coadunam. Aventuras marcando

simbolicamente os corpos e seus trajetos. Uma paixão capaz de transcender possíveis abalos. Superação. **“Pedalar é vida”** (sic Gutemberg). É alimento, energia que fortalece a existência, reexistindo. Encontros e reencontros libertadores.

**“Flutuando entre a profilaxia e a terapêutica, alçando voos em solo”** (sic Fernando), corpos se enlaçam. Rodas são extensão dos pés e pernas, calçando-se. Um único corpo, ser pedalante,

completando-se. Impossível falar de uma vida sem falar de outra. Falar de si, mas no plural. Um eu que se transfigura em nós, que é também eu. Que mantém a chama acesa da mocidade, mesmo com a passagem do



**Figura 49: Foto Gutemberg Cunha**



**Figura 50: Foto Fernando Braga**

tempo. Provocando movimentos políticos atuantes capazes de reverberar por gerações os amores e traços pedalantes.

**“Sou ciclista ativo, na mente, nos pés, na canela e na bike”** (sic Junior). A arte pedalante libertando linhas, curvas, formas e expressões. Manifestando seus atravessamentos cotidianos

combinando medidas e doses oscilantes de amor, transgressão, aventura, fruição. Em paredes e muros ativam criações, escrevem e idealizam seus anseios. Poetizam enquanto pedalam, pedalam entre versos e ideais.



**Figura 51: Foto Junior Zurdo**



**Figura 52: Foto Renato Zerbinato**

**“Para que serve a utopia? Para que não se deixe de PEDALAR”** (sic Renato). Conexões promovendo reocupações urbanas que fazem emergir múltiplas cidades. De maneira efêmera, desnudando as invisibilidades cidadinas, fomentam cidadania, eternizando sonhos.

Por ruelas e matagais lá vem elas, enxergando em meio ao emaranhado urbano, a inspiração artesã, o relaxamento, a diversão e

encantos que as mantém vivas, ativas e criativas. A peça pedalística sucinta invenções artísticas das mais variadas formas. **“Desafia, apresenta caminhos e pessoas extraordinárias”**

(sic Ana Carolina). É locomoção e libertação. Possibilidades de reinvenção.

Libera adrenalina e também vitalidade. **“Resgata minha segurança e emerge um sentimento de coletividade”** (sic Rachel). Momentos singulares, lugares inexploráveis, tornando cada encontro uma eterna novidade.



Figura 53: Foto Ana Carolina Rodrigues



Figura 54: Fotos Rachel Schein

Aprendizagens cotidianas e constantes. Questionamentos. Vivendo em outra relação com o tempo. Pausas, respiros, entregas, asas. **“Saia de bicicleta sem destino que ela te leva para a melhor direção. É uma bicicleta, mas parece um tapete voador”** (sic Rachel). Polifonias aromáticas sensitivas aguçadas pelo movimento de suas pernas no pedal, ser pedalante em movimento, em construção. Uma relação de confiança onde independe a chegada, importante é a beleza e as sensações emergentes no caminho. Caçadoras de paisagens sensíveis, recortes de cidades invisíveis. Capturas latentes e onipresentes.



**Figura 55: Foto Rachel Schein**

Cidades e ambientes. Trocas e deslocamentos sensíveis, lentos e intensos. Relações ardentes, afetivas e profundas. Subjetividades e práticas culturais constituintes. Corpos que agem e interagem. Se conectam. Sentem. Anatomias pitorescas, ganhando asas e leveza. Em meio ao caos uma certeza: podemos criar subterfúgios com muita destreza. Vidas em deslocamento, coabitando e resignificando o caos.

Cidades em evidência. Descortinando-a, redescobrimo-a. Seres integrados, interconectados. Olhos nos olhos. Pele com pele. Sentir o ambiente na plenitude. Acessá-lo ousando navegar por lugares insólitos, possíveis somente quando se está conectado(a). Pedalando **“consigo ver, a cada curva, uma nova silhueta do verde que ainda emoldura nossa cidade. Sinto o vento, o calor, os cheiros**



da cidade, a chuva, o frio, as cores e às vezes, também a dor” (sic Wilberto). Dores transformadas em amores. Rompendo paradigmas e superando barreiras físicas de seus próprios



**Figura 56: Foto Wilberto Boos**

movimentos. Amor pedalante, que os/as fazem plenamente feliz, acessando sensações exclusivas oriundas desta junção. Ter seu nome associado a bicicleta, não podendo falar de si sem ela. Ser pedalante.

Rompendo amarras, despindo-se para entregar-se. Nus e abertos para o mundo, atravessando telas, fomos para a rua. Fomos sentir e falar de sensações. Repensar a vida, as escolhas individuais e coletivas que nos trouxeram até aqui. Envolver-se nas tramas mundanas, com diversos ativismos, que se renovam pedalando. Incluir a temática nos mais diversos planos. Corpos dispostos a atrair-se com o mundo. Outros contornos, envoltos em uma utopia de transformações dos sentidos da vida. Invisibilidades tornando-se cena. Escancaram-se.

Redescobrimo seus corpos. Reaprendendo a se relacionar consigo, estendendo afetos em nome de um coletivo. Outras roupagens tornam-se necessárias. Uma linguagem própria, repleta e recheada de neologismos na tentativa de expressar as relações e impressões que surgem no encontro pedalístico.

Transbordando curiosidades, afetos, desejos por todos os cantos. Corpos sensíveis, mutantes, multifacetados, plurais. Seres pedalantes e seus atravessamentos. Suas passagens. Bicycletas e suas histórias.

Pessoas e suas bicicletas. Conectadas. Vibrantes. Vozes que interagem. Protagonismos em trânsito. Pessoas que falam por suas bicicletas. Bicycletas que falam pelas suas pessoas. Transmitem mensagens, transformam-se, educam-se, aprendem, intervêm. Seres híbridos em processo de descobrimento, conquistas, conhecimento.

Trajelórias de incentivo que contagiam seres ao seu redor. Que incentivam a amar tanto quanto se ama. Que encorajam a continuar trajetórias. Prazeres acumulados que precisam ser compartilhados. Espalhar no mundo os rastros desta interação. **“Pedalar é ser livre,**

**é vento no rosto,  
é aquele cansaço  
prazeroso. A**

**bicicleta te leva  
a lugares  
inimagináveis”** (sic

Adriana). Confiar na entrega mútua que acontece no encontro pedalante, entre rupturas e aberturas. Guiar e ser guiada pelos lampejos e encantos que acontecem no trajeto.

**Sempre “de  
olho na rua”** (sic Neide) encontrou na bicicleta a



**Figura 57: Foto Adriana Boos**



**Figura 58: Foto Neide Maria Rosa**

possibilidade de  
experimentá-la.

Bicicletas: convites  
permanentes e  
irrecusáveis de  
aventura e gozo.  
Expandiu-se mundos  
ampliando relações.  
De atividade física  
passa a ser a sua  
própria vida.

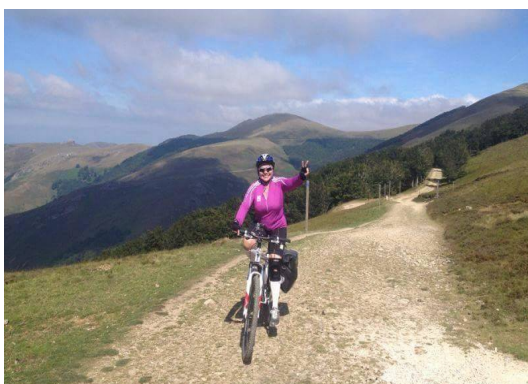


**Figura 59: Foto Claudia Valente**

Ondulante e livre. Ser pedalante que experiência **“tudo com mais intensidade, observa as coisas belas do meu caminho, percebe com mais clareza os problemas. A bicicleta tem esse poder de nos aproximar de tudo e de todos”** (sic Claudia). Inteirando-se de seu próprio corpo, agregando autoconhecimento. Proporcionando criticidade e múltiplos envolvimento.

Aguçando a percepção, **“ganhando liberdade e estendendo laços de amizade”** (sic Zilthai). Falar de sensações.

Rompendo fronteiras  
e experimentando os  
caminhos do mundo.  
Conquistas de  
libertação e  
independência  
pessoal, que  
fortalecem os



**Figura 60: Foto Zilthai Reis**

vínculos pedalantes.  
Corpos em  
confinamentos que  
desabrocham ao  
descobrir a diversão,  
**“despertando um  
desejo insaciável  
de viver,  
conhecer lugares  
inusitados e**



**Figura 61: Foto Mlorgana Mendonça**

**inimagináveis”** (sic Morgana). Paixões registradas na carne. Prática viciante, superando limites. Que engrandece na paisagem consolidando a conectividade entre os corpos e com o ambiente.

Amor a  
primeira vista.  
Respiração suspensa,  
transbordando  
emoção. Relações  
pedalantes afetuosas.  
Nomeando-se  
inundado de  
sentimentos,  
instituinte  
casamento. Sentindo  
a **“completude e o**



**Figura 62: Foto Ricardo Martins Batista**

**companheirismo de viver pedalando pelo mundo”** (sic Ricardo<sup>32</sup>)  
promovendo autoconhecimento. **“Resgatando vidas e dando novos**

---

32 Atualmente Ricardo está em uma cicloturagem com sua bicicleta de Bamboo, a mesma que aparece na imagem postada na fanpage em 17/05/2015).



significados, a  
bicicleta me  
moldou e  
enalteceu os bons  
sentimentos

inertes dentro de  
mim” (sic Bruno).

Rearranjos que  
proporcionam a  
compreensão dos

corpos e suas inúmeras possibilidades de conexão. Da inércia ao  
ativismo.

Convocação  
para a viver, resgates.  
Alívio e acalento.  
Bicicleta: tratamento  
medicamentoso  
através de doses  
pedalísticas diárias.  
Cura. “Subi na

minha bicicleta e  
eu estava ali,  
livre, junto dela

como uma extensão de mim. Giro mais algumas vezes o  
pedal e o meu respirar torna-se ainda mais profundo.  
Esqueço. Descarrego. Posso ali, libertar-me de tudo que  
aparentemente sou e me encontrar.” (sic Ariane).

Metamorfosear-se. Enfrentando medos e sofrimentos.



Figura 63: Foto Bruno Ricardo



Figura 64: Foto Ariane Storch Portal

Conquistando amor-próprio e outros amores. Apaixonando-se. O encontro necessário para o próprio conhecimento. Os olhos que faltavam para avistar a imponência dos momentos. Empatia construída no diálogo, **“desabafar pedalando. Viver o caminho. Encontrar-se. Trazendo o sorriso infantil e libertando uma mulher adulta de tantas amarras”** (sic Ariane). Afinidade que ultrapassa os corpos, acessando ambientes e desvendando-os.

Libertar-se de rótulos e preconceitos.

Apenas libertar-se.

**“Desfrutar de experiências que apenas a bicicleta pode proporcionar”** (sic

Marcella). Deliciar-se

no mundo, entregando-se plenamente, viver intensa e profundamente os encontros. Colecioná-los. Experiências inenarráveis. Interação inigualável. **“Um ato político que demarca território”** (sic Marcella). Múltiplos ativismos. Acessos engrandecidos a partir da conectividade pedalante. Revelações cidadinas, sobressaltos recheados de encantos. Sentidos a florados, **“um caminho sem volta”** (sic Marcella), imerso de descobertas inventivas. Aberturas. Expansões ilimitadas.

Através da bicicleta um insigth, propiciando diálogos, questionamentos, reflexões com e sobre a cidade, o ambiente e o estar sendo nestes espaços. Gerando distintas formas de perceber o cotidiano, despertando múltiplos ativismos, produzindo subjetividades,



**Figura 65: Foto Marcella Marconi**

constituindo-se. A bicicleta não necessariamente muda o ambiente urbano em um primeiro momento, entretanto serve de inspiração para a mudança. Não só nos deslocamentos ou na mobilidade, mas de experimentação e permanência urbana. Ela não é só um objeto aerodinâmico de propulsão humana. É também um corpo, carregado de vida, histórias e emoção. E como qualquer corpo nestas condições apresenta infinitas possibilidades de ser e existir, principalmente em relação a outros corpos. Seres híbridos, por vezes agindo como hospedeiros. Que necessitam do encontro e da junção para tecer o percurso e a identidade pedalante. Plural, diversa e em constante construção.

Corpos. O corpo da cidade. O corpo pedalante. Encontros ativando afetos. Rearranjos humanos, pedalísticos e urbanos, desenhando rotas afetivas com o entorno, produzindo outros contornos e sentidos na relação dos corpos. O giro dos pedais movimenta imagens e o próprio imaginário da cidade. Nesta perspectiva a bicicleta inspira na estadia e a experiência urbana. Transforma passagem em hospedagem. Habitar a cidade, respirá-la, tocar sua membrana. Nesta troca de epidermes a experiência estética acontece. Quais seus efeitos? Transitam na diversidade. Cada ser pedalante elabora de uma forma, as mais variadas possíveis. O pedalar se transforma em atividade estética, educativa, pedagógica, que vibra, subjetiva e modifica ambientes e pessoas.

Compartilhamos a necessidade de reinventar a vida nas cidades. Um ambiente em colapso, desafetuoso. Vidas em clausuras. Insaciáveis e sedentas. Faltantes, em busca de preenchimento. Descontentes e desconhecedoras de seus corpos e suas possibilidades, “se tudo que eu quero vem imediatamente até mim, não me resta tempo para a descoberta de novos sabores” (COSTA, MIZOGUCHI, FONSECA, 2004, p. 187). Com promessas de aproximar distâncias, segrega contatos. Inibe criações e conhecimento com o mundo, que de tão veloz

estagna, limita. Acessar vários lugares sem sair do lugar, regredindo na capacidade de se relacionar. Distanciamentos que potencializam patologias, corpóreas e subjetivas. Cargas físicas e simbólicas que interferem nos movimentos. Corpos atrofiados. Repletos de medos. Lutos enlatados.

Incômodos comuns e coletivos emergem em busca de diferentes formas de experimentar a cidade. Na bicicleta encontrou-se o tempero que faltava, o realçador de sabor que deixa a experiência cidadina mais salivante, saborosa e divertida. Flanar por esquinas e encruzilhadas, vagarosamente, renovando movimentos e recriando histórias. Relações afetivas que emergem no encontro entre sujeitos, bicicletas e a urbe. Ao pausar inicia-se um processo de reflexão sobre si mesmo(a), sobre o ambiente e práticas cotidianas. Os caminhos prontos aos poucos se transformam em trajetórias afetivas, em constantes mudanças.

Campbell (2015) afirma que ao se deslocar rapidamente por caminhos já dados, sem pensar e refletir sobre nossas passagens, vamos perdendo a capacidade de criar e construir rotas. É nas tréguas que percebemos nossa analgesia com o entorno, enxergando a beleza existente no caminho. A bicicleta oportuniza a reinvenção dos lugares e os acessos na cidade, reivindicando espaços de convivência e contemplação. Vazios em preenchimento. Bicicleta, o prazer que transita por entre as pernas e invade o ser. Corpos vibrantes. Mesmo sem pedalar, ela serve de apoio. Com ela tem-se a possibilidade de ampliar, conforme a velocidade da sua curiosidade, com seu corpo, a presença e a experiência humana no mundo. Costurando-se com e no mundo. Bicicleta e seus múltiplos significados. Pessoas e suas múltiplas relações.

Ferramenta emancipadora, que na união dos corpos, suscita mudança nas cidades. Seres pedalantes. Provocando fissuras e mutações urbanas. Através disso o pedalar vem se tornando uma prática estética, produzindo subjetividades, arquiteturas e paisagens. Baseada nos

pensamentos de Careri (2013) que versa e amplia a prática do caminhar, penso o pedalar, que da mesma forma, ao fazer, transforma lugares e cenários. É ação que, inevitavelmente, sugere movimento, deslocamento, impulso. Uma prática pedagógica que opera na construção de determinados sujeitos, cidades e modos de viver. É subversão ao atual sistema carrocástico, proporcionando mudanças/transformações dos modos de vida (consumo, alimentação, deslocamentos, moradia, investimentos, trocas cotidianas).

As histórias trazidas para a cena dissertativa sinalizam este caminho. Um hibridismo em permanente mutação. Conceitos trazidos e criados para ajudar a pensar esse movimento vanguardista, que aqui, no final do processo, mostra o quão aberto, múltiplo e diverso podemos ser, aprender e viver. Um inventário de imagens e textos, dialogando, dando vida as narrativas pedalantes, complementando-se. Assim como os corpos, bicicletas e pessoas, que entrelaçados, enredados, tornam-se seres pedalantes, em constante devir. Juntos e juntas, neste agrupamento, a trama emotiva e ativa acontece. Bicicleta sozinha não roda. Pessoa sozinha não pedala. É na conexão que o afloramento ocorre.

Os efeitos dessas histórias, os afetos vivenciados, a compreensão dos acontecimentos passados, são sempre mutáveis, redesenhadas no presente (LIMA, GERALDI, GERALDI, 2015). Personagens, bicicletas e pessoas, que contribuíram para alargar presenças e trajetórias. Vidas irrepetíveis e inconclusas. Reescrevendo continuamente suas histórias. Depositando no vir a ser pedalante suas expectativas e sonhos. Tecendo múltiplas potencialidades para pensar formas de aprender, de pedalar, de existir, de ser pedalante.



#### 4.1 – Últimas pedaladas: o que há depois da curva?

*“Escrevo. Insiro palavras como uma criança que entra  
no vai e vem das ondas do oceano.*

*Olho cada um dos passos que passam por mim, cada sombra que  
não é minha me faz parar, afirmo o gesto dos vivos e o gesto dos mortos  
que me ensinaram a falar.*

*Sou efeito de cada palavra que escuto  
Sou efeito de tudo que não alcanço ouvir.”*  
(SKLIAR, 2014b, p. 112)

Pneus calibrados, selim ajustado. Abri a porteira, pedalamos, descendo a primeira ladeira. Cruzamos a rua, ninguém nos segura. Trajeto conhecido, decorado. Escancaro um sorriso, há sempre uma novidade que atravessa nosso caminho. Se preciso de respostas: pedalo. Se preciso de alento: pedalo. Se preciso desabafar ou me preencher: pedalo. Se quero celebrar ou me consolar a bicicleta está sempre lá. Alforjes cheios de amizades, de experiências, de aprendizados. Lugares que acessamos juntas, que exploramos, que superamos. Posturas críticas, sensíveis, viver demoradamente. Colecionando trajetos e afetos.

Eventualmente a respiração se torna ofegante, músculos trêmulos, pernas bambeando, suor escorrendo no rosto. Ainda assim prosseguimos. Diminuindo as vezes o ritmo. Respirando fundo a cada giro do pedal. A subida pode ser longa, mas a estratégia é não desesperar-se com seu tamanho. Continuar pedalando de olho no movimento entre eu e ela, ultrapassando e reconhecendo nosso limites. Autoconhecimento.

De brinquedo, para o esquecimento, para o lazer e mais tarde para ser transporte. Reacendendo a chama do divertimento, rapidamente expandiu-se para a terapêutica. Refúgio, repouso, alívio. Um ato político. Conquistando territórios, encontrando parcerias,

compartilhando sonhos e fantasias. É pesquisa, confiante, amiga, vício. É onde hoje repousa e transita meu prazer, meu riso, minha esperança. Desde que minha prática cotidiana se transformou em objeto de pesquisa a bicicleta e o pedalar foram ganhando vários significados, outras roupagens. Neste trajeto pedalante, zigzagueante, metamorfoseei.

O retorno à academia foi semelhante ao processo de pedalar. Não necessariamente na mesma ordem, mas experimentando sensações equivalentes. O percurso, a construção da problemática, os traçados metodológicos, as leituras, foram longas, exaustivas e prósperas pedaladas. Ladeiras extremamente inclinadas, faltava fôlego. Por vezes tive que descer da bici, esperar, me apoiar e descansar. Outras tive que empurrar. Nos carregávamos. As marchas eram insuficientes, a relação pesada demais para continuar. Desistir? Jamais! Quanto mais as pernas tremiam, quanto mais ofegante eu ficava, mais resistência ganhávamos. Nos conhecíamos. Transbordávamos satisfação toda vez que atingíamos o pico. A visão da paisagem sempre foi compensatória. Ou quando encontrávamos outros acessos, alternativos, que faziam chegar lá, sem tanto sofrimento. Repleto de descobertas e encantamentos.

Ocasionalmente afastamentos eram necessários. Respirar era preciso. Estacionava a magrela, deixava em repouso. Sempre com muita cautela, protegendo-a com cadeados nas duas rodas e quadro. Utilizava os pés para alargar a experiência. Lia outras obras, redigia outras linhas. Arriscava. Ousava. Me apaixonei por literatura, poesia e arte. Desacelerava cada vez mais. A separação não durava muito tempo. Enxergava bicicleta mesmo sem pedalar. Em todos os lugares ela estava presente, com alguma simbologia atuante e remetente. Não adiantava fugir, nem eu queria isso. Os retornos eram sempre reconfortantes. O alívio de voltar e enxergá-la amarrada conforme eu deixara. UFA!

Nossos reencontros são sempre inenarráveis. Sempre penso: como pude ficar tanto tempo longe disso: pedalar, pesquisar?!?! Anos bem vividos. Toda bagagem reunida e acumulada servem para ampliar

presenças e modos de enxergar a vida. Sou hoje uma colecionadora de trajetos e afetos por isso. Ladeiras não me assustam mais, pelo contrário, me motivam e me desafiam. Aliás, toda subida necessariamente apresenta uma descida. Vento cortando, me descabelando. Sempre com uma vontade latente de experimentar lugares inusitados e excêntricos constantemente. Tantas trocas afetuosas, entre práticas e teóricas, histórias e mais histórias. Um bagageiro cheio delas. Algumas não couberam na garupa, mas as guardo na memória, reescrevo-as com as que consigo carregar. Me guiam, embelezando o trajeto. Com elas hoje tenho mais segurança e confiança para ousar. Soltar a mão do guidão, abrir os braços e pedalar. Ter o controle da bicicleta na velocidade certa, sendo pedalante.

Histórias cruzadas, que inspiram meu pedalar. Que ressignificam minha trajetória e relacionamentos. A pesquisa me educou. A bicicleta também. Aprendi pedalando pela pesquisa. Aprendi pesquisando sobre bicicleta. Hoje ganhei fôlego, energia e disposição para encarar a multiplicidade de terrenos, mesmo que assustada, prossigo. Se tiver que recuar, recuo. Carrego comigo a aprendizagem necessária para saber quando devo avançar ou abandonar cargas para seguir adiante.

Redescobrimientos, rearranjos que incitaram criações. Para além da minha imaginação. Estabelecendo conexões impensadas, como aquele abrir de braços pedalante. Quando imaginei que poderia conseguir pedalar sem as mãos para me guiar?! Estes dois anos de pesquisa foram acima de tudo um prazer. Uma conquista. Uma realização de um desejo, que engrandece a cada palavra e linha escrita. A cada novo texto lido e apreendido, a cada literatura sentida.

Educar é movimento, assim como pedalar. Me encontrei e não quero mais parar. É pulsão de vida. É desafiante, inédito e repleto de surpresas. Instiga e alucina. Tenho anseios que antes não tinha. Que esta pesquisa possibilite pensar outras educações, pedalar e transitar por múltiplas pedagogias. Que a bicicleta continue conquistando diversos



terrenos e pessoas, pelas mais distintas áreas e ambientes. Que seus efeitos permaneçam plurais e renováveis. Encantando, contagiando. Anseio o mesmo para o fazer “pesquisatório”. Perdurando a prática educativa de transformar quem passar pela experiência acadêmica. Que as sensações sentidas nesta peça dissertativa continuem pedalando pelos mais distintos desejos. E que este esteja mais e mais presente na produção acadêmica. Afinal, como pedalar/pesquisar sem desejos?! Espero ter mostrado com toda a minha coleção de histórias e bicicletas, de seres pedalantes, por onde estão pedalando nossos desejos, criações e inventos.



**Figura 66: Abraçando com a bicicleta “Gabi” o Deserto do Atacama/Chile - FMB5 2016**



## Referências Bibliográficas.

CAMPBELL, Brígida. Arte para uma cidade sensível. São Paulo, Invisíveis Produções, 2015. Disponível em:  
<http://www.brigidacampbell.art.br/ARTE-PARA-UMA-CIDADE-SENSIVEL>.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. 1ª ed. São Paulo: Editora G. Gili. 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. **Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos**. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.) *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-131.

CORRÊA, Guilherme Carlos. **Ecologia e educação na sociedade de controle**. IN: PREVE, Ana Maria Hoepers [et al.]. *Ecologias Inventivas: conversas sobre educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

COSTA, Luis Artur. **O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social**. Fractal: Revista de Psicologia, Local de publicação 26, out. 2014. Disponível em:  
<<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/1317>>. Acesso em: 20 Fev. 2016..

COSTA, Luís Artur; MIZOGUCHI, Danichi H; FONSECA, Tania Mara Galli. **Corpoartecidade: (inten)cidades dos corpos urbanos**. IN: FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda (org). *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p171-190.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Pesquisa com o cotidiano**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a05v2898.pdf> Acesso em: 17/05/2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Escrita acadêmica: arte de assinar o**

**que se lê.** In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.) Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.117-140.

GALINDO, Dolores; MARTINS, Mário; RODRIGUES, Renata Vilela. **Jogos de armar: narrativas como modo de articulação de múltiplas fontes no cotidiano da pesquisa.** IN: SPINK, Mary Jane et. all (org). A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 1ª ed, 2014.

GORZ, André. **A ideologia social do automóvel.** IN:LUDD, Ned. Apocalipse Motorizado: a tirania do automóvel em um planeta poluído. 2 ed. São Paulo: Conrad Editora do Brasil. 2005.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; SANTOS, Juliana Evelyn dos. **Entre imagens e deslocamentos: descaminhos de uma pesquisa em educação ambiental.** Interações. Journal Portugal. v. 5, n. 11. 2009. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/377/332>

GUIMARÃES, Leandro Belinaso et al. **Tecendo Educação Ambiental e Estudos Culturais. Pesquisa em Educação Ambiental.** São Paulo. v. 5, n. 2. 2010. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/pea/article/view/55915/59301>

GRÓCS, Frédérick. **Caminhar: uma filosofia.** São Paulo: É Realizações, 2010.

HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Este artigo constitui o capítulo 5 da obra Media and Cultural Regulation, da série organizada pela Open University denominada Culture, Media and Identities (Cf. referências bibliográficas). 1997.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais.** 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HISSA, Cássio. **Diálogo.** IN: CAMPBELL, Brígida. *Arte para uma*

*cidade sensível*, 2015, p. 111.

JACQUES, Paola Berenstein. **Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade**. Revista Arqtexto, vol 7, 2005. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs\\_revista\\_7/7\\_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf](http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf) Acesso em 13/02/2015

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. (trad. João Wanderley Geraldi). IN: LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. (2015) **O trabalho com narrativas na investigação em Educação**. *Educação em Revista*, 31(1),17-44. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698130280>.

LUDD, Ned (Eds). (2004/2005). **Apocalipse Motorizado: a tirania do automóvel em um planeta poluído**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane; MÉLLO, Ricardo Pimentel. **Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas**. IN: SPINK, Mary Jane et. all (org). A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 1ª ed, 2014.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisa pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações**. IN: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org). Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

MOSCHETA, Murilo dos Santos. **A pós-modernidade e o contexto para a emergência do discurso construcionista social**. IN: LORENZI, Carla Guanaes [et al.]. Construcionismo social: discurso, prática e produção de conhecimento. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2014.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículos: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas**. IN: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org). Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. **A construção de uma pesquisa e suas reviravoltas: relatos sobre investigação que articula Educação Ambiental e Estudos Culturais**. IN: FERREIRA, Thais; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de, (org). Escritos metodológicos: possibilidades na pesquisa contemporânea em Educação. Maceió: Edufal, 2009.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014a.

SKLIAR, Carlos. **O Ensaiar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação**. Salvador: EDUFBA, 2014b.

ZANELLA, Andréa Vieira et al . **Sobre reXistências**. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 12, n. 24, p. 247-262, ago. 2012. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2012000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2012000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 26 mar. 2016.

## Anexos



Figura 67: Artigo publicado - Bicicleta Massa Crítica

## Artigo

### Ruas sustentáveis

SHEILA HEMPKEMEYER  
*Psicóloga*

Tive o privilégio de participar do 3º Fórum Mundial da Bicicleta, ocorrido mês passado em Curitiba. Dentre as discussões, participei do painel sobre urbanismo, com palestrantes estrangeiros expondo a realidade de seus países e iniciativas mundiais sobre o tema. O dinamarquês Lars Gemzoe falou sobre. Por que alguém iria pedalar na cidade. Foi consenso entre os especialistas que quanto mais ciclistas na rua, maior a segurança destes e, consequentemente, maior o incentivo a pedalar.

Gemzoe apresentou o projeto Rua Sustentável, de Nova York, que, como toda grande cidade, tem trânsito caótico. Mas o governo local decidiu diminuir o tamanho de duas principais ruas da cidade (Broadway Boulevard e Madison Square) para os carros e pintou duas pistas: uma transformou em praça pública com mesas e bancos; outra em ciclovia, sendo a rua compartilhada com as pessoas. Tinta e orientação foram necessárias e com isso as pessoas começaram a se apropriar daquele espaço nas horas de folga e lazer, coisa nunca vista antes em NY. Muitos passaram a andar de bicicleta.

Um grande investimento? Creio que não. Pura e simplesmente vontade política de efetivar o que

todos deveríamos saber: que a cidade é feita para as pessoas e não para os carros. Com isso, tornou-se possível num grande centro mundial aliar transporte sustentável e qualidade de vida aos habitantes.

Blumenau não poderia fazer o mesmo? Em vez de criar pistas para carros, por que

não uma rua sustentável semelhante à de Nova York? Precisamos de ousadia e visão de futuro e é fato que a bicicleta vem ocupando espaço. Pedalando, percebo o apoio de motoristas, além de colegas elogiando a iniciativa, mesmo que a maioria esteja espremida e com medo nas ruas e ciclovias da cidade.

Governantes, estamos pedalando cada vez mais e queremos nosso espaço por direito. Se Nova York consegue, por que Blumenau não pode usar tinta e ousadia para podermos pedalar com segurança na cidade que tanto nos é negada?

**Por que Blumenau não pode usar um pouco de tinta e ousadia para podermos pedalar com segurança na cidade que tanto nos é negada?**

Figura 68: Artigo publicado - Ruas Sustentáveis



**Por onde pedalam os desejos de Wilberto Boos (in  
memorian)**

(Postado em 13 de abril de 2015.)

**"Porque eu pedalo?"**

Pedalandando descobro, ou, descortino a cidade onde vivo. Pedalar é me integrar, descobrir tudo e com todos. Pedalandando, olho nos olhos das pessoas pelas quais passo e as cumprimento como amigos. Pedalandando eu vejo pássaros e demais seres da cidade, vejo o rio e sua dinâmica nas marés. De bicicleta consigo ver, a cada curva, uma nova silhueta do verde que ainda emoldura nossa cidade. Sinto o vento, o calor, os cheiros da cidade, a chuva, o frio, as cores e às vezes, também a dor. Sei que não conseguiria ver tanta coisa boa e bonita não fosse com a bicicleta, simples, silenciosa, dinâmica. É minha incansável forma de viver e ser feliz."

---

**Por onde pedalam os desejos de Adriana Boos?**

(Postado em 14 de abril de 2015)

Pedalar!!! Pedalar é ser livre... livre de pensamentos... ir sem rumo mesmo sabendo o trajeto... é a sensação de se desprender do vazio em que os veículos nos deixa... onde o que importa é chegar rápido, onde uma vaga de estacionamento é loteria... carros contra carros... contra motos... bicicletas... pedestres!!! Guerra!!! O Pedalar é cuidado! Com você... com os demais... pedalar com a família... com amigos... com o seu melhor amigo (au au au) é interagir... é vento no rosto... é aquele cansaço prazeroso (endorfina segundo os entendidos)... seja qual for o nome, eu denomino como LIBERDADE!  
E essa liberdade não tem preço! Seja qual for a sua bike... ela

te leva a lugares inimagináveis! E porque não te levar ao lugar que você mais ama!? Ao Mar!!!

E aqui deixo registrado alguns momentos prazerosos que eu tive e que com certeza ainda terei com a minha bike... sendo que os meus pensamentos a cada pedalada, sempre estarão com o meu tio Boos... amigo, companheiro, incentivador... iluminado ser Pedalante que nos acompanhará para sempre... aonde uma bicicleta nos levar!!!

---

### **Por onde pedalam os desejos de Neide Maria Rosa?**

(Postado em 14 de abril de 2015)

Minha história como um "ser pedalante" tem muito pouco tempo...sempre tive um olho na rua e outro em cada bike que passava. Meu amigo Giovani, foi e é minha grande inspiração!!...Mas confesso, só agora posso entender as grandes dificuldades de pedalar em minha cidade Blumenau, mas desistir já não dá, viciei em pouco tempo!!..estou muito feliz, obrigada a todos por tanto carinho e afeto...e muitas dicas !!

---

### **Por onde pedalam os desejos de Renato Zerbinato?**

(Postado em 18 de abril de 2015)

Pela UTOPIA, pela poesia!

Seres pedalantes se encontrando após a partida de Eduardo Galeano, que foi pedalar por outras esferas esta semana. Sobre utopia, inspiração para Renato Zerbinato postar esta foto, Galeano diz: "A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu

caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar."

Renato pedala desde os 4 anos. Há 15 anos a bicicleta está inserida no seu cotidiano, usa para TUDO. Envolvido político-cultural-esteticamente com ela em coletivos autônomos, Massa Crítica, e ações sobre mobilidade urbana. Atualmente atua em ocupações culturais em Taguatinga, no BiciCentro Comunitário. Oferece la uma série de atividades gratuitas voltadas para o incentivo e o uso da bicicleta como meio de transporte, ações que abrangem também um processo de retomada da cidade.

História da fotografia:

Em 2012 um grupo de seres pedalantes em Brasília juntaram-se num Coletivo chamado de BICICLETARIA, e ocuparam um prédio abandonado há décadas. Este grupo organizava oficinas itinerantes gratuitas de mecânica de bicicleta, promovendo a autonomia, coletivismo e troca de experiências em torno dela. O prédio ocupado foi reformado, e atividades outras começaram a acontecer: cinema, oficinas e sistema de bicicletas comunitárias. Logo após o Governo do Distrito Federal pediu a reintegração de posse, desocupou o prédio, recolheu as bicicletas, as colocou no depósito público, e o prédio foi demolido.

Os desejos e as histórias destes Seres Pedalantes permanecem: na Utopia, na resistência e insistência com a bicicleta em busca de uma cidade onde possam existir, serem vistos e respeitados. Para finalizar dizemos que "Me apaixona a realidade, com suas histórias secretas e suas zonas invisíveis" Eduardo Galeano

---

## **Por onde pedalam os desejos de Junior Zurdo?**

(Postado em 25 de abril de 2015)

Pela ARTE! “Antes de virar modinha eu já andava de bike. Desde os meus 15 anos que uso a bike para tudo, inclusive para ir a balada. Já tive muitas bicicletas, de vários tipos. Sou o Ciclista Ativo, na mente, nos pés, na canela e na bike.” Junior é, além de um ser pedalante, um artista. Unindo as duas paixões, criou a logo Ciclista Ativo, que está representada na fotografia. Vê na bicicleta inúmeras possibilidades de experimentar a vida: através do esporte, da arte, aventurando-se cotidianamente em situações bizarras, engraçadas e marcantes. Uma história construída com a bicicleta, e os atravessamentos proporcionados por ela.

História da criação desta arte.

Havia um evento de grafite acontecendo na cidade de Recife, o Recife Fusion. Junior estava lá com intuito de contribuir de alguma forma com o seu olhar/fazer artístico cotidiano. Foi para pintar sua logo em algum lugar, ou numa parede, ou em alguma carroça (Projeto Pimp My Carroça), mas não conseguiu em nenhum dos dois.

Sua prática cotidiana aproxima arte com material reciclável. No encontro com as latas de spray que surgiu a ideia. Reuniu as latas que iriam para o lixo, pregou na madeira formando a logo do Ciclista Ativo a expôs na parede grafitada. Criando a instalação, unindo as artes, e registrando no evento e nas ruas de Recife sua paixão pela bicicleta.

---

## **Por onde pedalam os desejos de Ricardo Martins Batista?**

(Postado e 17 de maio de 2015)

Diz ser um “Ponto fora da curva”. Encontrou na bicicleta uma possibilidade de descobrir a si mesmo e também o que existe além do que todos conseguem ver. Embarcou em uma viagem de aproximadamente 4 anos com sua “esposa” Capitu (a bicicleta) pela América do Sul. Com pouco dinheiro e infinita vontade de viver. Seu relacionamento com Capitu é tido como amor a primeira vista. “Lá estava ela, em frente aos meus olhos. Não a melhor entre as melhores, mas nem por isso deixou de ser considerada capaz de algo especial, assim como eu. Não precisei dizer que a queria, pois meus olhos e minha respiração quase que suspensa foram suficientes para informar minha escolha” (sic). Ambos se encontraram e juntos trilharam uma grande aventura. Descobrimo-se mutuamente e questionando modos de vida. Ricardo descreve esta experiência em seu livro "Roda América: em busca de nossa gente".

Atualmente está em relacionamento sério com Dulcinéia, sua bicicleta de bambu. Sente nesta relação a completude e o companheirismo de viver pedalando pelo mundo. Paixões como esta nos permitem refletir que há infinitas formas de conviver com a bicicleta. Desvendando lugares, a si mesmo, aos outros, recriando seu mundo, experimentando o desconhecido e descortinando outras formas de viver.

---

## **Por onde pedalam os desejos de Alessandra Klug?**

(Postado em 24 de agosto de 2015)

"Pedal ensinante. No jardim da Oma Lily de minha infância

havia um canteiro central imenso, repleto de rosas e dalias, frequentemente convertido em circuito de brincadeiras. Era a década de setenta do século passado e minha família se mudou para Blumenau. Pela primeira vez fui morar em um apartamento, bem no centro da cidade jardim. Ganhei o irmãozinho que tanto queria e a primeira bicicleta que me lembro. Foi num dos domingos em família, na casa do jardim das brincadeiras que com a ajuda de Joca, meu primo mais velho, aprendi a andar de bicicleta sem rodinhas. E o jardim que hoje existe somente em minhas lembranças se tornou o cenário de minha primeira conquista pedalante. A partir de então eu explorava junto de minha bici a cidade, circunscrita na quadra em que eu morava, imensa e repleta de desafios. Como o pequeno trajeto sem calçada que ainda está lá. Ou o terreno do comércio de cimento, que hoje não existe mais e onde parecia haver sempre alguém descarregando pesados sacos empoeirados. Havia também uma casa antiga e sinistra com um micro bosque na frente que me fazia acelerar e outra casa em estilo enxaimel ladeada por pinheiros, que parecia ter saído de uma floresta encantada e me fazia pedalar mais devagar para observar o recorte de paisagem urbana improvável e mágico, como só lembranças de infância conseguem ser. Dava voltas e voltas naquela quadra, a minha cidade, ao ritmo do pedal que hoje, tantos anos depois, reconheço que me conferiu autonomia e independência para olhar e sentir minha cidade.

O tempo foi passando, deixei Blumenau e fui atrás de meu futuro. Anos mais tarde retornei já com minha própria família para um outro apartamento, no mesmo centro da cidade jardim, cerca de três quadras distantes da quadra cidade de minha infância. Escolhi morar perto da escola de meus filhos, para podermos nos locomover a pé. Tempos depois fui trabalhar em outro bairro e para fugir da solidão

do carro ganhei uma companheira, a Caloi Konstanz. Quase sem querer descobri que uma das partes preferidas de meu dia de trabalho era pedalar de volta para casa depois do anoitecer pelas ruas silenciosas e semi adormecidas.

Eu cresci, minha cidade cresceu. Mas meus desejos ainda pedalam pela sensação que resgato junto de Konstanz, quando o vento que bate em meu rosto é mais fresco e a paisagem de velocidade pedalante se move lenta e deliciosamente. Sob minha direção e sentido. Neste pedalar, passado e presente se fundem no prazer infantil da descoberta e comunhão com o espaço que me cerca, e encontro no trajeto percorrido há tantos anos junto de minhas bicis a cidade que habito e que me habita."

---

### **Por onde pedalam os desejos de Claudia de Oliveira?**

(Postado em 15 de outubro de 2015)

"Os anos de 2009 e 2010 não foram nada bons. Um período em que não vivia, simplesmente me arrastava nas obrigações inadiáveis do trabalho e fora isso, minha vida se resumia a dor e medicação. Evitava sair e atrapalhar o divertimento alheio e assim ia levando... Após consulta com o neuro cirurgião e uma longa conversa sobre o problema (hérnia de disco na lombar e outras complicações) resolvi reagir (já não conseguia me abaixar pra amarrar o tênis e a dor era minha companhia constante). Comecei caminhando no quarteirão de casa, um percurso de 5 min, e voltava chorando. Mas não desisti. Fui aumentando os minutos e o ritmo diariamente e em pouco tempo já caminhava durante uma hora e ao final sentia-me muito bem.

Certo dia, ao me alongar na garagem, percebi uma bicicleta empoeirada no canto e meus olhos brilharam. No dia

seguinte, o mesmo processo da caminhada começou com a bicicleta. No início eram poucos minutos dando voltas no quarteirão. Timidamente, passei a aumentar a distância e, em pouco tempo, já estava pedalando por uma hora ou duas diariamente. Fiquei sabendo da existência do Pedala Manaus - um grupo que se reunia em um parque da cidade e fazia pedais em ritmo de passeio. No dia 16.08.11 me enchi de coragem, saí de casa com o coração acelerado e fui até o ponto de encontro - Parque dos Bilhares, local que frequento até hoje.

Considero esta data como um divisor de águas na minha vida, pois a partir daí tudo mudou: deixei de frequentar a farmácia e passei a me preocupar mais com uma alimentação saudável, voltei a ter vida social, a fazer planos para os finais de semana e férias. Em pouco tempo a bicicleta foi deixando de ser uma forma agradável de praticar atividade física e lazer e foi ocupando um espaço gigantesco na minha vida. Além de me envolver em atividade voluntária de promoção da bicicleta como meio de transporte na cidade, passei a experienciar tudo com mais intensidade, a observar as coisas belas do meu caminho, a perceber com mais clareza os problemas. A bicicleta tem esse poder de nos aproximar de tudo e de todos e isso tem um impacto monstruoso na vida da gente. Mudei muitos conceitos e outros foram se agigantando. O sentimento de cidadania e a vontade de ser atuante e fazer a diferença, mesmo que mínima, hoje me acompanha 24 horas.

Antes da bicicleta eu aguardava o final do expediente ansiosamente, para poder deitar e dormir... Hoje eu aguardo ansiosamente o final do expediente para poder encontrar os amigos e sair pedalando e me divertindo pela cidade. Antes da bicicleta eu aguardava ansiosamente o período de férias para repousar... Hoje eu aguardo ansiosamente as férias para



realizar alguma aventura com ela - a bicicleta. Sempre fui uma pessoa crítica, mas a bicicleta aguçou muito isso em mim. Hoje eu não perco mais tempo presa em engarrafamento, porque sei que chego mais rápido pedalando ou até mesmo caminhando. Tenho mais disposição para o trabalho, onde já chego pilhada, chateada porque o percurso é curto e chego muito rápido (rsrsrs - gostaria de pedalar um pouco mais). Através da bicicleta conquistei amizades sinceras, conheci lugares maravilhosos e vivi aventuras que se alguém me dissesse que iria viver, eu mesma não acreditaria. Cláudia Valente de Oliveira Funcionária pública estadual 48 anos Acreana, residente em Manaus (manauara de coração) apaixonada pela bicicleta"

---

### **Por onde pedalam os desejos de Zilthai Reis?**

(Postado em 18 de outubro de 2015)

"Para Zilthai Reis, 55, começar a pedalar significou ganhar liberdade, pois se antes o círculo de amigos era pequeno e o dia a dia se resumia ao trabalho e a cuidar da filha, a partir do ciclismo tudo mudou. Filha de mecânico de bicicletas da cidade de Marabá, no Pará, Zilthai sempre teve uma forte relação com a bicicleta, porém, essa paixão ficou escondida durante anos. Segundo ela, quando completou 14 anos, foi necessário mudar para Belém para estudar e as tardes de pedaladas só voltaram a acontecer 38 anos depois, quando um amigo a convidou para participar do grupo Pedala Manaus. Zilthai lembra que a melhor sensação foi sentir novamente o vento no rosto enquanto pedalava. Hoje adepta da pedalada três vezes por semana, ela afirma que encontrou o que faltava para ser completamente feliz, pois foi a partir do grupo de ciclistas que ela realizou um dos

maiores desafios da sua vida: pedalar 800 quilômetros durante 14 dias para cumprir mágico o “Caminho de Santiago”, saindo da França. “Foi a primeira vez que passei tanto tempo longe da minha filha que é muito dependente de mim, mas isso foi bom, pois tive a oportunidade de fazer algo por mim e que me dava prazer”, disse. Além da oportunidade de fazer amigos, Zilthai percebeu uma melhora na saúde, pois ganhou condicionamento físico e as taxas de colesterol, glicemia baixaram. “Só posso falar coisas boas da bicicleta, pois conquistei saúde e bem estar. Além disso, comecei a perceber detalhes na cidade que antes não via e isso me faz exercitar o espírito de cidadania”, acrescentou Zilthai, após uma pedalada." Contribuição da Ser Pedalante Claudia de Oliveira!  
Bicicleta une e inspira as pessoas!!

---

### **Por onde pedalam os desejos de Ariane Storch Portal?**

(Postado em 20 de outubro de 2015)

"Subi na minha bicicleta e eu estava ali, livre, junto dela como uma extensão de mim, só indo e todo o resto, o que de alguma forma me limita, estava cada vez mais distante, até eu não poder ver mais. Giro mais algumas vezes o pedal e o meu respirar torna-se ainda mais profundo. Esqueço. Descarrego. Encontro-me. Posso ali, libertar-me de tudo que aparentemente sou e me encontrar. Dialogo comigo, sobre qualquer assunto, discuto, desabafo, compreendo. Enquanto meus pés pedalam, minha mente voa. Adrenalina formiga no meu corpo. Não me sinto só, sinto-me conectada. Olhares que se tocam, que compartilham: medos e sorrisos. Mãos que distantes me empurram para seguir em frente, como as mesmas mãos de quem me ensinou, um dia, a pedalar.

Acenos discretos, olhares curiosos, sorrisos indiscretos, crianças admiram, ar puro, mata adentro, cidade desconhecida, eu viajante, me leva, novos amigos. Ou selva de pedras, buzinas intimidadoras, o quase acidente, insulto, na calçada não, na rua não, não tem lugar aqui.

A bicicleta não mente. Me mostra o bom e o ruim. E não me queixo. Não é saudável omitir verdades para poupar sofrimento. Há calor, frio, chuva, barulho ou silêncio. Mas preciso contar como cheguei até aqui: alguém que eu amava se foi e minha vida se tornou triste e cinza. A morte inesperada me roubou o chão. O sobrepeso, a desilusão amorosa, o descontentamento profissional, a depressão medicalizada, as frustrações e decepções pareciam tão pequenas e solucionáveis agora. A morte não. Não há o que fazer. Os dias insistem em passar e é preciso seguir. E em um destes dias a bicicleta retornou para minha vida, trazendo para meu rosto o mesmo sorriso infantil, agora libertando uma mulher adulta de tantas amarras mentais e morais. Fiz o que ninguém gostaria de fazer: todos os dias eu pensava muito sobre o que me fazia sofrer enquanto pedalava. O método de medicalizar os meus sofrimentos foi comprovadamente falho e decidi lidar com a dor.

Pedalar era um momento meu. Tornei-me tão próxima de mim que me amei. Parei de me boicotar por culpa, abandonei o hábito da auto-depreciação. Vivi. Pedalando conheci um homem especial e vou casar com ele. A bicicleta faz parte da nossa história desde o início: viajamos e pedalamos 45 km juntos antes mesmo de namorar. Mais viagens vieram e muitos mais quilômetros pedalados. É como vemos e queremos a vida. Não apenas chegar, mas viver o caminho. A bicicleta mudou várias partes do nosso corpo, dentre elas, a que mais gosto são os olhos."

Bicicleta abrindo sentidos e horizontes, unindo sonhos e

peças. Transformando vidas e enchendo de esperança os/as seres pedalantes. Foi assim para a Ariane

---

## **Por onde pedalam os desejos de Ana Carolina Rodrigues?**

(Postado em 22 de outubro de 2015)

"Quando que eu ia imaginar que um objeto aparentemente "frio e sem vida" pudesse causar um impacto de mudança tão grande em minha vida? Meu primeiro contato com a bicicleta foi em 1994, Uma barra circular vermelha que meu pai utilizava pra me levar à escola e ir trabalhar. Depois disso só pedalava com a bicicleta dos outros, pois devido às nossas condições financeiras, não tive a minha. Aos 23 anos comprei minha primeira bicicleta e não demorou muito pra virar um dos meus maiores amores. Um objeto que me plugou no mundo. A bike tem papel fundamental na minha vida. Hoje ela serve principalmente como meio de transporte (quando não chove), e também como um método de relaxamento, me mantém ativa, já me levou à competição, serve para me aventurar em trilhas, praias, estradas de asfalto, subidas e descidas desafiadoras, me levando a lugares incríveis e me fazendo conhecer pessoas mais incríveis ainda. Tenho observado a cidade mais desenvolvida, porém, se tornando cada vez mais caótica e insuportável, mas desde os primórdios da vida humana ninguém consegue por muito tempo suportar esse congestionamento, poluição, essa prisão. Por isso vejo cada vez mais pessoas ocupando as ruas com suas magrelas, lutando por espaço, lutando por segurança e respeito. Sou ciclista há 2 anos e 4 meses, sou mais feliz e realizada por poder contribuir com o mundo deixando-o menos poluído" Uma paixão que superou anos e que está hoje inserida no

cotidiano de Ana Carolina. Ana Arteira, "menina-mulher" que viu na bicicleta uma oportunidade de fazer sua diferença no mundo!

---

### **Por onde pedalam os desejos de Rachel Schein?**

(Postado em 24 de outubro de 2015)

A bicicleta abriu um monte de caminhos. Me fez pensar de uma forma diferente, me fez enfim resgatar minha segurança. Apesar de ela ser um transporte individual ela te faz ter esse sentimento de coletividade, do coletivo. De se preocupar com a cidade, da cidadania, dá essa sensação de libertação total. Muda totalmente a sua relação com o tempo, com a cidade, muda seus valores, você começa a se desapegar de coisas materiais e dar valor as outras coisas. É muito nítido e muito rápido essa mudança. Tu começa a questionar, observar a cidade, o teu entorno. Passar por lugares meio "estranhos" da cidade, (desconhecidos, invisíveis)...aqueles que a gente só enxerga se está de bicicleta... caçando sua natureza. Saia de bicicleta sem destino que ela te leva para a melhor direção. É tanta coisa pra contar, tantos caminhos, tantos encontros, tantos cheiros, tantas sensações. Gente, vocês não tem ideia de como viver fora do carro faz bem. Até um problema vira uma diversão.

Eu adoro sair depois da chuva pra pedalar. O cheiro da cidade muda, né? Sair pra pedalar nunca é igual. Todo dia é uma novidade, uma rua nunca explorada, um caminho novo, uma nova descoberta... É uma bicicleta, mas parece um tapete voador.”

A bicicleta é um convite para aberturas múltiplas, foi assim com a Rachel. Aprendizagens cotidianas e constantes!

Pausas, respiros. Polifonias aromáticas sensitivas aguçadas pelo movimento de suas pernas no pedal, ser pedalante em movimento!

Ah a bicicleta... por onde mais pode pedalar nossos desejos?

---

### **Por onde pedalam os desejos de Marcella Marconi?**

(Postado em 26 de outubro de 2015)

"Liberdade é pouco. O que eu quero ainda não tem nome." Se tem uma palavra que define a minha relação com a bicicleta é liberdade. A bicicleta me permitiu ser livre em aspectos que eu não poderia imaginar. Me despi de rótulos, me livre de preconceitos, abandonei conceitos estanques baseados apenas no senso comum. Daí, então, pude desfrutar de experiências que apenas a bicicleta pode proporcionar. Passei a ver a cidade com outros olhos e vivê-la de maneira mais intensa e profunda. Cada ruela, cada paisagem mostra algo que não conhecemos, uma realidade muitas vezes ignorada do local onde vivemos. Ver. Ser vista. Interagir. Conectar-se. Participar. Usufruir. Experimentar. Transgredir. Desafiar. Aproveitar. Viver. Andar de bicicleta é um ato político. É demarcar um território. É fazer a sua parte para que outros também possam fazer essa escolha. Vivemos e proporcionamos experiências que marcam e fazem a diferença. Surpreendemos, causamos espanto, incomodamos. Tensão. Cooperação.

Eu escolhi um caminho sem volta. Um caminho às vezes tenso, às vezes tão árduo quanto subir uma ladeira na marcha pesada. Mas esse trajeto me proporciona um vento no rosto que só eu posso sentir. Me reserva um surpreendente cheiro de carambola, o perfume do jasmim. E que tal uma chuva de flores? Ou chuva, chuva mesmo, bem

fininha, apenas para refrescar o calor? E quando vem de brinde um arco-íris?

Ah, ainda tem a velhinha que sorri e me chama de abençoada e corajosa! E a senhora que bate palmas e me dá os parabéns... Não posso esquecer do motorista que abriu o vidro do carro para dizer que certa estou eu de andar de bicicleta. E esse caminho, acima de tudo, me trouxe pessoas. Tão diferentes e, por vezes, unidas por apenas uma coisa em comum. Pessoas que dificilmente entrariam em minha vida se não fosse a bicicleta. Pessoas com as quais descobri afinidades. Outras que passei a amar, ter admiração, afeto, gratidão.

Como mulher, muitas vezes tenho de superar situações de insegurança para poder pedalar, mas decidi que parar de pedalar não é opção. Eu sou Marcella, baiana e soteropolitana. Tenho 32 anos, pedalo há quase 2, tenho duas bicicletas, Dorothy e Brigitte, que me acompanham em minhas aventuras pela cidade e pelas estradas da vida. Nossas histórias, Nossas vivências. Pedalando aqui na terra de todos os santos, encantos e axé.”

Pedalar enquanto prática cultural que educa e subjetiva! A Marcella descobriu-se com a bici, e com isso descortinou um novo universo de experiências. A bicicleta apresentando novos mundos. Quantas cidades cabem e existem dentro de nossas cidades? Quê desejos a habitam? Por onde eles pedalam?

---

## **Por onde pedalam os desejos de Fernando Braga?**

(Postado em 29 de outubro de 2015)

"A bike sempre flutuou entre o profilática e o terapêutico. Hoje lembrando de um episódio ainda na infância.. numa Copacabana que não existe mais, Devia ter 9 anos no máximo. Montei no quadro da bike de um amigo de rua um pouco mais velho e nos aventuramos até a praia de botafogo, jamais esqueci a emoção de alçar meu primeiro voo solo. Nem da surra que levei na volta, nem da comitiva quando entramos na rua. Porteiros, vendedor de picolé, jornaleiro, todos já mobilizados a procura de dois moleques desaparecidos por toda tarde... (risos) Penso que a bike hoje é o meu calçado, não saio descalço de casa, nem pra praia. Meu carro segue parado, alugo ele de segunda a sexta quando coloco a bike e levo p trilhas para desbravar o estado (ES) ou país afora. É uma relação muito doida, quando criança me sentia forte e desbravador. Hoje com 55 me sinto jovem e ousado."

A bicicleta participou de toda a trajetória de Fernando, em seus deslocamentos descobriram juntos uma maneira única de viver, pedalando pela vida! Uma vida pedalante! Aprenderam juntos a sentir um ao outro, se completam, se uniram sendo ser pedalante!

---

## **Por onde pedalam os desejos de Morgana Mendonça?**

(Postado em 30 de outubro de 2015)

O encontro mágico com a magrela ocorreu em meados de 2013, mais precisamente em agosto daquele ano, o momento não era um dos mais favoráveis, pois estava enfrentando uma situação difícil de uma quase depressão, um sentimento



de vazio me assolava, um desânimo que me prendia à cama e enjaulava meu desejo de desfrutar a vida. Na ânsia de reagir e lutar contra esse estado de aprisionamento do corpo e, sobretudo, da mente, procurei me voltar às atividades físicas a fim de liberar e canalizar minhas energias. Na minha cidade estava no auge de uma prática muito comum em regiões praianas: o funcional que consiste em exercícios desempenhados na areia, foi ótimo, no entanto, não consegui me adaptar devido ao fato de que na adolescência fui jogadora de basquete e naquela época tive uma lesão séria no pé direito e desde então a propensão de torcê-lo se tornou maior. Sempre que acabava minhas séries no circuito, o pé ficava absurdamente inchado e dolorido, tomava os tais relaxantes musculares na vã ilusão que no dia seguinte estaria apta a correr através dos cones novamente. Cabisbaixa e desolada percebi que não seria mais possível insistir naquela atividade, foi quando experimentei a bicicleta por ser de menor impacto o que não comprometeria e nem forçaria meu pé. No início eu não tinha uma pra chamar de minha, foi então que lembrei que minha tia, Luciana que na oportunidade acabara de dar a luz a gêmeos, tinha uma “bike” encostada no quintal, não titubeei e pedi emprestada por tempo indeterminado, rs. A bicicleta era um sonho de menina, com detalhes em roxo, cestinha, buzina, mas... pesada, Jesus como era pesada, era de ferro estilo Ceci. Comecei então a frequentar os grupos ciclísticos e no meu aniversário de 30 anos ganhei de presente da minha mãe minha primeira bicicleta depois de adulta, apelidada carinhosamente por mim de “neguinha”. Faz 2 anos que a bicicleta entrou na minha vida e com ela só vieram alegrias, passeios, cicloturagens, amizades, aventuras e muitas histórias. Pedalar pra mim é sinônimo de liberdade, algo que só depende da propulsão das próprias pernas e

desperta um desejo insaciável de viver, você passa a ter outra perspectiva das coisas, das pessoas, da cidade, da natureza, por isso digo que é mágico.

Hoje pedalo tanto no asfalto quanto faço trilhas, estas últimas se tornaram meu xodó, adoro estar em meio à natureza, conhecer lugares inusitados e inimagináveis que sem a magrela talvez não tivesse a oportunidade e, principalmente, superar meus limites pessoais em um processo de autoconhecimento que dispensa qualquer sessão de terapia.

Quando me perguntam se acredito em amor à primeira vista, respondo sem pensar duas vezes: “-Óbvio que sim”, pois foi exatamente isso que aconteceu, amor à primeira pedalada: “eu passei a ver o mundo de outra maneira. E não foi ele que mudou. Fui eu”. O que começou de forma despreziosa e acanhada, tornou-se uma paixão que hoje carrego inclusive na pele em forma de uma bela tatuagem. Morgana Mendonça, 32 anos, advogada, Manaus-AM.”

A bicicleta libertou Morgana e lhe apresentou um outro modo de experimentar sua vida. Uma relação afetiva que a transformou, um amor marcado em seu ser, seu corpo e pele. Um transbordamento de sensações que reverberam para além de si. A bicicleta e seus resgates mais sensíveis. Por onde mais podem pedalar os desejos de seres pedalantes?

---

### **Por onde pedalam os desejos do Bruno Ricardo?**

(Postado em 15 de dezembro de 2015)

"A bicicleta resgatando vidas e dando novo significado a elas!!! Foi exatamente assim que aconteceu comigo, eu vivia de forma errante e pouco preocupado com o que o futuro me reservava, era impulsivo e só me interessava por coisas

vazias que me anestesiassem de uma realidade que eu insistia em fugir. Meus pais se separaram e eu estava no auge da pré-adolescência, embora não admitisse e mesmo não quisesse aceitar, eu me sentia sozinho e perdido em meio a um turbilhão de sentimentos confusos. Busquei alento em amizades cuja influência não era muito boa, muito novo, com 15 anos, passei a viver de forma desregrada e alheio aos sentimentos das pessoas que me amavam, foi um período muito difícil que se estendeu por alguns anos e quando dei por mim, havia perdido muito mais que tempo, havia perdido tudo. Tive complicações de saúde por conta do histórico de excessos que ostentava e diante do diagnóstico de um cardiologista que me orientou a buscar uma válvula de escape para descarregar toda a minha adrenalina, encontrei a bike. Engraçado como as melhores coisas acontecem quando menos esperamos e até mesmo quando menos merecemos. Meu pai na ânsia de me ajudar e me ver liberto das coisas que me faziam mal, comprou uma bicicleta no Carrefour, simples, uma Top Bike, foi então que comecei meu relacionamento sério com ela. No início fazia passeios com o grupo ciclístico chamado Guaribike que me acolheu com muito carinho, embora eu guardasse alguma vergonha de pedalar em uma magrela tão simplória e todos ali desfilando suas máquinas de carbono. Em seguida tive o privilégio de ganhar do meu pai uma bike aro 26 (caloi 2.4).. a alegria foi tamanha que neste ano as conquistas foram acontecendo. Eu era um menino que enfim havia encontrado seu brinquedo favorito, apaixonei-me pela sensação de liberdade, de poder ir e vir usando a força das minhas próprias pernas, poder socializar de forma sadia com as pessoas. Mas o formidável ainda estava por vir, em uma viagem que fiz a Minas Gerais, tive o privilégio de conhecer o MTB, aí sim, foi um pulo para a paixão se transformar em

amor. Trilhas... ah como eu sou apaixonado nelas!!! É em cima de um selim em meio a natureza é que encontro minha paz, minhas asas e minhas raízes. Todo o passado de esbórnica, descaso com a minha saúde, farra e indiferença com a preocupação dos que mais me amavam, ficou definitivamente para trás, a bicicleta me moldou e enalteceu os bons sentimentos que por algum motivo estavam inertes dentro de mim. Na modalidade Mountain Bike passei a participar de competições oficiais, sempre galgando os degraus com humildade e persistência, hoje coleciono algumas medalhas e títulos, inclusive de Bi Campeão Amazonense na categoria Turismo 2013/2014 e Vice-Campeão na categoria Elite 2015 com o apoio da Equipe Cicloam, além dos títulos mais importante da minha carreira ate agora Desafio Januári 80km 1 Lugar. na categoria elite e o OutdoorChallengeMarajó 3 Lugar na categoria Aruanãs 75km. E não parou por aí, minha relação com a magrela é tão especial que extrapolou o liame do pedalar, passei a trabalhar na mecânica do negócio, entender o mecanismo todo de engrenagens, peças, componentes, enfim, a estrutura que dá forma e utilidade a ela também me fascina. Sonhos todos nos temos e os meus incluem a bicicleta que não só deu sentido a minha vida como se tornou parte fundamental da mesma. Venci, venci com uma diferença enorme e infinita, deixei pra trás, toda e qualquer possibilidade de coisas ruins em minha vida, hoje não sou somente um ciclista, sou um profissional do ciclismo, sou um profissional de mecânica de bike e com a ajuda de todos consegui vencer a maior de todas as provas de MTB, venci as barreiras das desuniões, superando as curvas sinuosas do cotidiano, com Deus no coração, nasci pra vida...!!!!"

Um encontro que possibilitou potências múltiplas. Sentidos

que tomaram forma a partir da intensidade com que foram compartilhando os momentos pedalísticos. Paixões construídas com as diferentes bicicletas que foi conhecendo, e assim conhecendo-se a si mesmo! Encontrando-se! Descobrimo-se! Construindo-se ser pedalante!

---

### **Por onde pedalam os desejos de Gutemberg Cunha?**

(Postado em 31 de dezembro de 2015)

"Na minha infância tive várias dificuldades em aprender a falar, quando enfim consegui, aos quatro anos, a primeira palavra que tentei dizer foi Bicicleta. Um belo dia minha Tia Joana Dark me presenteou com uma Ceci Aro 16 bem antigas, a partir daí começou minha paixão por bicicletas. Tive várias e não parava em casa, chegava da escola as vezes nem tirava o uniforme, deixava a mochila em casa e ia direto pra rua pedalar.

A bicicleta foi uma paixão da minha vida, eu era muito danado “confesso que ainda sou um pouco”. Aos 10 anos de idade, precisamente na data 03/10/2000, me lembro como hoje, fui à casa da minha tia Edna e da minha prima Gicelly, e quando deu 11:00 horas da manhã fui pra casa porque eu teria prova de matemática. Entrei em casa falei com minha mãe, ela disse pra eu ir tomar banho para ir para escola. Naquele momento eu tinha visto um Caminhão de som e era louco por isso, falei para a mãe que já ia e peguei minha bicicleta e fui segurando no caminhão até certo ponto. Logo após um tempinho a frente soltei e fui acompanhando. Mas em frente tinha um garoto andando no asfalto, eu pedi para ele sair, mas não sei o que se passou. O fato é que eu bati com o guidão da bicicleta no braço dele e cai em baixo do caminhão. que passou em cima de mim.

Fiquei muito ferido, em coma, vários meses no hospital e com sequelas que carrego comigo até hoje, uma delas é a paraplegia. Meu reencontro com a bicicleta ocorreu 13 anos após o acidente. Começou quando vi via rede social algumas fotos de uma bicicleta adaptada, e através de meus amigos, que se reuniram e fizeram uma campanha e uma empresa (Hosmed) que ajudou também conseguiu chegar no objetivo. Quando me encontrei com ela fiquei muito feliz e ao chegar em casa fui logo montando-a e no outro dia já fui pedalar e foi uma coisa incrível e empolgante, poder retornar a pedalar mesmo sendo de outra maneira, mas o giro e o exigimento físico são os mesmo (ou até melhor risos), fui logo pedalar mais de 10km no dia. Foi muito bom, um dia inesquecível.

Espero nunca ficar limitado a ponto de não poder pedalar, Pedalar é vida, paixão e é levado por amor, só quem realmente ama pedalar sabe o que estou falando." Gutemberg é para-atleta e tem um desejo de fazer uma cicloturagem: "é uma experiência que quero ter em minha vida sobre rodas" (sic). Uma história que ultrapassou qualquer barreira, que possa existir, da paixão por pedalar. Encontros potentes e reencontros libertadores.

Bicicletas e suas histórias apaixonantes! Bicicleta é também inclusão.